**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

TATIANA DE OLIVEIRA SOUSA

Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957.

RIBEIRÃO PRETO

2014

TATIANA DE OLIVEIRA SOUSA

Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de pesquisa: Estudos sobre a conduta, a ética e a produção do saber em saúde.

Orientador: Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi

RIBEIRÃO PRETO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Sousa, Tatiana de Oliveira

Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957. Ribeirão Preto, 2014.

118 p.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientador: Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi

1. Enfermagem.
2. História da Enfermagem.
3. Cotidiano.
4. Escolas de Enfermagem.

SOUSA, Tatiana de Oliveira

Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em / /

Comissão Julgadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a Deus,
ao meu esposo e a minha família.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela sua compaixão, pela sua graça, pela sua bondade, que estão sempre presentes, sustentando-me nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais Wilson e Fátima, que nos ensinamentos da vida, foram mestres. E em minha caminhada, ensinaram-me a agir com dignidade, honestidade e respeito.

Ao meu esposo Matheus, pelo seu amor, companheirismo, compreensão, e por me apoiar, sempre, em minhas escolhas e decisões.

À minha irmã Luciana e meu cunhado Romeu, pela amizade, carinho e dedicação, e por poder contar com vocês sempre.

À minha orientadora Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi, pela orientação, dedicação, paciência, e principalmente, pela amizade durante todo o processo.

Aos meus amigos “TFs” pela força e energias positivas.

Ao Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim e à Profa. Dra. Margarita Antonia Villar Luis, por terem aceitado participar desta banca e por suas contribuições para o enriquecimento desse trabalho.

À Profa. Dra. Isabel Amélia Costa Mendes e ao Prof. Dr. Fernando Porto, pelas contribuições e sugestões para esse trabalho.

À Carla Bastos pela colaboração, pelos conselhos, e por compartilhar os momentos de dificuldades com bom humor.

Aos amigos Laesheanos, pela parceria.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo fomento para a realização da pesquisa no período de 2009 a 2011.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa de Mestrado, no período de 2012 a 2014.

A todos os meus amigos e familiares, pois de alguma forma contribuíram durante esse processo.

“Os homens fazem a sua própria história, mas não o fazem como querem... a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”.

(Karl Marx)

RESUMO

SOUSA, T.B. Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957. 2014. 118p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o cotidiano das alunas pioneiras (1953-1957) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Trata-se de estudo de perspectiva histórica com utilização do método da História Oral e análise documental. Esta metodologia foi empregada em virtude da necessidade de construir fontes sobre os primórdios da EERP-USP. A comunidade de destino, no presente estudo foi composta por todos os estudantes que conviveram na EERP-USP, de 1953-1957. Destaca-se como colônia as egressas da primeira turma, composta por dez (10) alunas, sendo duas já falecidas. Deve-se ainda considerar a existência de duas redes, em virtude do regime de internato não obrigatório adotado pela EERP-USP: 1ª. rede - alunas que residiram no internato, 2ª. rede - alunas que não residiram no internato. Foram realizadas 7 entrevistas, dentre as quais, cinco (5) foram analisadas segundo o conjunto de técnicas para análise de conteúdo de Bardin (2005). Foram elencadas 286 unidades de análise, dentre essas, 130 foram excluídas em razão de não explicitarem o cotidiano das estudantes pioneiras, segundo o referencial teórico adotado. O corpus documental analisado foi composto por 156 unidades de análise elencadas em seis (6) categorias: Organização da vida privada; Organização do trabalho; Lazer; Preconceito; Descanso e Intercâmbio. Observa-se que a instauração da imagem da enfermeira diplomada em Ribeirão Preto, através da EERP-USP enfrentou obstáculos frente à presença de preconceitos da sociedade local em relação a imagem do enfermeiro. Estratégias de marketing como palestras, rádio, prospectos foram colocados em prática no sentido de divulgar a enfermeira diplomada. A formação da enfermeira, na EERP-USP, através não apenas do ensino, mas de todo o processo de emolduramento comportamental das alunas, contribuiu para a divulgação da profissão. Para o alcance desses objetivos, observou-se que o cotidiano das estudantes foi cercado de estratégias de vigilância hierárquica e sanções normalizadoras, que permitiram assimilação de um “comportamento modelo” e exemplar com vestígios de influência canadense, no ensino e comportamento. Por outro lado, a formação científica, cultural e comportamental, promovia a formação de estudantes de elite, com possibilidade alcance de cargos de liderança no campo científico da Enfermagem nacional e internacional.

Palavras chave: Enfermagem, História da Enfermagem, Cotidiano, Escolas de Enfermagem.

ABSTRACT

SOUSA, T. B. Daily life of the pioneer students of the University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing: 1953-1957. 2014. 118p. Dissertation (Master's Degree) - University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing, Ribeirão Preto, 2014.

The study has as its object the daily lives of pioneer students (1953 to 1957) of University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing (EERP-USP). Historical perspective study with use of oral history and documentary analysis method. This methodology was used because of the need to build sources about the beginnings of EERP-USP. The community (individuals) in this study consisted of all students who lived in EERP-USP, between 1953 and 1957. The colony ex-students from the pioneer students, consisting of ten (10) women, two deceased. We must also consider the existence of two networks, because of the not mandatory boarding school model adopted by EERP-USP: 1st. network - students who lived in the faculty, 2nd. network - students who not lived in the EERP-USP. Were performed 7 interviews, which five (5) were analyzed according to the set of techniques for content analysis of Bardin (2005). Were examined 286 units of analysis, among these, 130 were excluded because of not meaning the daily life of the pioneer students, according to the theoretical approach. The documentary corpus analyzed was composed of 156 units of analysis listed in six (6) categories: Organization of privacy; Organization of work; leisure; prejudice; Rest and exchange. It is observed that the introduction of the image of the registered nurse in Ribeirão Preto, through EERP-USP faced obstacles because of prejudices of the local community regarding the image of the nurse. Marketing strategies such as lectures, radio, flyers were put into practice in order to promote the image of registered nurse. The nurse training in EERP-USP, not only through education, but the whole process of behavioral framing of the students, contributed to the dissemination of the profession. To achieve these goals, it was observed that the daily lives of students was surrounded of hierarchical surveillance strategies and normalizing rules allowing assimilation of a "model behavior ", exemplary, with traces of Canadian influence in teaching and behavior. On the other hand, scientific, cultural and behavioral training, promoting the formation of elite students, with possibility of reaching leadership positions in the scientific field of national and international nursing.

Keywords: Nursing; History of Nursing; Daily, Nursing Schools.

RESUMEN

SOUSA, T.B. La vida cotidiana de las alumnas pioneras de la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto: 1953-1957. 2014. 118p. Disertación (Maestría) - Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

El presente trabajo tiene como objeto de estudio la vida cotidiana de las alumnas pioneras (1953-1957) de la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo (EERP-USP). Estudio de perspectiva histórica con uso de la historia oral y análisis documental. Esta metodología se utilizó debido a la necesidad de construir fuentes sobre el inicio de la EERP-USP. La comunidad de destino, en este estudio consistió de todos los estudiantes que vivían en la EERP-USP, entre 1953-1957. Se destaca como colonia los estudiantes pioneros, compuesto por diez (10) estudiantes, dos fallecidos. También debemos considerar la existencia de dos redes, debido al régimen de internado no obligatorio adoptado por EERP-USP: Primera red - los estudiantes que han residido en la escuela, Segunda red - no estudiantes que no han residido en la escuela. Se realizaron 7 entrevistas entre los cuales cinco (5) se analizaron de acuerdo con el conjunto de técnicas de análisis de contenido de Bardin (2005). En el total 286 unidades de análisis, entre ellos, 130 fueron excluidos por no detallar la vida cotidiana de las estudiantes pioneras, de acuerdo con el enfoque teórico. El corpus documental analizada estuvo compuesta por 156 unidades de análisis que figuran en seis (6) categorías: Organización de la vida privada; Organización de trabajo; Ocio; prejuicio; descanso y el intercambio. Se observa que la introducción de la imagen de la enfermera diplomada en Ribeirão Preto, a través de EERP-USP enfrentó obstáculos en razón de prejuicios en la comunidad local con respecto a la imagen de la enfermera. Estrategias de marketing, tales como conferencias, radio, folletos se pusieron en práctica con el fin de promover la enfermera diplomada. La formación de enfermeras en la EERP-USP, no sólo a través de la educación, sino que todo el proceso de vigilancia de la conducta de los estudiantes, han contribuido a la difusión de la profesión. Para alcanzar estos objetivos, se observó que la vida cotidiana de los estudiantes estaba rodeada de estrategias de vigilancia y reglas normalizadoras jerárquicos que permitió la asimilación de un "modelo a seguir", ejemplo, con vestigios de la influencia del Canadá en la enseñanza y el comportamiento. Por otro lado, la formación científica, cultural y de comportamiento, promoviendo la formación de estudiantes de élite, con posibilidad de alcanzar posiciones de liderazgo en el campo científico de la enfermería nacional e internacional.

Palabras clave: Enfermería; Historia de la Enfermería; Vida Cotidiana, Escuelas de Enfermería.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fluxo das entrevistas e pontos-zero - primeira turma	39
Figura 2	Folder institucional de divulgação da EERP-USP: A nação precisa de enfermeiras.....	46
Figura 3	Folder EERP-USP: A nação precisa de enfermeiras: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo	50
Figura 4	Folder - <i>The Nation Needs Nurses – Skidmore College Trains Nurses</i> – Tradução: A Nação precisa de enfermeiras.....	50
Figura 5	Figura 5 - Capa do folder de divulgação da Escola de Enfermagem da USP (EE-USP)	51
Figura 6	Colação de grau da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local - Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto	54
Figura 7	Colação de grau da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local - Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto	54
Figura 8	Missa de formatura da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local - Capela da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto	56
Figura 9	Missa de formatura da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local- Capela da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto	56
Figura 10	1ª. Sede da EERP-USP - 1952-1955, Rua Visconde de Inhaúma, nº 757.....	63
Figura 11	Alunas da primeira turma no jardim da igreja catedral de Ribeirão Preto, ao fundo observa-se a Sede da EERP-USP - 1952-1955, Rua Visconde de Inhaúma, nº 757	64
Figura 12	2ª. Sede da EERP-USP: 1955-1969, Rua Duque de Caxias, nº 827, Palacete Innecchi.....	64
Figura 13	Primeira turma da EERP-USP em frente ao Palacete Innecchi.....	65
Figura 14	Alunas da primeira turma em estágio no Hospital das Clínicas. Código FE139	72
Figura 15	Alunas da primeira turma em estágio no Hospital Santa Tereza. Código FE13512 ..	72
Figura 16	Recorte de Jornal congratulando Glete de Alcântara, Umarani Chatterji e Lucia Jardim pela cerimônia de Colação de Grau.....	76
Figura 17	Recorte de Jornal destaque para Glete de Alcântara e Lucia Jardim	76
Figura 18	Folder de divulgação institucional da EERP-USP	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Primórdios da enfermagem no Brasil	15
1.2 Enfermagem na Universidade de São Paulo.....	18
1.3 Profa. Glete de Alcântara e a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto	19
2. OBJETIVOS	25
2.1 Geral	25
2.2 Específicos.....	25
3 METODOLOGIA.....	27
3.1 Pesquisa documental	27
3.2 História Oral	28
3.3 Procedimentos éticos	32
3.4 Referencial teórico.....	33
4 RESULTADOS	37
4.1 Realização das entrevistas	37
4.1.1 Detalhamento das entrevistas	39
4.2 A primeira turma	43
4.2.1 Escolha da carreira.....	43
4.2.2 O processo seletivo: a entrada na EERP-USP	52
4.2.3 Formatura da primeira turma.....	54
5 COTIDIANO DAS ALUNAS PIONEIRAS.....	59
5.1 Organização da vida privada (23 unidades de análise – 15% - localização – todas as 5 entrevistas).....	59
5.2 Organização do trabalho (24 unidades de análise – 15% - localização – todas as 5 entrevistas).....	70
5.3 Lazer (12 unidades de análise – 8% - localização – 4 entrevistas).....	79
5.4 Preconceito (15 unidades de análise – 10% - localização – 4 entrevistas).....	83
5.5 Descanso (1 unidade de análise – 1% - localização – 1 entrevistas).....	90
5.6 Intercâmbio (81 unidades de análise – 52% - localização – todas as 5 entrevistas).....	90
5.6.1 Intercâmbio interno entre os estudantes (2 unidades de análise, 1%)	91

5.6.2 Intercâmbio entre estudantes e os docentes (7 unidades de análise, 4%).....	92
5.6.3 Intercâmbio com a Faculdade de Medicina (6 unidades de análise, 4%).....	95
5.6.4 Intercâmbio entre alunos e Diretora (Profa. Glete de Alcântara) (66 unidades de análise, 42%)	96
6 CONCLUSÃO.....	104
7 REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	115
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas do Projeto Matriz	115
ANEXOS	117
ANEXO 1 - Convite de Formatura da Primeira Turma EERP-USP	117
ANEXO 2 - Aprovação Comitê de Ética.....	118

Introdução

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o cotidiano das alunas da primeira turma de enfermeiros (**primeira turma**) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), através da percepção das egressas, levantada sob a perspectiva da História Oral. Esta metodologia foi empregada em virtude da necessidade de construir fontes sobre os primórdios da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, no sentido de proporcionar a construção de uma história “de baixo para cima”, ou seja, influenciado pelas ideias da História Nova, que busca dar voz àqueles que foram calados ou pouco valorizados na história oficial.

Trata-se de recorte do projeto de pesquisa iniciado em 2008, intitulado “*Origens da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto sob a ótica de Gleite de Alcântara*”¹ sob a responsabilidade de Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi (coordenadora desde 2008), Profa. Dra. Margarita Antonia Villar Luis (co-orientadora de 2008 a 2010) e Tatiana de Oliveira Sousa (2008-2010 projeto iniciação científica, 2012-2014 projeto mestrado). Portanto, o presente trabalho traz o fechamento de parte de uma pesquisa que completa sete anos e que entrevistou egressos, funcionários e professores da EERP-USP.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca contribuir com o entendimento da história da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP (EERP-USP), em um período ainda pouco estudado, sob as perspectivas que não se remetam apenas à história oficial, desde a aula inaugural (agosto de 1953) até a formatura da primeira turma (dezembro de 1957).

Entretanto, para compreender o cotidiano da primeira turma faz-se necessário situar a instituição onde essas se formaram (EERP-USP), e como essa instituição se localiza dentro do processo de institucionalização da Enfermagem moderna no Brasil, desde a criação das primeiras escolas até o momento da aula inaugural da EERP-USP.

Trata-se de parte fundamental do processo de pesquisa, uma vez que é possível identificar tendências na formação do enfermeiro no Brasil e como esse contexto faz interlocução com a realidade da primeira turma da EERP-USP. Dessa forma, o presente capítulo abordará essas questões.

¹Auxílio FAPESP dentro da linha de Auxílios a Pesquisa Processo 2008/10170-2 de 01/02/2009 a 31/07/2011.

1.1 Primórdios da enfermagem no Brasil

Apesar de alguns estudos mencionarem outras possibilidades para o marco histórico da implementação da enfermagem moderna, ainda se tem, de forma predominante, a ideia de modelo de enfermagem segundo Florence Nightingale, com a constituição de sua Escola de Enfermagem em 1860.

Entretanto, observa-se que a conformação do que se entende por ensino de Enfermagem moderna no Brasil e a constituição das primeiras Escolas de Enfermagem, não adotou necessariamente o modelo nightingaleano, pois esse pressupunha a direção da Escola de Enfermagem e do Serviço de Enfermagem por enfermeiro. Nas escolas organizadas por médicos, muitas vezes o modelo nightingaleano não se mostrava interessante, pois implicaria em perda de poder da classe médica na organização dessas escolas.

Os primórdios do ensino de Enfermagem no Brasil remetem ao contexto histórico posterior a libertação dos escravos em 1888, seguido da recessão econômica no país. As grandes cidades receberam acentuada migração de comunidades carentes vivendo em baixas condições de saúde e moradia, contribuindo para o alastramento de epidemias. Em 1889, com a proclamação da República, houve uma série de medidas sanitárias impositivas, mas que se baseavam na remoção de pessoas carentes, atuando apenas na estética da doença e não na sua resolução (GEOVANINI, 2010).

A profissionalização da Enfermagem no Brasil, através de Escolas de Enfermagem, teve sua implantação predominantemente do final do século XIX até a década de 30, do século XX, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2005; CARVALHO, 1976). As Escolas de Enfermagem desse período foram constituídas em virtude de diferentes contextos e cenários, adotando modelos divergentes, muitas vezes influenciados pelas questões das epidemias em curso.

Nesse contexto, pode-se destacar que a profissionalização da Enfermagem no Brasil teve início em 27 de setembro de 1890, com a **Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE)**, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto-UNIRIO, criada pelo Decreto Lei nº 791, no Rio de Janeiro, junto ao Hospício Nacional de Alienados, cujo modelo era inspirado no modelo Francês da Escola de *Salpêtrière*. Nesse modelo, a autonomia da Enfermagem está sob custódia da medicina. A EPEE tinha como objetivo a formação de enfermeiros para atuar nos hospícios, hospitais militares e civis (MOREIRA, 2005).

Ainda no mesmo século, identifica-se a primeira tentativa de adoção do modelo *nightingaleano* no Brasil, no **Hospital Samaritano**, na cidade de São Paulo. Nesse hospital, a partir de 1896, identifica-se Escola de Enfermagem com estudantes em regime de internato, que ficavam sob responsabilidade da *matron* (mesmo nome adotado por Florence Nightingale e que correspondia à gerência da enfermagem) (OGUISSO, 2014). As alunas deveriam ser solteiras e falar inglês, o curso se dava em três anos. Havia aulas ministradas por médicos e demonstração das técnicas por enfermeiros (MOTT, 1999).

No ano de 1908, ainda na cidade de São Paulo, conforme sinaliza Mott (1999) houve a criação de um **Curso de Enfermeiras na Maternidade São Paulo**, com a finalidade de preparar enfermeiras para o campo da obstetrícia, a ideia surgiu do diretor da maternidade Dr. Silvio Maia, com direção do Dr. Nicolau Moreira. O objetivo inicial voltava-se para formação de profissionais que atenderiam a demanda da própria instituição, mas posteriormente houve a proposta de formação de enfermeiras para atuar nos domicílios. A ata da Diretoria da Maternidade, de 04 de julho de 1913, refere à diplomação de três enfermeiras, sinalizando a formação de turmas.

No mesmo ano, 1908, observa-se a criação de um **Curso de Enfermeiras no Hospital São Joaquim**, na cidade de São Paulo, dirigido pela Sociedade Portuguesa de Benemerência, que apesar de contar com profissionais do gênero masculino, optou pela formação exclusiva de mulheres. Foi identificado o registro de enfermeira diplomada pelo curso em 1913, ano que o curso passa por nova regulamentação, por ainda ser considerado insatisfatório. Os candidatos deveriam ter entre 21 e 30 anos de idade, competência para leitura e escrita, seriedade e bons costumes (MOTT, 1999).

O contexto da primeira guerra mundial levou à criação de outras duas escolas de Enfermagem, ligadas à Cruz Vermelha Brasileira, fundada em 5 de dezembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro, presidida inicialmente pelo médico sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917). Em 1914, cria-se a primeira **Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira (CVB)**, na cidade de São Paulo, com formação de dois tipos de enfermeiras: voluntárias ou samaritanas e profissionais ou hospitalares, além de oferecer curso de enfermagem do lar e primeiros socorros (OGUISSO, DUTRA, CAMPOS, 2009).

Em 1916 é criada, no Rio de Janeiro, a **Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira**, com direção técnica do Dr. Getúlio dos Santos. O trabalho dessa instituição foi destaque durante a epidemia de gripe espanhola que assolou o Rio de Janeiro em 1918, várias notícias no texto jornalístico comprovam essa afirmação (AYRES et al, 2010).

No ano seguinte (1917) é criado o **Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo**, em caso de necessidade de encaminhar profissionais para atendimento bélico e para atender a demanda interna da instituição, formou duas turmas de 1917-1920 (PORTO et al., 2012).

Nesse contexto de epidemias, a modernização do modelo de saúde sanitário parecia ser uma saída emergencial e a figura da enfermeira sanitária uma das possibilidades de reverter a situação calamitosa. Nesse sentido, sob influência do médico Carlos Chagas e seu trabalho junto ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), o modelo nightingaleano viria a se consolidar no Brasil.

Carlos Chagas solicita ajuda aos Estados Unidos da América (EUA) para formação de enfermeiras nos moldes observados nos EUA. Nesse sentido, foram enviadas ao Brasil enfermeiras americanas na chamada Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, com liderança de Ethel Parson, para auxiliar na Reforma Sanitária. Por convite da mesma, Claire Louise Kieninger organizou e dirigiu a **Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP)**, posteriormente intitulada Escola de Enfermagem Anna Nery-(EEAN-UFRJ), cujas atividades se iniciam em 1923. O objetivo da escola era preparar enfermeiras para atuar na saúde pública e organização dos serviços de saúde, conforme o modelo nightingaleano anglo-americano. Seu avanço e contribuição para a Enfermagem Brasileira destaca-se na luta pelo espaço da Enfermagem junto à universidade que essa instituição passa a galgar ainda na década de 1930 (BAPTISTA; BARREIRA, 1997).

Em virtude do cenário político de sua criação a Escola de Enfermagem Anna Nery, assume liderança no cenário nacional, consagrando-se como padrão nacional obrigatório a partir do Decreto 20.109 de 15/06/1931, que deixará de ser válido somente com a promulgação da Lei nº 775 de 1949. A Lei nº 452, de julho de 1937, já sinalizava a Escola de Enfermagem Anna Nery como instituição de ensino complementar pertencente à Universidade do Brasil. No decreto 21.321, de junho de 1946, a Universidade do Brasil reconhece a mesma como estabelecimento de ensino superior (OGUISSO, 2014). Eram os primeiros passos da Enfermagem brasileira rumo à universidade.

No âmbito da cidade de São Paulo, destaca-se ainda em 1938, a **Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo** hoje ligada à Universidade Federal de São Paulo – EEHSP-UNIFESP; autorizada a funcionar em outubro de 1938, inicia em 1º de março 1939 suas atividades. A escola sofreu influências da elite paulistana na definição conservadora do perfil ideal de estudantes. Tinha como meta seguir os moldes oficiais do padrão Anna Nery, zelando pela eficiência técnica e capacitação de enfermeiras práticas que tivessem vocação para a profissão (SILVA; GALLIAN, 2009).

Pode-se dizer que as décadas seguintes de 1940 e 1950 já representam uma consolidação da Enfermagem moderna no país, com escolas de Enfermagem vinculadas às Universidades como a Escola Anna Nery, inserida na Universidade do Brasil em 1937, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1942 e a Escola de Enfermagem de Universidade Federal da Bahia, em 1946. Esta expansão recebeu impulso do processo de urbanização que incluía a modernização da rede hospitalar (BAPTISTA; BARREIRA, 1997; SILVA, 1986).

1.2 Enfermagem na Universidade de São Paulo

No contexto paulista, junto à Universidade de São Paulo, o modelo nightingaleano foi adotado em 1942, quando houve a criação de sua primeira Escola de Enfermagem, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP).

A partir do Decreto de Lei Estadual nº 13.040/42, cria-se a **Escola de Enfermagem**, na cidade de São Paulo, anexa à Faculdade de Medicina-USP, tendo como finalidade a preparação de enfermeiros para a atuação em serviços de saúde pública, bem como, atenção hospitalar. O curso era ministrado em três anos, havendo requisito de idade mínima de 18 anos e máximo de 35 anos para o ingresso no curso (CARVALHO, 1980).

A criação da Escola de Enfermagem da USP possui estreita relação com a Fundação Rockefeller, que se comprometendo a financiar a instalação dos laboratórios do novo prédio da Faculdade de Medicina-USP, na década de 1930, impôs algumas condições, dentre as quais estava a criação de uma Escola de Enfermagem. Esta fundação concedeu seis bolsas de estudos à estudantes brasileiras, com formação de educadoras sanitárias, para formação em enfermagem na América do Norte, a fim de auxiliar o processo de estruturação da EE-USP. As bolsas deveriam ser usufruídas por duas alunas a cada ano (PINHEIRO, 1976).

As primeiras a seguir para Toronto foram a Educadora Sanitária Maria Rosa Sousa Pinheiro e Zilda Almeida Carvalho, em 1940. Essas estudantes ingressaram na *School of Nursing of University of Toronto*, no Canadá, com o compromisso, de ao fim de seus estudos, tornarem-se docentes na EE-USP. Entretanto, em virtude do início da Segunda Guerra Mundial, apenas quatro das seis bolsas foram efetivamente usufruídas. Profa. Glete de Alcântara, por indicação de Maria Rosa de Sousa Pinheiro, seguiu ao Canadá em 1941, em companhia de Lucia Jardim (PINHEIRO, 1976).

A história de Profa. Glete de Alcântara está diretamente vinculada à História da Enfermagem no Brasil, pois ela fez parte do grupo de pioneiras que lideraram a implementação da Enfermagem moderna no país, através da criação e direção de escolas de Enfermagem. Deve-se destacar que estas pioneiras advinham de camadas sociais privilegiadas. Dentre estas, destacam-se também Edith Magalhães Fraenkel, Rachel Haddock Lobo e Lais Netto dos Reis (CARVALHO, 1976; SILVA, 1986).

Este período de consolidação da profissão, quando ocorreu a criação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, apresentou eventos de destaque, como a Criação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1942, a realização do I Congresso Brasileiro de Enfermagem, organizado pela Associação Brasileira de Enfermagem, a realização de um estudo nacional sobre a situação da Enfermagem no país, em 1958 e a promulgação da Lei nº 775/49, que refere-se ao ensino de Enfermagem e apresentou muitos avanços para a profissão (SILVA, 1986).

Portanto é neste cenário da Enfermagem moderna e com inserção na universidade que a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto inicia sua história, recebendo influências deste contexto histórico-social.

1.3 Profa. Glete de Alcântara e a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

Profa. Glete de Alcântara, nasceu em 24 de junho de 1910, na cidade de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. Irmã mais velha dos outros nove irmãos, tornou-se responsável pela educação dos mesmos, após o falecimento da mãe (FERREIRA-SANTOS, 1976).

Em 1941, Glete de Alcântara ingressou na *School of Nursing of Toronto*, Canadá, concluindo sua graduação em 1944, com bolsa da fundação Rockfeller. Em 1945, foi contratada pela Escola de Enfermagem da USP, para lecionar “Técnica de Enfermagem”, mas lecionou também “Enfermagem Médica” de 1945-1947. Permaneceu como docente até 16 de março de 1952 (ALCÂNTARA, 1963a).

Enquanto lecionava na Escola de Enfermagem-USP, cursou também Ciências Sociais pela mesma universidade, iniciando o curso em 1947. Em 1950, interrompeu o curso e parte para os Estados Unidos para realização de programa de Pós-Graduação, no *Teacher's College*, Universidade de Colúmbia, obtendo o título de “*Máster of arts*”. No ano seguinte, em 1952, obtém o título de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (ALCÂNTARA, 1963a).

Em 1963, a docente foi a primeira enfermeira a obter o título de catedrática na América Latina, dissertando sobre “História da Enfermagem e Ética” (ALCÂNTARA, 1963a). Profa. Gleite de Alcântara também teve papel importante junto à Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas – atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), em 1952 foi eleita presidente nacional e assumiu novamente a presidência em 1972, interrompida por sua morte, em 1974 (CARVALHO, 1976).

No ano em que assumiu a presidência nacional da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (1952), pela primeira vez, a história de Profa. Gleite de Alcântara se intercala com a história da criação da segunda Faculdade de Medicina no âmbito da USP. Com o aumento excessivo de candidatos ao concurso vestibular para a Faculdade de Medicina da USP (FM-USP), iniciou-se um processo de discussão sobre a necessidade de criar-se uma segunda Faculdade de Medicina, uma vez que estudantes com excelentes notas estavam ficando fora do processo seletivo. Essa discussão levou a criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) e dentro dos debates considerou-se a necessidade da existência de uma Escola de Enfermagem, pois isso colaboraria para o desenvolvimento da assistência à saúde na região (CAMPOS, 2004).

Segundo o parecer da Comissão de Ensino e Regimento da Universidade de São Paulo, a criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) surgiu em resposta à crescente demanda pelo curso, que não mais conseguia absorver o número de estudantes aprovados no vestibular. Para responder a esta questão, optou-se pela criação de uma nova faculdade, em local distante de São Paulo, mas que possuisse destaque geográfico, cultural, econômico e desenvolvimento na educação secundária. Além disso, o número de docentes qualificados na Faculdade de Medicina de São Paulo (FM-USP) possibilitaria o deslocamento de docentes para a nova estrutura didática (CAMPOS, 2004).

Neste contexto, criou-se a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP), em 1948, mas somente em 26 de dezembro de 1951, sob a Lei Estadual nº1467, foi aprovada a estrutura didático-administrativa da FMRP-USP, que ao mesmo tempo criou a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) (SÃO PAULO, 1951).

No artigo 13 da Lei Estadual nº1467, lê-se:

Fica criada a Escola de Enfermagem anexa a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, nos moldes da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a qual manterá cursos de enfermagem e de auxiliares de enfermagem nos termos da Lei Federal nº775, de 06 de agosto de 1949 (SÃO PAULO, 1951).

Consta da ata 312, processo nº 3303-52, de 5 março de 1952, do Conselho Universitário, da Universidade de São Paulo, o contrato de Profa. Glete de Alcântara para a direção da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. O convite teria sido realizado pelo Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, Prof. Dr. Zeferino Vaz, para organizar e fundar o curso de Enfermagem. Entretanto, em discurso na referida ata, Prof. Dr. Zeferino Vaz agradece Prof. Paulo César de Azevedo Antunes, então diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, pela recomendação de Profa. Glete de Alcântara.

O anteprojeto de lei, elaborado pela docente em 1952, e aprovado em 1960, foi considerado, por Profa. Glete de Alcântara, *um marco de progresso*, pois previa as cátedras para a EERP-USP, primeira instituição de Enfermagem brasileira a conquistar as mesmas (ALCÂNTARA, 1962). Além disso, apresentava justificativas para algumas “inovações” inseridas ao currículo: o ensino das ciências sociais atrelado ao ensino de Enfermagem, abordagem da perspectiva preventiva em todas as disciplinas, teoria e prática de administração voltada às necessidades do enfermeiro, didática e psicologia educacional (ALCÂNTARA, 1963b).

Em um dos muitos de seus trabalhos publicados, Profa. Glete de Alcântara menciona ainda outras “inovações” como instituir internato não obrigatório para alunas e presença de psicóloga em seu quadro docente, que tinha também a função de oferecer acompanhamento terapêutico aos alunos (ALCÂNTARA, 1962).

Destacam-se os objetivos iniciais da Escola, alicerçados na implantação das “inovações” expressas no memorial de Profa. Glete de Alcântara, de 1963: as inovações visavam formar enfermeiros que exerceriam cargos de direção em unidades de Enfermagem e outros centros de assistência à saúde, que contemplavam o ensino e a supervisão da categoria auxiliar. Mesmo que a aprovação do projeto tenha ocorrido oito anos depois, a docente refere que seu projeto foi implementado desde o início da Escola. A docente menciona, ainda, ter utilizado modernas técnicas de propaganda sobre a **enfermeira diplomada** para atrair jovens candidatos ao curso (ALCÂNTARA, 1963 a e b).

Segundo a literatura localizada, nesse período, a cidade de Ribeirão Preto contava, em serviços de saúde, com apenas uma enfermeira diplomada, desempenhando, experimentalmente, atividades em ambulatório no setor de Enfermagem (ALCANTARA, 1958).

Apesar da criação oficial em 1951, o início das aulas se dá apenas em 10 de agosto de 1953. A primeira turma de formandas da EERP-USP foi constituída através de dois exames

vestibulares distintos (cinco ingressantes em agosto de 1953 e cinco ingressantes em fevereiro de 1954). O rito de formatura deu-se em 21 de dezembro de 1957 (SIMIELE, et al. 2014).

Desde então, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo galgou um espaço privilegiado na América Latina.

Profa. Glete de Alcântara, assim como outras docentes e as estudantes da primeira turma tiveram a árdua tarefa de apresentar a figura da enfermeira diplomada no contexto de Ribeirão Preto. Nesse sentido, era esperado rigor acentuado acerca do controle do comportamento das estudantes em todas as esferas do cotidiano. Era a primeira turma que se formaria, sobre a **primeira turma**, provavelmente repousavam essas grandes expectativas no âmbito pessoal e profissional.

A instituição destacou-se, na linha histórica da profissão, através da criação do terceiro Programa de Pós-Graduação do País, na década de 1970 e único até os dias atuais na linha de Enfermagem Psiquiátrica, de parceria com a Escola de Enfermagem (EE-USP), que deu origem ao primeiro Programa de Doutorado do país, em 1981, sua designação como Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde, para o desenvolvimento da pesquisa em Enfermagem, desde 1988, na excelência da avaliação dos Programas de Pós-Graduação junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, assim como sua produção científica.

Em detrimento dos avanços das pesquisas, na linha de História da Enfermagem Brasileira, prevalecem muitas lacunas sobre a biografia de Profa. Glete de Alcântara e os primeiros anos de funcionamento da EERP-USP. Nesse sentido, o presente estudo busca vislumbrar os primórdios da instituição, através do relato das alunas “pioneiras” graduadas na primeira turma, de 1957. Além de ampliar o entendimento sobre período pouco estudado, possibilita ouvir a voz daqueles que vivenciaram o início da consolidação da EERP-USP, mas foi omitido, ou pouco destacado na história oficial da instituição.

Nesse sentido, inverte-se a perspectiva da história positivista, de centralização do documento oficial, essa fonte passa a ser meio de comparação e triangulação com a principal fonte de pesquisa: o relato oral.

A valorização da história e construção de uma memória coletiva são também instrumentos de poder. A formação de identidade social agrega coesão, prestígio grupal e status de formador de opinião, impondo respeito e autoridade em níveis diversos. Enquanto possibilidade de poder o domínio de “memórias coletivas” será alvo de disputas e de fundamental importância para grupos que desejam reconhecimento social, podendo ser perpetuado pelos registros documentais, cujos discursos sofrerão influência do grupo

dominante. Desta forma, o conhecimento da história deve abranger os discursos oficiais e os discursos excluídos (BARREIRA, 1999, p.87).

Considerando a valorização da história como instrumento de poder é intrigante observar que uma instituição de impacto na sociedade Brasileira tenha dado pouca voz a sua própria história.

Neste sentido, vislumbrar o cotidiano da primeira turma permite enxergar um recorte importante da evolução da Enfermagem Brasileira (a entrada da Enfermagem na Universidade) através da ideologia da História Nova, construindo novas formas de interpretar a história da EERP-USP, contribuindo para as pesquisas em História da Enfermagem Brasileira, colaborando na sua consolidação, enquanto linha de pesquisa no âmbito do Laboratório de Estudos em História da Enfermagem (LAESHE), vinculado ao Departamento de Enfermagem Psiquiátrica da EERP-USP, assim como da Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF).

Objetivos

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

- ✓ Investigar o cotidiano das alunas da primeira turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

2.2 Específicos

- ✓ Identificar fontes documentais sobre a primeira turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (1953-1957);
- ✓ Construir fontes orais sobre o cotidiano da primeira turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (1953-1957);
- ✓ Analisar o cotidiano da primeira turma, segundo a perspectiva de Agnes Heller (2008).

Metodologia

3 METODOLOGIA

Trata-se de estudo de perspectiva histórica com utilização da abordagem da História Oral e análise documental. Esta metodologia foi empregada em virtude da necessidade de construir fontes orais, em relação ao período de 1953-1957, assim como incorporar as existentes, possibilitando a análise da interlocução entre o discurso oficial e discurso das alunas da primeira turma, a partir da construção de uma história “de baixo para cima”, ou seja, influenciado pelas ideias da História Nova, que propõe dar voz aqueles que não foram considerados no processo oficial da história positivista.

3.1 Pesquisa documental

A pesquisa histórica está alicerçada na coleta e análise de dados e geralmente busca descobrir algo novo, responder questões ou analisar as consequências de eventos passados no tempo presente, resgatar a memória de pessoas, instituições ou culturas. Neste procedimento de pesquisa, são analisadas fontes documentais (documentos, fotografias, relatos de vida, relatos de pessoas que vivenciaram um recorte histórico, prontuários, entre outros), assim como se pode objetivar a construção destas fontes. Os passos da metodologia incluem a localização e identificação das fontes documentais e análise dos dados (BERG, 2004).

A pesquisa histórica geralmente se apoia em documentos para seu desenvolvimento como registros, entrevistas, jornais, atas de reuniões. Neste tipo de pesquisa, os documentos e outros dados serão avaliados criticamente, buscando as causas ou efeitos de situações passadas ou suas implicações nos dias atuais, buscando trazer a tona um novo conhecimento (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

Na pesquisa documental, o pesquisador pode trabalhar com “fichas”, onde se resumem dados das fontes documentais, permitindo uma ordenação e classificação do material em função das variáveis estudadas de forma clara. Esta metodologia sistematizada facilita o processo de redação dos resultados, pois evita a necessidade de manuseio sucessivo dos documentos (ROJAS SORIANO, 2004).

Para o levantamento das fontes, no presente estudo, foram pesquisados os seguintes arquivos: Centro de Memória e Arquivo permanente da Escola de Enfermagem de Ribeirão

Preto (EERP-USP), Arquivo público de Ribeirão Preto, Biblioteca Central do Campus de Ribeirão Preto e de São Paulo. O alvo central de pesquisa foram fotografias, entrevistas gravadas ou filmadas, jornais, decretos, ofícios, atas de reuniões, entre outros documentos que retratassem informações relevantes sobre o desenvolvimento da EERP-USP no período de 1953 a 1957 e sobre a primeira turma.

3.2 História Oral

A pesquisa histórica através de relatos orais existe desde a época de Heródoto (considerado pai da História) e Tucídides, historiadores gregos que utilizavam relatos orais para construção de narrativas históricas (ALBERTI, 2005). Nesse sentido, pode-se dizer que a História Oral é tão antiga quanto a própria história. Meihy (2005, p.28), reportando-se ao tempo de Heródoto, explica que a palavra história, naquele tempo, significava “aquele que viu ou testemunhou”, sendo ainda, considerado o criador do método da História Oral.

Entretanto, o predomínio da história “positivista” consagrou o modelo científico, buscando aproximação com esse padrão, se fortalece o pensamento de que História pode ser escrita exclusivamente através de documentos escritos. Dessa forma, os estudos históricos que utilizavam o relato oral reduziram significativamente, assim como sua credibilidade (MEIHY, 2005).

No século XX destaca-se uma História Nova, uma história global que clama por mudanças no campo da história ampliando os conceitos de aplicabilidade do documento histórico, assim como a multiplicidade de documentos (orais, escritos, arqueológicos, entre outros) (LE GOFF, 2005).

O nascimento do movimento da História Nova é atribuído à Escola dos *Annales*, oriunda da Revista “*Annales D’histoire Economies et Sociales*”, de criação de Lucien Febvre e Marc Bloch, lançada em Estrasburgo, em 1929. A Revista de cunho internacional se propunha a tirar a História do marasmo e do seu confinamento disciplinar (LE GOFF, 2005).

O movimento Francês da História Nova chega ao Brasil, ainda na década de 1970 (SAUTHIER, 2000). O novo modelo apresentava como perspectiva a possibilidade de dar voz a grupos excluídos da história oficial ou rever a história sob novas perspectivas (SANTOS et al., 2001).

O presente estudo tem como referência metodológica principal, a História Oral, esta tem influenciado diretamente no comportamento das áreas de conhecimento, e atuado na concepção de Museus e Arquivos do mundo inteiro. Com o uso de entrevistas, tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com dois empreendimentos: (1) registro, arquivamento e análise de documentos (colhidos através de recolhimento de trabalhos, depoimentos de testemunhos); (2) inclusão de histórias e versões mantidas por seguimentos populacionais, que tenham interpretações próprias, não oficiais, sobre os acontecimentos. O pressuposto da História Oral implica que o pesquisador tenha uma percepção do passado como algo que tem continuidade no presente imediato dos seres, portanto que o processo histórico não está acabado: uma “história viva” (MEIHY, 2005).

Esta perspectiva aproxima-se da ideologia da História Nova, pois questiona a versão oficial da história, e atribuiu significados sociais às histórias dos entrevistados. A História Oral busca narrativa ou testemunhos através do uso de equipamentos eletrônicos, analisando os processos sociais e promove o acesso público. Esta metodologia está agregada a um compromisso de produção de registros permanentes com possibilidade de acesso público para futuras pesquisas (MEIHY, 2005).

No presente estudo, optou-se por trabalhar com a modalidade **História Oral Temática**, que permite o confronto de depoimentos com documentos oficiais em torno de um tema pré-estabelecido pelo pesquisador. Neste caso, é permitido o uso de questionários norteadores e este se apresenta como peça fundamental para elucidação de detalhes específicos. O pesquisador pode e deve, inclusive, confrontar opiniões contrárias de um mesmo tópico (MEIHY, 2005).

A utilização da História Oral como recurso de investigação histórica implica num conjunto de procedimentos, que tem lugar com a elaboração do projeto e tem continuidade com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, transcrição, conferência das transcrições, solicitação de autorização para usar os depoimentos, arquivamento e publicação dos resultados. Não se deve perder de vista a necessidade dos depoimentos voltarem ao grupo que gerou as informações antes da divulgação (MEIHY, 2005).

Realiza-se nesta etapa entrevistas semiestruturadas. Nestes casos, elabora-se um roteiro geral para nortear a entrevista, mas este se mostra dinâmico e com possibilidade de alterações durante a mesma, adequando-se às especificidades do entrevistado, ou de modo geral para as entrevistas futuras. O uso de gravadores ou filmadoras é imprescindível para que não ocorram deturpações da fala do entrevistado (ROJAS SORIANO, 2004).

Para Meihy (2007), o projeto de História Oral deve contemplar o tema, a justificação, problemática e hipóteses, o *corpus* documental e objetivos, os procedimentos, bibliografia e cronograma.

Na presente pesquisa o tema é o *cotidiano da primeira turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, de 1953-1957*. A justificativa encontra-se na possibilidade de dar voz àqueles que vivenciaram o início da consolidação da EERP-USP.

A delimitação temporal é de 1953-1957, sendo assim, a delimitação temporal inicial refere-se ao início das aulas da primeira turma de formandas da EERP-USP, ocorrida em 10 de agosto de 1953, a delimitação temporal final refere-se ao rito de formatura da turma de 1957. Esta delimitação deu-se pela necessidade de construção da imagem da enfermeira diplomada no contexto de Ribeirão Preto, em meados da década de 1950, em virtude da criação da EERP-USP e da presença de poucos profissionais diplomados no município.

Contraditoriamente, o relatório que estudou a viabilidade da criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, considerou adequado o serviço de enfermagem em Ribeirão Preto (ALCÂNTARA, 1963a).

Observando-se os conceitos de Meihy (2007) sobre comunidade, colônia e rede, a **comunidade de destino**, no presente estudo, compõe-se de todos os estudantes que conviveram na EERP-USP, de 1953-1957. A **colônia** por sua vez, possui padrões gerais de uma parcela menor da comunidade de destino. Portanto, destaca-se como colônia as egressas da primeira turma, composta por dez (10) alunas, sendo duas já falecidas. Optou-se no presente estudo, pela tentativa de trabalhar com toda a colônia.

Deve-se ainda considerar a existência de duas redes, em virtude do regime de internato não obrigatório adotado pela EERP-USP. Pode-se definir como **redes** (subdivisão da colônia): **1-alunas que residiram no internato, 2-alunas que não residiram no internato**.

Considerando-se o uso de documentos oficiais neste processo, pode-se dizer que se trata de uma História Oral híbrida, pois relaciona-se com outros suportes documentais. O *corpus* documental será constituído pelas entrevistas realizadas com egressas da primeira turma da EERP-USP e que compõem as redes de alunas internas (regime de internato) e alunas externas (fora do regime de internato). A fim de se determinar as entrevistas iniciais ou **ponto zero**, um levantamento sobre os indivíduos pertencentes a cada rede, no período, foi realizado através da documentação da EERP-USP.

O estudo prévio da temática determinou as entrevistas iniciais, ou “ponto zero”, através de levantamento sobre os indivíduos pertencentes a cada rede. A intenção do **ponto**

zero é o fornecimento de elementos com profundidade suficiente para identificar pontos importantes de investigação. Posteriormente, solicita-se ao entrevistado inicial ou ponto zero que indique os demais integrantes de rede que poderiam contribuir significativamente com o tema do estudo. Recomenda-se que o ponto zero seja a pessoa com mais conhecimento sobre o assunto dentro de sua rede (MEIHY, 2007, p.49). Essa metodologia aproxima-se do modelo denominado “técnica bola-de-neve”.

Para as egressas da primeira turma, a escolha do ponto zero para as entrevistas seguiu os critérios: 1-ser egressa da primeira turma; 2-posteriormente tornou-se docente da instituição, pois o indivíduo teve, por longo período, contato com a instituição, podendo relatar informações significativas sobre o período.

A finalização do número de entrevistas em cada uma das redes foi determinada pela saturação das informações que se apresentam no texto, ou seja, quando as informações apresentam-se repetitivas, sem introdução de novos dados (MEIHY, 2007).

Os dados coletados foram investigados segundo o conjunto de técnicas para análise de conteúdo que segundo Bardin (2005, p.42) trata-se de

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O pesquisador desenvolve um conjunto de operações analíticas de acordo com a natureza do material, buscando produzir uma interpretação fundamentada e válida das temáticas que se apresentam ao longo dos discursos (BARDIN, 1977).

Como técnica de análise de conteúdo, trabalhou-se com a análise categorial, onde o conteúdo dos discursos é desmembrado em unidades, promovendo o reagrupamento e análise deste discurso em temas (análise temática) que representam unidades significativas (BARDIN, 1977).

Os temas utilizados para compor a análise categorial foram baseados nas noções de Agnes Heller sobre o cotidiano.

3.3 Procedimentos éticos

O presente projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) em 27 de novembro de 2008, protocolo nº0970/2008. Foi utilizado um questionário semi-estruturado, abordando questões biográficas do entrevistado, num primeiro momento e posteriormente, as questões pertinentes ao contexto da Escola de Enfermagem no período de 1953-1957 e o cotidiano das estudantes.

Foi inicialmente realizado contato telefônico para uma abordagem inicial e explicação dos objetivos da pesquisa. No caso de aceite, no dia agendado o entrevistado foi esclarecido novamente sobre os objetivos da pesquisa.

Para a realização das entrevistas foi solicitado o Consentimento Livre e Esclarecido aos indivíduos participantes e autorização para utilização e publicação do conteúdo da entrevista através do Termo de Transferência de Direitos Autorais para o projeto, além de solicitar a possibilidade de doação dos direitos autorais para a EERP-USP, com cópia para acesso público junto ao Centro de Memória da EERP-USP, com identificação do entrevistado ou não, de acordo com a decisão destes, após a publicação dos resultados.

A importância desta abordagem, solicitando-se a identificação dos sujeitos, busca possibilitar futuros estudos biográficos. Essa questão foi amplamente justificada no projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP. A entrevista, ao ser doada ao Centro de Memória da EERP-USP, terá uma rica interlocução com os demais documentos, podendo gerar novos estudos sobre gênero, alunos, estruturas de poder na universidade, entre outros, além de promover uma forma de devolução à comunidade de destino, cumprindo uma das funções sociais da História Oral.

As entrevistas foram inicialmente acordadas no mínimo uma, e podiam variar de acordo com a solicitação do entrevistado. O local e horário foram estipulados com antecedência, respeitando a disponibilidade do entrevistado.

As entrevistas foram gravadas em equipamento digital e tiveram sua transcrição literal, seguida de um processo de transcrição, que compõem a textualização da comunicação, de forma clara, se possível, suprimindo-se as questões do entrevistador e incluindo também a comunicação não verbal ocorrida durante a entrevista.

Este material foi entregue ao entrevistado que pôde solicitar inclusões, alterações ou cortes. O pesquisador trabalhou com negociações com o entrevistado, sobre o conteúdo, quando esse solicitou cortes em trechos considerados relevantes. Após a versão final ser

aprovada pelo entrevistado solicitou-se sua autorização para publicação de seu conteúdo (MEIHY, 2007).

Em relação aos documentos iconográficos relativos à primeira turma, pertencentes ao acervo da EERP-USP, foi solicitada a todas as egressas, ou aos seus herdeiros, a doação dos direitos autorais do para a instituição. Todas as egressas ou seus herdeiros aprovaram a iniciativa e doaram os direitos autorais à EERP-USP, oportunizando a ampliação da divulgação de dados sobre a primeira turma.

Da mesma forma, em relação ao fotógrafo responsável pela produção do álbum de formatura da primeira turma, cuja referência menciona “Serviço Fotográfico e Encadernação FOTO MIYASAKA – Ribeirão Preto”, de responsabilidade do fotógrafo Tony Miyasaka. A autorização da herdeira do fotógrafo para uso das imagens foi obtida em 9 de agosto de 2013.

Após esses procedimentos foi solicitada à atual direção da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) autorização para uso das imagens relativas à primeira turma, visto que legalmente, no momento, à EERP-USP detém os direitos autorais das mesmas. A autorização foi aprovada em 05 de agosto de 2013.

3.4 Referencial teórico

As décadas de 1950-1960 são marcadas por intenso processo de industrialização e do consumo nos países ocidentais. Em fins da década de 1960 cresce a visibilidade dos movimentos reivindicatórios nos grupos de operários, estudantes, mulheres, negros e homossexuais, assim como os protestos contra a Guerra do Vietnã e as ditaduras militares, nos países da América Latina. Destaca-se ainda o processo de mudanças e transformações no cenário político do leste europeu (LEVIGARD; BARBOSA, 2010).

Em meio a essas transformações culturais, sociais, políticas e comportamentais, surgem importantes questionamentos na esfera das ciências sociais, era necessário, portanto, a construção de novas formas de pensar o entendimento desse novo cenário de uma complexa realidade social. A década de 1970, nesse contexto, revela novas contribuições teóricas para o entendimento dessa nova realidade e sobre a manutenção e reprodução das formas de poder no meio social, dentre esses estudos houve destaque para os estudos sobre o cotidiano. (LEVIGARD; BARBOSA, 2010).

O tema cotidiano ganhou evidência nos estudos do período, dentre os autores que se tornaram referência para o assunto destacam-se as obras “O Cotidiano e a História” (1970), de Agnes Heller, “O Direito e a Cidade” (1969), e “A Revolução Urbana” (1970) de Henri Lefebvre, além do artigo publicado em 1974 por Michael de Certeau, que foi o catalizador de um estudo realizado entre 1974 e 1978 o qual transformou-se na publicação “A Invenção do Cotidiano” em 1980 (LEVIGARD; BARBOSA, 2010).

Uma dessas importantes referências, nascida em Budapeste, na Hungria em 1929, Agnes Heller cursou Filosofia na Universidade *Eötvös Loránd*, onde foi aluna e seguidora de Georg Lukács, tornando-se posteriormente, sua assistente e colaboradora intelectual (COUTINHO; KONDER, 2008).

Sua principal linha de pesquisa é sobre as relações entre a ética e a vida social, publicou sua primeira obra em 1956: “*A Ética de Techernichévski*”, que retrata a análise problemática do “egoísmo racional”, publicou também “*A Dissolução de Padrões Morais*” (1957), e “*A Sociologia da Moralidade ou a Moral da Sociologia* (1963)”. Em 1966, Heller publicou “*Papel Social e Preconceito*”, em idioma húngaro, cujo tema é retomado em sua obra “*O Cotidiano e a História*” (1970) de edição original alemã. (COUTINHO; KONDER, 2008).

Agnes Heller, juntamente com Ferenc Fehér, György Márkus e Mihály Vajda, integraram a escola denominada *Escola de Budapeste*, foi formada pelos orientandos mais próximos do filósofo Georg Lukács, Heller foi considerada por Lukács o membro mais produtivo da *Escola de Budapeste* (COUTINHO; KONDER, 2008).

A Escola de Budapeste opõe-se ao historicismo subjetivista e às versões “estruturalistas” do marxismo. Para a Escola de Budapeste a concepção de marxismo trata-se de uma ontologia do ser social (COUTINHO; KONDER, 2008).

Nesse contexto, o presente estudo apoia-se nas noções de Agnes Heller sobre o cotidiano. Para Heller (2008), a história é a substância da sociedade, sendo assim, o homem enquanto “substância” da sociedade tem o papel de construir e transmitir cada estrutura social, conferindo-lhe a continuidade da estrutura social e dos valores sociais. Entretanto, o ser humano em si não pode ser essa substância, pois a essência humana é também histórica. Portanto, a substância da sociedade é, senão a própria história.

Para a autora, a vida cotidiana refere-se a “vida do homem inteiro”, que é heterogênea, e principalmente em relação ao conteúdo e ao significado que se atribui às atividades diárias, sendo partes orgânicas da vida cotidiana: **a organização da vida privada e do trabalho, o**

lazer, o descanso, as atividades sociais sistematizadas, a purificação e intercâmbio (HELLER, 2008).

Em análise sobre a obra de Agnes Heller, Rossler (2004), destaca que as interações sociais tais como o trabalho, lazer, a formação dos costumes e hábitos, utilização da linguagem, bem como a incorporação de normas de comportamento e as leis implícitas nesses, são parte da vida cotidiana, realizadas sem reflexão, portando, que se consolidam de maneira espontânea em uma relação inconsciente com esses elementos da vida humana.

A vida cotidiana é a vida do homem em sua integralidade, individualidade e personalidade, todos os sentidos, valores, sentimentos, ideologias, poder de manipulação, paixões, mas, mesmo que todas as suas capacidades estejam em funcionamento não é possível realizá-las em toda sua intensidade (HELLER, 2008).

Para que o homem se torne indivíduo é necessário que ele transforme os objetivos e anseios sociais em objetivos e anseios próprios no espaço de sua particularidade, dessa forma sua particularidade passa a ser “socializada” (HELLER, 2008, p. 108).

Em análise sobre a obra de Agnes Heller, Rossler (2004), destaca que para Heller em toda e qualquer forma de vida em grupo, por mais primitiva que seja, encontram-se normas de convivência e uso de determinados costumes, portanto todo e qualquer indivíduo deve adaptar-se a essas regras de conduta social. Nesse sentido, essas normas regem o comportamento do indivíduo nos mais diferentes âmbitos, no comportamento, modo de se vestir, formas de intercâmbio, comportamento sexual, entre outros.

Desta forma, o presente trabalho tem como meta analisar o cotidiano das estudantes da primeira turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, no período de 1953-1957, sobrepondo os discursos oficiais e não oficiais, segundo as noções de cotidiano de Agnes Heller (2008). Nessa perspectiva, o discurso não oficial será analisado a partir de partes orgânicas da vida cotidiana: a organização da vida privada e do trabalho, o lazer, o descanso e o intercâmbio, assim como a identificação das normas de convivência, evidência de preconceitos, e regras estabelecidas no grupo das estudantes da EERP-USP para a manutenção do pertencimento ao grupo da primeira turma.

Deve-se destacar que a análise do cotidiano das estudantes está relacionada à memória coletiva, que foi construída nesse processo. Considerando-se as devidas implicações disso, não se objetiva chegar a um consenso do que seja “verdade”, de descrição de fatos verídicos, mas analisar as diferentes interpretações da história impregnadas na memória daquelas que vivenciaram o cotidiano da primeira turma da EERP-USP, na década de 1950.

Resultados

4 RESULTADOS

Para o levantamento dos nomes das alunas da primeira turma foi utilizado os dados do ***“Projeto Turmas 1957-1987: Resgatando a Identidade dos Personagens: Relato de Experiência”***, desenvolvido no Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), que realizou o levantamento do nome dos formandos das trinta (30) turmas da EERP-USP 1957-1987, que não possuíam placa comemorativa no hall central da instituição (LUCHESE; et.al, 2007).

Entre 2008 e 2013, foram localizadas as egressas da primeira turma através dos sites de busca da empresa de telefonia, “Telefônica” (www.telefonica.com.br) e o site de busca telefônica “Telelistas” (<http://www.telelistas.net/>). A busca pelas egressas mostrou-se complexa, em muitos casos a ex-aluna foi localizada graças à manutenção de contato com egressas localizadas ou via informações contidas nos históricos escolares.

4.1 Realização das entrevistas

O ponto zero para as entrevistas foram três egressas da primeira turma, que posteriormente tornaram-se docentes na instituição (portanto permanecerem mais tempo em contato com a EERP-USP). Nesse estudo, as entrevistadas foram identificadas por nomes fictícios inspirados e/ou adaptados na nomenclatura científica de espécies ou famílias de orquídeas, visto o grande interesse de Profa. Gleite de Alcântara nesse grupo de plantas, razão pela qual a EERP-USP possui um orquidário em sua homenagem, no corredor central da instituição, desde 2000.

Segundo Hanna A. Rothschild, amiga de Profa. Gleite de Alcântara, ela manifestava interesse por cultura de um modo geral, música, literatura, arte, entre outros. Para ela, quando Profa Gleite de Alcântara interessava-se por algo, ela se dedicava e aprofundava seus conhecimentos no assunto de modo intenso. Assim foi seu interesse pelas orquídeas, Profa Gleite de Alcântara não gostava apenas de orquídeas como também entendia do assunto (ROTHSCHILD, 1976).

Considerando outras entrevistas realizadas que não compõem o presente estudo, também houve destaque na memória coletiva das egressas a lembrança das orquídeas de Profa. Glete de Alcântara e o interesse dela pelas mesmas.

Em entrevista com a Profa. Helena Maria Panizza Nador, uma das primeiras docentes contratadas pela EERP-USP, formada em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras-USP², destaca-se a seguinte passagem:

Em relação às travessuras das alunas, coisas de internato! Mas eu não tinha essa coisa de beliscar³ [...], não eram do meu tempo as orquídeas. Devia ter uma orquídea ou outra pendurada na jabuticabeira, mas não era do meu tempo. O meu tempo era das begônias. Desde a Visconde de Inhaúma, quando eu entrei na Escola Glete cultivava as begônias.

Das dez egressas da primeira turma, duas são falecidas, quatro foram localizadas entre 2008 e 2009, três entre 2010 e 2012 e uma das egressas, apesar de telefone localizado, não foi possível contatá-la mesmo após diversas tentativas. Somente em fins de 2013 o contato foi possível, mas por questões pessoais a egressa ainda não pôde agendar a entrevista. Três entrevistas foram realizadas na cidade de Ribeirão Preto, uma na cidade de São Paulo, uma na cidade de Campinas e uma na cidade de Curitiba – Paraná.

Os pontos-zero, segundo os critérios estabelecidos, são constituídos pelas egressas Acália, Éria e Laélia. Em 2009, o recurso audiovisual de filmagem foi adicionado ao projeto, após a devida autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP, através de um adendo ao atual projeto e realizado somente em algumas das entrevistas, quando havia autorização do entrevistado. O processo entre entrevista, transcrição, conferência pelo entrevistado, solicitação de alterações ou cortes, nova conferência e liberação do arquivo, durou em média 12 meses, fato que dificultou de maneira significativa, a realização desse estudo.

Em virtude do regime de internato, são consideradas “internas” as egressas que viveram em regime de internato e “externas” as que residiam junto com suas famílias.

² Entrevista realizada pela Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi, em 2011, pertencente ao acervo do Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (LAESHE).

³ Referência à fala de uma aluna que mencionou que as estudantes beliscavam as orquídeas de Profa. Dra. Glete de Alcântara quando havia alguma repreensão mais séria.

Figura 1 – Fluxo das entrevistas e pontos-zero - primeira turma.

4.1.1 Detalhamento das entrevistas

➤ Entrevista 1: Laélia

A primeira entrevista foi realizada com Laélia. A entrevista foi realizada no dia 12 de fevereiro de 2008, por Tatiana Oliveira de Sousa, na residência da mesma. Foi acrescentada ao estudo uma entrevista de Laélia, realizada em 1990 e doada ao CEMEERP-USP. A entrevista foi transcrita e entregue para a entrevistada, assim como a existente no CEMEERP-USP para conferência e correções. Foi acordado um prazo de uma semana para devolução da transcrição, com possibilidade de prorrogação do prazo, se necessário.

Após o tempo estabelecido, não foi solicitado alterações no material e o termo de transferência de direitos autorais foi então assinado, relativo às duas entrevistas. Laélia concordou, ainda, com a doação da transcrição da entrevista para o CEMEERP, com

identificação de sua identidade, em agosto de 2008. Durante a entrevista Laélia indicou a também aluna Vanda para a entrevista subsequente e menciona a egressa Ada.

➤ **Entrevista 2: Vanda**

A segunda entrevista foi realizada com Vanda. A entrevista foi realizada no dia 13 de fevereiro de 2008, por Tatiana Oliveira de Sousa, na residência da mesma. A entrevista transcrita foi entregue à entrevistada, em fins de fevereiro para conferência e correções. Foi acordado um prazo de uma semana para devolução da transcrição, com possibilidade de prorrogação do prazo, se necessário.

Vanda solicitou correções e houve pedido de remoção e acréscimos de trechos na transcrição da entrevista. Os preceitos da história oral sugerem que o pesquisador busque a negociação com o entrevistado quando existe solicitação de cortes. Neste caso, houve esta tentativa, mas compreendendo a manifestação da entrevistada, removeram-se os trechos solicitados. As correções foram entregues novamente em fins de março, quando a entrevistada precisou ausentar-se por motivos de viagem por aproximadamente dois meses. No período de junho a início de agosto, a entrevistada solicitou outras três correções, com novas remoções e acréscimos que foram corrigidos, conforme indicação da mesma.

A versão final foi aprovada pela entrevistada em 10 de agosto de 2008. Não houve citação de outros estudantes na fala de Vanda e houve doação da transcrição da entrevista para o CEMEERP-USP, com autorização para identificação de sua identidade.

➤ **Entrevista 3: Éria**

A terceira entrevista foi realizada com Éria. A entrevista foi realizada em dois momentos, em fins de março de 2008 e meados de junho, por Tatiana Oliveira de Sousa e Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. A entrevista transcrita teve seu conteúdo revisado quatro vezes pela entrevistada ao longo de 2008 e 2009. A versão final da entrevista foi autorizada pela mesma em fins de fevereiro de 2009. Houve doação da transcrição da entrevista para o CEMEERP-USP, com autorização para identificação de sua identidade. Éria menciona Acália em sua entrevista.

➤ **Entrevista 4: Ada**

A quarta entrevista foi realizada com Ada, que reside fora do município de Ribeirão Preto e cuja localização tomou mais de 12 meses de trabalho de investigação. As demais egressas não tinham seu telefone ou forma de contato. O local de escolha da entrevistada para a realização da entrevista foi a Escola de Enfermagem da USP (EE-USP), em São Paulo-SP. A entrevista foi realizada no dia 6 de junho de 2010, realizada por Tatiana de Oliveira Sousa e Profa. Dra. Luciana Barizon Luchesi. A entrevista transcrita teve seu conteúdo revisado uma vez pela entrevistada, não foi solicitado alterações no material e o termo de transferência de direitos autorais foi assinado. Houve doação da transcrição da entrevista para o CEMEERP-USP em fevereiro de 2011, com autorização para identificação de sua identidade. Sua entrevista destaca todas as egressas da turma, inclusive Silvana (não foi entrevistada, localizada em fins de 2013).

➤ **Entrevista 5: Ania**

A quinta entrevista foi realizada com Ania. A entrevista foi realizada no mês de novembro de 2012, mas como a revisão dos dados ainda não foi concluída, **a entrevista com Ania não foi incluída nos resultados da presente pesquisa.**

➤ **Entrevista 6: Luisia**

A sexta entrevista foi realizada com Luisia, em março de 2013, entretanto, a revisão dos dados ainda não foi concluída. **A entrevista com Luisia não foi incluída nos resultados da presente pesquisa.**

➤ **Entrevista 7: Acália**

A entrevista de Acália não foi realizada pelos presentes pesquisadores, trata-se de fonte documental presente no Centro de Memória da EERP-USP, desde 1990, da qual a entrevistada referiu não ter acréscimos. A transcrição da entrevista foi conferida pela egressa, os direitos autorais doados à EERP-USP e autorizada sua utilização no presente projeto em agosto de 2008.

Destaca-se que apesar de duas entrevistas não terem sido incorporadas no presente estudo, observou-se saturação dos dados durante a realização das entrevistas que compõem o *corpus documental* da presente pesquisa, portanto satisfazendo as metas do estudo. Entretanto, as entrevistas em questão serão finalizadas para futura doação ao Centro de Memória da EERP-USP e futuros estudos.

Destaca-se ainda que as cinco (5) entrevistas com egressas da primeira turma que compõem o presente estudo correspondem a 62,5% dessas egressas que poderiam ser entrevistadas.

Foram elencadas **286 unidades de análise**, constituída por parágrafos que contém ideias centrais. Quando a unidade de análise continha mais de uma categoria, foi contabilizada apenas a que mais de destacava.

Tabela 1: Distribuição do número de unidades de análise segundo a entrevistada.

	Nº de unidades de análise	Número de falas excluídas							Total unidades de análise excluído	Nº de falas final
Egressa		VP ^a	PT ^b	IHP ^c	VE ^d	PS ^e	OPE ^f	F ^g		
Ada	86	16	0	4	2	3	2	1	28	58
Acália	43	34	0	0	0	2	3	0	39	4
Laélia	52	8	4	1	1	1	2	1	18	34
Vanda	56	18	2	3	1	0	2	0	26	30
Éria	49	9	1	4	0	2	3	0	19	30
TOTAL	286	85	7	12	4	8	12	2	130	156

a -Vida Profissional; b - Primeira Turma; c - Incorporação de *Habitus* Profissional; d - Visibilidade da Enfermagem; e - Processo Seletivo; f - Opção pela Enfermagem; g - Formatura.

Para apresentação das unidades de análise usou-se as seguintes legendas: [...] pausa curta; 2- (PAUSA) pausa longa; 3- (texto) informação inserida pelo pesquisador; 4- {...} trecho omitido para evitar identificação do sujeito ou selecionar dados de forma mais sintetizada.

Dentre essas, **130 unidades de análise foram excluídas** em razão de não explicitarem o cotidiano das estudantes pioneiras, segundo o referencial teórico adotado, em sua maioria, tratava-

se de relatos sobre a opção pela enfermagem, processo seletivo de ingresso na EERP-USP, trajetória profissional após a formatura, visibilidade da enfermagem, expectativas ou composição da primeira turma, incorporação de *habitus* profissional e cerimônia de formatura. No universo de unidades de análise excluídas, todos os tópicos, com exceção do item trajetória profissional após a formatura são apresentados no subcapítulo a seguir, pois possibilitam o vislumbramento das relações entre o discurso oficial e não oficial, que colaboram para o entendimento do contexto histórico-social que levou a composição final da primeira turma.

4.2 A primeira turma

Segundo dados levantados, a primeira turma de diplomadas da EERP-USP foi constituída por dez (10) egressas, sendo cinco dessas, ingressantes em 10 de agosto de 1953, e as demais ingressaram em fevereiro de 1954. O grupo final foi constituído por Carmem Silvia Monteiro de Barros Martinelli, Emília Luigia Saporiti, Geraldina Pásseri, Libânia Meirelles, Luzia Aparecida Urbano, Lydia Ferreira, Maria Anna Cerchiaro, Odette Aparecida de Carvalho Bocchi, Vilma Aquino e Zaíra Benedini. Em virtude da pequena quantidade de estudantes, a EERP-USP reuniu os dois grupos e realizou uma formatura integrada em dezembro de 1957. Oito (8) egressas foram localizadas e duas egressas são falecidas. Das oito (8) egressas, sete (7) residem no estado de São Paulo [Ribeirão Preto (3), Jardinópolis (1), Ilhabela (1), São Paulo (1) e Bauru (1)] e uma no estado do Paraná [Curitiba].

4.2.1 Escolha da carreira

Algumas unidades de análise que foram excluídas remetiam à questão da opção pela Enfermagem (12 unidades), localizadas nas cinco entrevistas. Algumas dessas unidades de análise são apresentadas a seguir:

Eu gostei [...] eu sempre ajudei os outros sempre ajudei muito na minha casa, então eu já tenho esse dom de ajudar, Enfermagem a gente ajuda muito! Deve ter sido por isso que eu gostei! Fui lá comecei, gostei e continuei! (Laélia - Interna).

E, havia também uma forte, uma forte ligação, porque com a questão da guerra, minha mãe havia trabalhado como, na cruz vermelha, essas coisas todas, e havia todo esse envolvimento emocional, eu acredito que não era tanto uma vocação, mas talvez uma possibilidade. (**Acalia - Externa**).

Então, em linhas gerais foi o contexto da situação, as emoções familiares, a possibilidade, eu queria muito continuar estudando e era uma chance de continuar estudando sem sair de Ribeirão e assim por diante. (**Acalia - Externa**).

Eu sou professora primária [...],minha irmã era Professora aqui em Ribeirão Preto[...] e eu vim morar com eles porque eu fui lecionar [...]. Neste ínterim abriu a Escola de Enfermagem aqui em Ribeirão Preto, e aí a minha irmã perguntou se eu não queria fazer. Eu nunca tive assim [...] vontade de fazer, nunca [...] ela falou: - *ó abriu a Escola de Enfermagem na USP você num quer fazer, você mora aqui na minha casa, você fica aqui, eu te ajudo financeiramente no que você precisar [...]*. Então eu falei que ia fazer, fui prestar o concurso entrei e fui fazer. Não, não tive obstáculo nenhum. (**Laélia - Interna**).

Acontece o seguinte: no ano de mil novecentos e cinquenta e três, eu estudava no Colégio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, e fiquei sabendo do curso de Enfermagem. Soube também que já estava havendo o vestibular e que ia haver um outro no próximo ano porque as vagas em número de trinta não haviam sido preenchidas. Eu estava terminando o Normal, me interessei em fazer a seleção para a Escola de Enfermagem. Porque na época não havia muita opção: nós tínhamos aqui naquela época a Medicina que tinha sido inaugurada em cinquenta e dois e já havia dois cursos: o de Farmácia e o de Odonto que eram particulares, não eram ainda integrados à USP. (**Vanda - Externa**).

Então eu acredito que a Enfermagem surgiu como uma possibilidade de um outro tipo de curso, mas confesso que na época com dezessete anos eu não sabia bem o que era isso e qual era a ação da Enfermagem, porque aqui não havia enfermeiras profissionais: os hospitais funcionavam com atendentes que há muitos anos trabalhavam na área e não havia nenhum profissional que eu conhecesse e pudesse me servir de modelo. Só depois eu vim a conhecer as enfermeiras professoras da Escola de Enfermagem de São Paulo, e de Ribeirão Preto. (**Vanda - Externa**).

Minha inserção no curso de Enfermagem foi meio por acaso, quando estava terminando o último Normal, que seria hoje o Magistério. Eu recebi um prospecto da Escola de Enfermagem que Dona Glete havia feito: um prospecto muito bonito, bem feito, bem elaborado. E a irmã do Colégio Auxiliadora nos falou sobre a abertura da Escola de Enfermagem. Fiquei com aquilo em mente e, quando cheguei em casa, falei que queria fazer Enfermagem. Comecei a me virar para isso [...] mas, já comecei a conciliar as atividades de cursinho – cursinho este dado por estudantes de Medicina – e terminar o Normal. Apesar de saber que eu não ia ser professora, não gosto de parar nada que começo, terminei o Normal [...]. (**Éria - Externa**).

[...] já manifestava uma tendência a querer ajudar as pessoas. E parece que houve certa resistência do meu avô na época, mas não foi nada de exagerado. Minha família também era muito simples [...], talvez eles não entendessem também o que era a profissão de Enfermagem. E foi assim que eu entrei, foi

uma fase muito boa da minha vida, muito interessante e o contato com o sexo oposto – o Auxiliadora era colégio só para mulheres, depois saí do internato para fazer o Normal [...], profissão também bastante feminina (**Éria - Externa**).

O discurso das egressas remete a visão da Enfermagem como possibilidade de continuar os estudos na cidade de Ribeirão Preto, e como o curso Normal, à época, tinha conotação feminina e era considerado também como escolha comum de carreira para a mulher.

Reflete no discurso das egressas um conhecimento ainda superficial sobre a Enfermagem no processo de escolha de carreira, que pode ser inferido pela existência de poucos profissionais de enfermagem diplomados no município. A egressa **Vanda** corrobora essa ideia em sua fala quando menciona - “*não havia nenhum profissional que eu conhecesse e pudesse me servir de modelo*”.

Além disso, destacam-se ações de marketing empregadas por Profa. Glete de Alcântara para promover o recrutamento de estudantes como o folder (prospecto) de divulgação da instituição. Outras falas mencionam as palestras dadas por representantes da EERP-USP, em cursos de ensino médio, em Ribeirão Preto e em Bebedouro.

Anúncios no jornal parecem também ter sido estratégias de sucesso no recrutamento de estudantes. Segundo **Laélia**, em outra fala, a notícia de jornal chamou a atenção de sua irmã que morava em Ribeirão Preto e que a incentivou pela carreira.

A seguir é apresentado o folder de divulgação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, localizado no Centro de Memória da instituição. Por indicar o endereço da EERP-USP, na Rua Visconde de Inhaúma nº 745, a provável publicação do mesmo foi de 1952 a 1953, uma vez que o folder mencionou que a EERP-USP se instalaria provisoriamente no Hospital Sinhá Junqueira (fato que não ocorreu), momento também em que a secretaria provisória da EERP-USP ocupou espaço na Rua Visconde de Inhaúma nº 745. Trata-se, portanto, do provável primeiro folder institucional ao qual a egressa Éria se reporta.

Por questões éticas e de direitos autorais, mesmo sendo um material institucional, onde se deduz que os sujeitos cederam o uso de suas imagens à EERP-USP, ou instituições envolvidas, foi utilizada uma tarja branca nos sujeitos que pudessem ser identificados e cujos direitos de imagem não puderam ser obtidos, na maioria das vezes por dificuldades de identificação dos sujeitos reportados.

★ Impresso na
EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA. ★

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

★
ESCOLA DE
ENFERMAGEM
DE
RIBEIRÃO PRETO
★

NECESSIDADE DE ENFERMEIRAS NO PAÍS

O desenvolvimento dos hospitais e a expansão dos serviços de saúde pública estão exigindo a cooperação de enfermeiras com formação profissional.

Segundo a Lei Federal n.º 775 que regulamenta o ensino da enfermagem no País e dá outras providências, a partir de agosto de 1956, todas as instituições hospitalares ou privadas deverão ter na direção de seus serviços de enfermagem, enfermeiras diplomadas.

A estimativa de enfermeiras necessárias para 1955 é de 50.000. Em 1950, foi calculado em 2.683 o número de enfermeiras diplomadas por escolas oficiais e reconhecidas, e por escolas estrangeiras após revalidação do diploma.

Em Ribeirão Preto, o Hospital das Clínicas e o Centro de Saúde da Faculdade de Medicina, o Hospital Infantil, a Maternidade "Sinhá Junqueira" e outras instituições hospitalares irão necessitar de grande número de enfermeiras.

O campo de enfermagem é, portanto, um dos que oferecem maiores oportunidades para jovens que desejam estudar e ser úteis à coletividade onde vivem.

CONCEITO DE ENFERMAGEM

O conceito de enfermagem ampliou-se com o desenvolvimento da medicina preventiva e medicina psicossomática, e das ciências sociais. O termo enfermagem não significa apenas o tratamento do doente, mas engloba a promoção da saúde e a prevenção da doença.

Quer trabalhando em hospitais, quer em serviços da saúde pública, a enfermeira tem sempre em mente a educação da saúde do indivíduo.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

A Escola de Enfermagem, anexa à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, foi criada pela Lei Estadual n.º 1467, de 26 de dezembro de 1951.

O programa de ensino da Escola abrange disciplinas que vão proporcionar às alunas a aquisição de conhecimentos científicos, de atitudes e técnicas necessárias à formação de enfermeiras.

BIBLIOTECA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
RIBEIRÃO PRETO DA USP

O PRÉDIO DA MATERNIDADE "SINHÁ JUNQUEIRA" ONDE
FUNCIONARÁ, PROVISORIAMENTE, A ESCOLA DE
ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO.

o Hospital São Clemente

O curso terá a duração de 36 meses e o ensino das disciplinas será ministrado em aulas teóricas e práticas. A parte prática será realizada nos laboratórios, em serviços hospitalares, ambulatórios e unidades sanitárias.

A Escola de Enfermagem será instalada, provisoriamente, no prédio da Maternidade "Sinhá Junqueira", até que seja construído um edifício adequado nas proximidades do futuro Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina e do Centro de Saúde.

EXIGÊNCIAS PARA A MATRICULA

- 1) Certidão de registro civil, que prove a idade mínima de dezesseis (16) anos e a máxima de trinta e oito (38).
- 2) Atestados de sanidade física e mental e de vacinação.
- 3) Atestado de idoneidade moral.
- 4) Certificado de conclusão do curso secundário.

Até 1957, será permitida a matrícula a quem apresentar:

- a) Certificado de conclusão do curso ginasial.
 - b) Certificado do curso comercial.
 - c) Diploma ou certificado do curso normal.
- 5) Certificado de aprovação no concurso de habilitação.

OBSERVE,

POR ESTAS FOTOGRAFIAS, AS ATIVIDADES QUE A ESTUDANTE DESENVOLVERÁ DURANTE O CURSO DE ENFERMAGEM.

NOS LABORATÓRIOS DA FACULDADE DE MEDICINA

IRÁ ADQUIRIR CONHECIMENTOS BÁSICOS DAS CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS

NOS HOSPITAIS APRENDERÁ A TRATAR DE DOENTES

E

PARTICIPARÁ DA EQUIPE CIRÚRGICA

EM SERVIÇO DE SAÚDE PÚBLICA, VISITARÁ OS DOMÍLIOS
PARA EDUCAR AS FAMÍLIAS NO QUE SE RELACIONE
À SAÚDE FÍSICA E MENTAL

ESTUDARÁ O COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS SADIAS

ANTES DE CUIDAR DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

PARA QUALQUER INFORMAÇÃO SOBRE O CURSO
DIRIGIR-SE A

GLETE DE ALCANTARA
DIRETORA

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
RUA VICENTE DE CASTRO, 157
FONE: 1607-2607
RIBEIRÃO PRETO

Figura 2 - Folder institucional de divulgação da EERP-USP: A nação precisa de enfermeiras⁴. Fonte: Centro de Memória da EERP-USP. Provável data: 1952-1953.

⁴ ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO – USP. A Nação Precisa de Enfermeiras. Folder Institucional [Ribeirão Preto]: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP [1952 (?)]. 10p.

As marcas em caneta sinalizando o endereço do Palacete Innechi pode ser um indicativo de que o folder foi reutilizado após o ano de 1955, quando a EERP-USP foi transferida para o endereço da Rua Duque de Caxias, permanecendo até 1969.

O folder faz apelo as estudantes de Ribeirão Preto, anunciando o déficit de recrutamento em nível nacional, uma vez que o material refere que a estimativa de enfermeiras diplomadas necessárias no Brasil para 1955 seria de 50.000 e que havia 2.683 por escolas e através de revalidação de diplomas estrangeiros.

Ainda segundo o folder: “o conceito de enfermagem ampliou-se com o conceito da medicina preventiva e da medicina psicossomática e das ciências sociais. O termo enfermagem não significa apenas o tratamento do doente, mas engloba a promoção da saúde e a prevenção da doença” e que o campo da profissão “é um dos que oferecem maiores oportunidades para jovens que desejam estudar e ser úteis à coletividade em que vivem ⁽⁴⁾”.

A EERP-USP enxergava a necessidade de recrutamento de estudantes do ensino médio e esmerou esforços no sentido de atingir seu público alvo. As estratégias empregadas no sentido de tornar a instituição visível e respeitada no município são amplamente discutidas na tese de cátedra de Profa. Gleite de Alcântara em 1963.

Além da afinidade por determinada carreira, fatores como conhecimento e entendimento que o estudante detém sobre a profissão e a imagem social da mesma podem influenciar recrutamento (FOONG; ROSSITER; CHAN, 1999).

Nesse sentido, transmitir a imagem da enfermeira diplomada era fundamental para o recrutamento e retenção dos estudantes. Uma vez que estudos apontam que quanto maior a dissonância entre a forma que o profissional visualiza a profissão de enfermagem no início do curso de graduação e a realidade que lhe é apresentada ao longo de sua formação, maior a probabilidade de desistência do curso (SPOUSE, 2000).

Ao observar materiais de divulgação da carreira, pertencentes a outras instituições, presentes no acervo do Centro de Memória da EERP-USP, observa-se semelhança importante entre o material de divulgação da EERP-USP, da *Skidmore College Trains Nurses*, de Nova York da Escola de Enfermagem da USP, conforme observa-se a seguir

Figura 3 - Folder EERP-USP: A nação precisa de enfermeiras: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo
Fonte: Centro de Memória da EERP-USP ⁴.

Figura 4 - Folder: *The Nation Needs Nurses – Skidmore College Trains Nurses*– Tradução: A Nação precisa de enfermeiras. ⁵
Fonte: Centro de Memória da EERP-USP.

Assim como o folder da EERP-USP, o folder da *Skidmore College Trains Nurses*, em Nova York - EUA discute a questão do déficit de enfermeiros e a importância dos mesmos para o país. Imagens de enfermeiras cuidando de crianças em *playground*, alimentando crianças e recém-nascido e cuidando de pacientes na clínica hospitalar, se assemelham ao modelo de imagens do folder utilizado pela EERP-USP, inclusive o destaque para as instituições onde seriam realizados os estágios são utilizados em ambos os materiais. Destaca-se que o folder americano é de 1951, período em que Profa. Gleite de Alcântara estava em estágio em Nova York, com bolsa pela Fundação Kellogg, no *Teacher's College*, Universidade de Colúmbia. Podemos inferir que o folder provavelmente foi trazido pela Diretora, em virtude de seu estágio. Nesse sentido, a didática de imagens assemelha-se nas duas propostas assim como alguns conteúdos.

⁵SKIDMORE COLLEGE. *The Nation Needs Nurses. Skidmore College Trains Nurses* [Saratoga Spings, New York] Skidmore College [1951, v.36, n.3]. 17p.

Entretanto, deve-se ainda destacar, que em relação ao conteúdo, o material da EERP-USP apresenta maior semelhança com o material de divulgação da Escola de Enfermagem da USP, também localizado no centro de Memória da EEER-USP, cuja capa é apresentada a seguir.

Figura 5 - Capa do folder de divulgação da Escola de Enfermagem da USP (EE-USP).
Fonte: Centro de Memória da EERP-USP⁶

Apesar de não ser identificada a data de publicação, o trecho mencionado no folder da EE-USP “*existem menos de 1000 enfermeiras diplomadas!!!*” e a notícia de que a primeira turma se diplomou em 31 de outubro de 1947, levam a crer que a publicação deu-se entre 1948 e 1951. Uma vez que o folder da EERP-USP, já menciona a quantidade de 2683 enfermeiros em início da década de 1950. Os requisitos de idade se aproximam 18 a 35 anos para a EE-USP e 16 a 38 anos para a EERP-USP. Destaque para as especificações do curso.

Os materiais buscavam introduzir a imagem da enfermeira diplomada, competente, patriótica e indispensável para a coletividade, qualidades que deveriam ser embutidas à formação da primeira turma. A exigência em zelo, pela imagem exemplar compatível com o material de divulgação, pode ser observado em algumas categorias de análise se referem ao “*ser da primeira turma*”:

Porque nós alunas das primeiras turmas quando a gente ia prestar concurso todo mundo nos queria para trabalhar[...]. [...] Bom, ser aluna da primeira

⁶ ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A Escola de Enfermagem de São Paulo. Folder Institucional [São Paulo]: SESP [s/ano].

turma, foi um pouco difícil, porque eles eram muito exigentes, porque a Escola precisava se impor, a Escola precisava ter nome na cidade de Ribeirão Preto, então nós pagamos esse preço (PAUSA). **(Laélia - Interna)**.

Olha, eu acho que a minha turma foi uma turma privilegiada por duas razões: primeiro, porque nós tivemos um corpo docente jovem, que se esmerava pra poder responder às nossas ansiedades. E, segundo lugar, porque a Escola começou dois anos depois do início da Faculdade de Medicina. Eu, por exemplo, saí da Escola me sentindo uma profissional segura, porque tive professoras como Orlis⁷, Maria de Lourdes Valada, Nadyr Lomônaco, a Ana Maria, em pediatria, Circe de Melo Ribeiro, eram pessoas que davam segurança às alunas. **(Laélia - Interna)**.

Olha, para mim foi muito importante, primeiro de uma responsabilidade muito grande, porque eu junto com as minhas colegas, fomos um modelo para mostrar ao Brasil o que era uma ex-aluna da Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto. Sempre fui muito bem recebida. **(Vanda - Externa)**.

Era um grupo bem restrito (dez alunas no total). Havia trinta vagas para Escola de Enfermagem, mas, na primeira seleção não foram preenchidas as vagas. Algumas pessoas até entraram e desistiram do curso por motivos pessoais e outros, a Escola mesmo aconselhou a deixar o curso. Restaram só cinco alunos, em vista disso, foi feito um outro vestibular no ano seguinte para preencher as vagas. No fim do curso só havia cinco da primeira turma e cinco da segunda: dez alunas ao todo [...] **(Vanda - Externa)**.

Eu acredito que ser aluna da primeira turma foi um privilégio, a gente não sabia que ser da primeira turma da Enfermagem seria uma coisa tão histórica, mas para nós foi algo muito importante. Glete tinha certa vaidade em nos mostrar, nos apresentar, como uma mãe que se orgulha dos filhos. **(Éria - Externa)**.

4.2.2 O processo seletivo: a entrada na EERP-USP

Nas unidades de análise selecionadas a seguir as egressas descrevem o processo de vestibular da primeira turma, para a entrada na EERP-USP:

Eu falei com Dona Glete e ela ficou até mais animada, porque eu era uma menina que já tinha um colegial e naquele tempo ainda aceitavam candidatos com o ginásio somente e fiz uma inscrição para um cursinho de vestibular. **(Ada - Interna)**.

Eu fiz o vestibular que a Escola exigia, de química, física e biologia, todas as matérias eram feitas com exame escrito e um oral. O primeiro exame que eu fiz foi de química e eu me lembro como hoje que eu tirei 10 no exame, porque eu gostava muito de química, tive um professor maravilhoso [...]. No

⁷ Professora Maria Orlis Gabarra.

exame oral também eu fui muito bem. Depois eu prestei física, foi escrita e oral, também fui bem, mais ou menos, no escrito acho que eu errei uma questãozinha, sei lá, e no oral fui bem. Biologia era que eu gostava também demais, então não teve problema. Eu sei que o exame para mim foi fácil, porque eu gostava das matérias. Era prestar o vestibular e assinar a matrícula que já estava lá dentro. (**Ada - Interna**).

Eu conversei antes com a Professora Glete, no dia que eu fui procurar a Escola. Depois tinha uma psicóloga, Helena Paniza Nador [...] e não teve entrevistas de entrada, porque ela só perguntou o que eu estudava, onde eu morava. (**Ada - Interna**).

E eu me interessei e fui à Escola saber o que necessitava para [...] frequentar a Escola de Enfermagem. Aí então, eu fiz o cursinho preparatório e prestei o Vestibular. O cursinho é onde é hoje ali do lado da [...] do Palácio do Bispo [...]. Era ali, o Romero era professor, tinha o Caliento, que eram estudantes de medicina e lecionavam no cursinho. O vestibular foi no início de 53 e as aulas começaram em meados de 53 [...], julho, agosto [...] É foi no 2º semestre de 53. (**Laélia - Interna**).

Fiz então o cursinho preparatório, tinha colegas muito mais preparadas que conseguiram entrar, porque elas faziam o Científico e eu fazia o Normal, nunca havia estudado química, nem física, sabia um pouco de biologia, mas física e química nada. Eu fiz esse cursinho durante as férias de janeiro e fevereiro, eu me lembro de que eu gostava de carnaval, deixei de pular, deixei de fazer tudo isso por sacrifício mesmo. (**Éria - Externa**).

Eu acho até que eu me saí muito bem, foi muito interessante isso, os professores da medicina que faziam o vestibular, o Professor Cruz, Professor Migliorini, as pessoas que estavam presentes. (**Acália - Externa**).

No momento de inscrição para o processo seletivo as alunas puderam se inscrever mesmo sem o curso ginásial completo. Isso se deu, pois mesmo em virtude da Lei nº 775 de 1949, deixar explícito a exigência de ensino secundário para os Cursos de Enfermagem, essa exigência se daria apenas a partir de sete anos da data de promulgação da lei. Destaca-se ainda que a Lei nº 2995 de 1956, adiou por mais cinco anos a exigência do ensino secundário (GERMANO, 1983). A exigência passou, efetivamente, a ser obrigatória a partir de 1961.

Para ajudar na preparação das alunas para o exame vestibular e também dos alunos de medicina, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP (FMRP-USP) oferecia um curso pré-vestibular ministrado pelos próprios alunos da FMRP-USP.

As egressas destacam como foi o exame vestibular, a maioria concorda que houve prova de física, química e biologia, entretanto, a avaliação conjunta (professores da Enfermagem e Medicina), assim como a prova oral ou entrevistas não são consenso.

4.2.3 Formatura da primeira turma

O rito de formatura da primeira turma deu-se em 21 de dezembro de 1957, com “Missa Solene em Ação de Graças, na Capela Sagrado Coração de Jesus, da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto” e, às 20h30 “Colação de Grau no Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto” (ACIRP) (SIMIELE, et al. 2014).

Em algumas entrevistas, utilizou-se álbum de fotos de formatura da primeira turma, a fim de facilitar lembranças sobre o cotidiano das egressas e mesmo da cerimônia.

Essa foto da missa de formatura batia muito sol [...]. Aqui é a capela da Santa Casa (**Ada - Interna**).

A formatura foi lindíssima, porque inclusive o reitor da Universidade veio participar da nossa formatura. Foi uma formatura, que acho que, cada aluna fala que a sua formatura foi mais bonita, mas eu acho que a primeira formatura foi muito linda. Inclusive, nós tivemos como paraninfo a Dona Glete, então a formatura foi muito bonita. (**Laélia - Interna**).

Figura 6 – Colação de grau da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local: Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da EERP-USP-USP. Código FE167.⁸

(da esquerda para a direita: Odette Aparecida de Carvalho Bocchi, Emília Luigia Saporiti, Lydia Ferreira, Luzia Aparecida Urbano e Vilma Aquino).
Fotógrafo Tony Miyasaka

Figura 7 – Colação de grau da 1ª. turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local: Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da EERP-USP-USP. Código FE166.

(da esquerda para a direita: Maria Anna Cerchiaro, Libânia Meirelles, Carmem Sílvia Monteiro de Barros Martinelli, Geraldina Pásseri e Zaíra Benedini).
Fotógrafo Tony Miyasaka

⁸Para fins de melhor leitura foi utilizado realce digital na nitidez da imagem, fato de alterou, na imagem que se apresenta, alguns tons em relação a cor original do convite. Para evitar uso de trajar as fotografias foram formatadas de modo a apresentar somente as egressas.

Em relação à primeira turma, foram localizadas 54 fotografias, pertencentes ao Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (CEMEERP-USP), dentre as quais 28 retratavam a cerimônia de formatura.

Uma das imagens localizadas de código FE162 retrata a mesa de autoridades da cerimônia de formatura das egressas. Dentre as autoridades identificadas destacam-se um homem aparentando ser um profissional da mídia, Profa. Glete de Alcântara (Diretora da EERP-USP), Prof. Gabriel Silvestre Teixeira de Carvalho (Magnífico Reitor da USP à época), o Bispo Dom Luis do Amaral Mousinho e Prof. Zeferino Vaz (Diretor da Faculdade de Medicina). Em outra imagem também é possível identificar o Dr. Paulo Gomes Romeo.

Segundo Silva et al. (2009) uma dessas tradições inventadas pela Enfermagem trata-se do ritual da passagem da lâmpada, importado pelas enfermeiras norte-americanas que organizaram a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1925, na formatura de sua primeira turma denominada “As Pioneiras”.

Várias tradições inventadas ao longo dos séculos tentaram ganhar espaço simbólico na sociedade no sentido de fazer a enfermagem ser vista e respeitada em relação ao seu trabalho. Hobsbawm e Ranger (2008, p.9) entendem as tradições inventadas como

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.

Na cerimônia de formatura da EERP-USP, a promessa daquele que é responsável pela passagem da lâmpada diz: “*Entrego-te esta lâmpada, que deverás manter acesa como está mantida acesa a chama dos seus ideais*”, promessa realizada por um aluno do último ano, tem como resposta de um aluno do penúltimo ano: “*Prometo fazer tudo o que estiver em meu poder para manter e elevar os ideais da minha profissão*”. Essa promessa é feita durante o rito de “passagem da lâmpada” em homenagem a Florence Nightingale, enfermeira que atuou na Guerra da Criméia (1854-1856) quando se utilizava de uma lâmpada para fazer a ronda nos leitos durante a noite, essa tradição inventada foi localizada nos escritos de Ferreira-Santos, (1976), sobre a EERP-USP, e mantém-se idêntico até os dias atuais.

Em 21 de dezembro de 1957, na cidade de Ribeirão Preto, as alunas ingressantes em agosto de 1953 e fevereiro de 1954 participaram da primeira cerimônia de formatura da

EERP-USP. Institucionalizando o rito de formatura na EERP, assim como o rito da passagem da lâmpada.

Segundo Porto (2007, p. 102-103), em sua análise sobre os ritos e símbolos presentes da formatura das primeiras escolas de Enfermagem no Rio de Janeiro destaca que a representação da formatura da turma da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha em 1924, registrado na Revista da Semana, destacou como “representações objetais: imposição do braçal, cruz, véu, bandeiras e diploma”. No mesmo ano, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, na mesma revista projeta os ritos de formatura e de recepção de toucas das “aspirantes à enfermeira”, neste exemplo os ritos institucionais foram representados pela missa, cerimônia de formatura e descerramento de bustos, com as seguintes “representações objetais: flores, bandeiras, crucifixo, touca e o diploma.”

Figura 8 - Missa de formatura da 1ª turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local: Capela da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da EERP-USP-USP. Código MF149.

(da esquerda para a direita, são: Libânia Meirelles, Maria Anna Cerchiaro, Emília Luigia Saporiti, Odette Aparecida de Carvalho Bocchi e Carmem Sílvia Monteiro de Barros Martinelli). Fotógrafo Tony Miyassaka

Figura 9 - Missa de formatura da 1ª turma de formandas da EERP-USP, 1957. Local: Capela da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da EERP-USP-USP. Código MF148.

(da esquerda para a direita, são: Vilma Aquino, Geraldina Pásseri, Lydia Ferreira, Luzia Aparecida Urbano e Zaíra Benedini.). Fotógrafo Tony Miyassaka

De acordo com Heller (2008), o homem quando se coloca diante do público tende a representar um papel socialmente mais aceito, “dá seu espetáculo”, expressa opiniões, manifesta comportamentos, mesmo que os valores de suas ações não configurem seu

verdadeiro eu. Sendo assim, o comportamento do homem transforma-se quando este é alocado diante do público, ele sente o dever de representar a humanidade, dar exemplos.

Nesse contexto, destaca-se a cerimônia de formatura das egressas da EERP-USP, independente da questão religiosa das alunas ou de incorporação de ações de cunho religioso no cotidiano das mesmas, a missa católica de formatura, mesmo que de forma não intencional, respondia às seguintes questões: seguia padrão adotado por escolas de Enfermagem de renome no Brasil, passava a ideia de religiosidade atrelada ao perfil da enfermeira diplomada, fato que seria bem aceito em uma sociedade onde, segundo o IBGE (2000), na década de 1940, 95% dos brasileiros diziam-se católicos, fato que poderia colaborar para o recrutamento da EERP-USP. Por outro lado, estreitava os laços com um dos campos de estágio das egressas (Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto) onde Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus realizavam cuidados de enfermagem.

A análise do texto fotográfico das imagens referentes à cerimônia de missa de formatura da primeira turma da EERP-USP identifica alguns signos utilizados pelas alunas, como uso do uniforme branco de enfermeira, a touca, delimitação do espaço entre formandas e público, assim como a *hexis* corporal das formandas que demonstrava recato e seriedade (SIMIELE et al., 2014). Fato que corrobora com a ideia de Heller (2008) de que o indivíduo quando exposto ao público tende a se comportar conforme expectativas aceitas socialmente. Nesse caso, essas expectativas contribuíam para a divulgação de uma imagem da enfermeira diplomada.

Cotidiano das Alunas Pioneiras

5 COTIDIANO DAS ALUNAS PIONEIRAS

O presente capítulo aborda as categorias, do cotidiano, elencadas segundo o referencial teórico de Agnes Heller.

Como explicitado anteriormente, nas cinco entrevistas analisadas, 286 unidades de análise foram elencadas, dentre essas, 130 unidades de análise foram excluídas por não explicitarem o cotidiano das estudantes pioneiras, segundo o referencial teórico adotado.

Nesse sentido, o presente capítulo tem como *corpus* documental 156 unidades de análise sobre o cotidiano das egressas pioneiras da EERP-USP, oriundas de cinco entrevistas.

Considerando-se as noções de Agnes Heller para explicação do cotidiano foram elencadas as seguintes categorias: intercâmbio, organização da vida privada, organização do trabalho, preconceito, lazer e descanso.

5.1 Organização da vida privada (23 unidades de análise – 15% - localização – todas as 5 entrevistas)

Esta categoria dispõe sobre o espaço e estrutura da vida privada das estudantes, no âmbito da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, do funcionamento do internato, dos locais de descanso (quartos) das alunas e das docentes, e do refeitório.

Destaca-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a categoria.

As refeições eram preparadas pela cozinheira Maria José e Sebastiana nos feriados, no começo, até a Dona Ophélia fazia muito. Eu me lembro dela limpando a toalha, acho que ela também era do signo de virgem, porque ela fazia como eu, não podia ver uma sujeirinha, uma coisinha e ela gostava do meu quarto justamente porque era organizado. **(Ada - Interna).**

E a Diretora da Escola, a Dona Glete de Alcântara, morava no prédio e algumas alunas (eu estou incluída entre essas), almoçavam todos os dias com a Dona Glete, porque como nós tínhamos alguns estágios, e eu morava distante do Centro e as aulas começavam logo após o almoço, não dava tempo de eu ir até minha casa almoçar e voltar para o centro da cidade. **(Vanda - Externa).**

Eu não gostava de certas coisas de escola que todo mundo faz, acho que toda escola é assim, na mesa alguém fala: - *Você precisa comer proteínas, vitaminas, você precisa comer um pouco de glicídio, um pouco disso.* Eu

falava: - *Se é para comer isso aí, eu vou-me embora, eu quero arroz, feijão, carne. Não quero glicídio, lipídeo, eu não quero nada disso. Deixa a gente comer em paz.* Aí pararam com isso, mas acho que até achei engraçado tudo isso. **(Ada - Interna).**

Não, como eu morava em Ribeirão Preto, eu tinha contato com os alunos do internado, mas foi uma experiência muito interessante, acho que foi até uma experiência de aprendizado, porque a Dona Glete fazia do internato quase uma lição de etiqueta, nós que não éramos internas, almoçávamos na Escola, tomávamos um lanche, alguma coisa assim, então era muito bem preparado, muito bem servido, com muito carinho, com muita elegância, porque fazia parte do contexto da Escola, um preparo integral, isso fazia parte, mesmo o preparo integral também, a própria apresentação, como se deve comer, como se deve servir, que tipo de alimento. Ela tinha uma preocupação muito grande nos cardápios tinha professora de Nutrição, Dona Célia Delgado que orientava os cardápios, essas coisas todas. Então havia, assim a vivência do internato era uma experiência educativa, nessa parte de formação integral do aluno. **(Acália - Externa).**

Dona Glete levava muito em conta a questão da ética profissional, e a questão da postura, da postura como indivíduo, ela levava muito isso a sério e exigia de certa maneira que nós tivéssemos um comportamento não somente ético profissional, mas ético enquanto pessoa, como um todo. E mesmo a questão da apresentação física, isso é muito importante: a roupa, o cuidado com o modo de se vestir, o modo de se comportar, isso tudo era muito levado a sério por Dona Glete. Em suma ela exigia uma formação integral do indivíduo. Não sei se isso foi abordado por outros profissionais da época. **(Vanda - Externa).**

As falas das egressas referem-se à organização da vida privada: estrutura física do espaço privado, postura, vestimenta e momentos de refeições, em que Profa. Glete de Alcântara encontrava-se presente. Nota-se no discurso das egressas estratégias de emolduramento do comportamento das alunas, por parte da Diretora, através da imposição de regras de etiqueta para vestimenta, postura e comportamento à mesa ou até mesmo na escolha nutricional das alunas. Não houve diferenças significativas entre o discurso das alunas em regime de internato (internas) e alunas fora do regime de internato (externas), uma vez que o espaço de refeições muitas vezes era compartilhado com as alunas externas.

Analisando as falas das egressas, observam-se semelhanças entre o rigor aplicado às atividades cotidianas relacionadas com a vida privada àquelas vivenciadas por Profa. Glete de Alcântara, quando essa cursou Enfermagem na *Faculty of Nursing* (atual *Lawrence S. Bloomberg*), da *University of Toronto (UT)*, relatadas por Maria Rosa Souza Pinheiro.

Maria Rosa Souza Pinheiro constituiu a dupla inicial de bolsistas da Fundação Rockefeller, para cursar Enfermagem na *Faculty of Nursing* da *UT*, junto com Zilda Almeida Carvalho e segundo a mesma, foi responsável pela indicação de Profa. Glete de Alcântara à bolsa (PINHEIRO, 1976).

Em texto sobre o cotidiano das brasileiras na *Faculty of Nursing-UT, Pinheiro (1976)* descreve que as atividades diárias iniciavam-se às 6h55, na sala de estar, onde uma das professoras ficava responsável pelas orações matutinas, seguia-se café da manhã reforçado, pois na sequência as alunas seguiriam aos estágios nos hospitais. Os momentos de refeições eram constituídos de rituais específicos e requinte. Geralmente uma das refeições era realizada no próprio local de estágio, tratava-se de uma refeição reforçada chamada “*dinner*”, e o jantar, tratava-se de uma refeição mais leve chamado de “*supper*”. Quanto à refeição, era realizada na própria Escola de Enfermagem, o almoço era leve com caráter mais informal para alunas de graduação e de pós-graduação, chamado *lunch*, mas o *dinner* tinha caráter formal para alunas de graduação. Como os sistemas de refeições eram diferentes, a estudante poderia, em um mesmo dia, ser submetida a duas refeições leves (*lunch e supper*). Entretanto, Maria Rosa Souza Pinheiro destaca que as refeições leves também eram substanciais (PINHEIRO, 1976).

A preocupação com a quantidade e qualidade da alimentação das estudantes, em Ribeirão Preto, destaca-se na fala de Ada, principalmente relacionado às estudantes com menores índices de massa corporal. Deve-se destacar que nesse momento da história, o padrão de beleza estava associado à robustez feminina, cenário invertido aos padrões atuais.

O jantar era servido às 18h30min, minutos antes desse horário soava o primeiro sinal, para que as alunas ficassem dispostas no hall de entrada do refeitório; às 18h30min soava o segundo sinal sinalizando a entrada da Diretora Miss Evelyn Russel, e as demais docentes, somente após a entrada da Diretora e do corpo docente as alunas tinham a permissão de entrar no refeitório, antes mesmo do início da refeição a Diretora fazia uma oração de agradecimento, após isso, as alunas poderiam compor seus assentos à mesa. Após todos terminarem o jantar, a Diretora se levantava autorizando a saída dos demais (PINHEIRO, 1976).

No caso da primeira turma de Ribeirão Preto, talvez por tratar-se de um grupo reduzido, segundo relato das egressas, a Diretora sentava-se à mesa com as estudantes nos momentos de refeição, aparentando trocar maior aproximação com a Diretora com as estudantes, se comparado ao rigor da escola canadense de formação de Profa. Gleite de Alcântara.

Entretanto, a fala de Laélia, apresentada a seguir remete à ideia de que isso não significava menor rigidez da Diretora durante as refeições e que a atividade de refeição era também espaço de controle, aprendizado comportamental e de etiqueta das alunas:

Muito bom! Dona Glete era uma pessoa muito rígida, você já deve ter ouvido falar [...] Mas ela era uma pessoa muito boa, ela era uma mãe pra gente, ela almoçava e jantava com a gente, lá no refeitório, na mesa com a gente nós não comíamos separado dela, ela sentava na cabeceira a gente sentava assim, em volta da mesa [...] e ela ficava conversando com a gente, batendo papo [...] e quando tinha [...] teve aluna, que não tinha assim, não trazia de casa, umas boas maneiras na mesa [...], eu Graças a Deus trouxe, porque minha mãe era muito rígida e ela ensinava a gente, mas, eu tive colegas lá que não eram [...] (PAUSA) e ela [...] ela ensinava. Ela falava assim: - *não é assim que pega no talher, não é assim que come, está fazendo barulho com a boca* [...] (risos) [...] ela falava! [...], mas, assim, muito abertamente sem ofender, sem agredir [...] conversando com a gente (PAUSA) eu gostava muito dela! **(Laélia - Interna)**.

Nesse sentido, os espaços de refeição na EERP-USP eram também, espaços de assimilação da manipulação das coisas, que para Heller (2008), é imprescindível para a vida cotidiana do adulto como segurar um copo, utilizar o garfo e a faca de maneira correta, entre outras situações triviais. Nesse sentido, pode-se, afirmar que a assimilação da manipulação das coisas pode-se comparar à assimilação das relações sociais (HELLER, 2008).

Essa assimilação da manipulação das coisas é um fator condicionante ao amadurecimento do indivíduo adulto, assim em igual medida podemos nos referir à assimilação imediata das formas de intercâmbio ou comunicação social. Nesse sentido essa assimilação, ou “amadurecimento” para a cotidianidade é obtida por meio dos grupos aos quais estamos inseridos em nosso dia-a-dia, tais como família, escola, pequenas comunidades, entre outros (HELLER, 2008).

A assimilação do comportamento do habitual, das exigências sociais, dos modismos exige espontaneidade para sua efetivação, ou seja, se nos colocássemos a pensar e refletir sobre o conteúdo formal de cada uma das atividades cotidianas de nossas vidas, não seria possível realizar mesmo uma pequena parcela das atividades cotidianas mais importantes, que impossibilitaria a produção e reprodução da vida da sociedade humana (HELLER, 2008).

Em relação estrutura física do espaço privado, o delimitação temporal engloba a localização da EERP-USP em dois espaços físicos distintos: no período de 1952 a 1955, a sede da EERP-USP localizou-se em uma casa, na Rua Visconde de Inhaúma, nº 757, e no período de 1955 a 1969, localizou-se no Palacete Innecchi, na Rua Duque de Caxias, nº 827.

Foi na Visconde de Inhaúma ali do lado da catedral [...] ali nós ficamos pouco tempo, enfim [...] até que ficou muito apertado ali porque era uma casa, [...] era muito pequeno, aí nós mudamos pra rua Duque de Caxias, no Palacete do Innecchi. E eu como eu era aluna que não tinha [...] não morava em Ribeirão Preto, eu fui interna da Escola, {...} e eu morei lá no palacete do Innecchi. As aulas eram no térreo, e no primeiro andar era os nossos quartos,

e a Dona Gleite morava na Escola também, ela tinha o quarto dela lá na Escola, no mesmo andar que o nosso [...] (PAUSA) tinha uma outra professora Dona Marina⁹ [...] Dona Marina também morava na Escola. **(Laélia - Interna).**

Eu fui aluna do internato, eu tinha um quarto de frente a praça XV e a rua Duque de Caxias, bem na esquina. Meu quarto era bem de frente, na esquina. Eu dividia o quarto com a Laélia. Eram duas unidades (cama, penteadeira e um guarda-roupa para cada aluna), era bem bonitinho. {...} era o quarto que eles mostravam para as visitas, porque era um quarto organizado. **(Ada-Interna).**

Em relação à mudança de prédio da Escola para o Palacete Innechi, eu acho que nós vivemos um período áureo mesmo, de princesinhas. Era um prédio de uma construção do século dezenove, muito bonito, mas a gente não percebia o valor daquele patrimônio! Hoje a gente avalia e fica vendo a própria ignorância de viver num Palacete! Mas inconscientemente éramos muito felizes! É claro que a gente tinha medo às vezes de coisas da Gleite, de sua austeridade, de sua exigência, de seu temperamento, tal, mas era uma coisa gostosa o encontro com os professores e colegas, não era uma chatice que hoje pode às vezes até representar. Havia poucos professores, poucos alunos, todos se conheciam, ah era uma família que tinha uma “chefe”, mas não era uma Diretora porque defendeu tese, porque foi escolhida pela lista tríplice {referência à eleição de diretores realizados na Universidade de São Paulo}, era uma Diretora, uma autoridade por ela mesma, por suas qualidades e personalidade (PAUSA). **(Éria - Externa).**

Figura 10 - 1ª Sede da EERP-USP - 1952-1955, Rua Visconde de Inhaúma, nº 757. Ribeirão Preto, 2014. Fonte: Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Código PE125 EERP-USP. Fotografia desconhecido.

⁹ Professora Marina de Vergueiro Forjaz.

Figura 11 - Alunas da primeira turma no jardim da igreja catedral de Ribeirão Preto, ao fundo observa-se a Sede da EERP-USP - 1952-1955, Rua Visconde de Inhaúma, nº 757. Fonte: Acervo digital do Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Doação de imagem digital realizada por Geraldina Passeri. Da esquerda para a direita: Maria Anna Cerchiaro, Carmem Sílvia Monteiro de Barros Martinelli, Geraldina Pásseri e Zaíra Benedini. Data da imagem e fotógrafo desconhecidos.

Considerando o edifício inicial de organização da EERP-USP, na Rua Visconde de Inhaúma nº 757, o discurso quanto às dificuldades estruturais de espaço parecem estar relacionados à necessidade de articular a escola com o internato no espaço disponível. Com a mudança para o Palacete Innechi esse problema parece ter se resolvido. As entrevistas de Laélia e Ada referem que o regime de internato, das quais ambas participaram, teve início já no prédio da Rua Visconde de Inhaúma.

Figura 12 - 2ª. Sede da EERP-USP: 1955 - 1969, Rua Duque de Caxias, nº 827, Palacete Innechi. Fonte: Centro de Memória da EERP-USP, Código AF50. Provável data 1957. Fotógrafo desconhecido.

Figura 13 - Primeira turma da EERP-USP em frente ao Palacete Innechi.

Fonte: Centro de Memória da EERP-USP, Código AF50. Provável data 1957. Fotografia Tony Miyasaka. Alunas da primeira turma: de pé, da esquerda para a direita: Vilma Aquino, Lydia Ferreira, Odette Aparecida de Carvalho Bocchi, Libânia Meirelles, Maria Anna Cerchiaro, Geraldina Pásseri e Carmem Sílvia Monteiro de Barros Martinelli. Sentadas, da esquerda para a direita: Zaíra Benedini e Emília Luigia Saporiti. A aluna Luzia Aparecida Urbano não consta na imagem.

O Palacete Innechi, ocupado pela EERP-USP de 1955 a 1969, é consenso nas falas das egressas da primeira turma, como o período áureo da EERP-USP, considerando sua localização, beleza, emanava ar distinto à Escola e sua visibilidade ganhou destaque.

O Palacete Innechi foi construído por Domenico Innechi ou Domingos Innechi (nome utilizado no Brasil), imigrante italiano que chegou em Ribeirão Preto em 1880. Juntamente com seu filho Paschoal Innechi construiu patrimônio significativo no município com negócios no ramo de pastifício, móveis e outros negócios. No jornal Diário da Manhã de 28 de março de 1952, mencionou que Domingos Innechi levou 26 anos para conseguir trazer a esposa e o filho Pascoal Innechi da Itália, que nessa altura já era adulto feito (VANNUCCHI, 2011).

Com a chegada do filho, monta uma fábrica de camas de ferro, a única do gênero à época em Ribeirão Preto, e em 1915 inicia um pastifício considerado um dos melhores de São Paulo, com isso os negócios foram progredindo, o patrimônio da família se acumula e os Innechi ampliam os negócios para outros ramos (VANNUCCHI, 2011).

Ainda segundo Vannucchi (2011), a fortuna da família aparentemente não foi suficiente para aceitação da elite tradicional de Ribeirão Preto, em virtude de sua origem

imigrante. A autora relata provável episódio da memória municipal, onde após ter sido recusada a inscrição Paschoal Innechi junto à Sociedade Recreativa e de Esportes de Ribeirão Preto (RECRA), clube tradicional no município, em resposta ele teria construído o palacete ao lado da RECRA, cuja imponência era superior a essa. A família Innechi se muda para o palacete em 1932¹⁰. Sabe-se que, na sequência, a EERP-USP ocupa o palacete de 1955 a 1969 e no período seguinte o palacete foi demolido.

Como pode ser observado nas **Figuras 11 e 12**, a saída da EERP-USP da Rua Visconde de Inhaúma nº 757 para o Palacete Innechi representou um avanço em relação ao espaço para abrigar o internato e do ponto de vista estético e logístico. Situado em esquina privilegiada, no coração econômico e cultural de Ribeirão Preto, de frente ao famoso quarteirão paulista formado pelos edifícios Meira Júnior¹¹, Theatro Pedro II e Palace Hotel. A EERP-USP, portanto, tinha a sua frente a Praça Carlos Gomes e Praça XV de Novembro.

Ao final do século XIX, as escolas de origem religiosa, adotavam o regime de internato, com o intuito de aprimorar a formação das alunas. No Rio de Janeiro, essa prática se deu, no mesmo século, em grandes colégios. No entanto, as famílias das alunas que residiam na mesma cidade, preferiam manter suas filhas em regime de externato (COELHO, 1997).

A utilização de regimes de internato na formação da enfermeira não era algo novo na década de 1950, no Brasil, os registros sobre a Escola de Enfermagem do Hospital Samaritano em 1896, já sinalizam a organização da Escola em regime de internato, que tinha como responsável pela vigilância hierárquica a *matron* (MOTT, 1999). Segundo Coelho, (1997), para atender aos costumes brasileiros à época, foi necessário implementar o regime de internato quando da criação da Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1923. Muitas escolas que se seguiram adotaram o mesmo modelo.

Dentro da Universidade de São Paulo, ambas as Escolas de Enfermagem (EE-USP e EERP-USP) adotaram o regime de internato. No caso da EE-USP, o regime de internato foi inicialmente obrigatório até para as alunas que residiam em São Paulo, fato que levou a contratação de uma funcionária que seria responsável pela “parte social da residência” (CARVALHO, 1980).

Em relação ao regime de internato na EERP-USP, observa-se também, unidades de análise de alunas que não estavam em regime de internato:

¹⁰ Não foi localizado registros sobre as razões da saída da família do local.

¹¹ Atualmente no espaço funciona a choperia Pingüim.

Naquela época tinha o Senhor Sebastião, a Dona Ophélia, que trabalhavam na Escola de Enfermagem, {...} a Dona Ophélia foi uma mãe para as internas da Escola, só que uma mãe rigorosa e seu Sebastião, um pai rigoroso. Eles ficavam na porta dez horas a gente tinha que estar na Escola. **(Laélia - Interna).**

O seu Sebastião e Dona Ophélia eram como pais que esperam os filhos chegar para fechar a porta, eles ficavam esperando a gente chegar, preparavam a comidinha. Apesar de que a comida era feita dentro da escola e eles tinham uma casinha lá fora, mas eles estavam sempre atentos à ordem, à disciplina e horário que a gente chegava e saía, ficavam no telefone, esperando e tratavam a gente muito bem, eles eram muito boas pessoas. **(Ada - Interna).**

Nunca ficou nos vigiando, não¹². Quem tinha a responsabilidade de nos vigiar era a Dona Ophélia e o Sr. Sebastião. **(Éria - Externa).**

Podemos observar no relato das entrevistadas que o papel principal da vigilância no internato era de Dona Ophélia e Sr. Sebastião, funcionários da EERP-USP, que residiam em casa anexa ao Palacete Innecchi, situado no mesmo terreno. Entretanto, no discurso das entrevistadas o casal exercia também o papel de “pais” em relação à disciplina, cabendo punições quando não eram cumpridas regras, como horário de chegada, horários de refeições, entre outros.

Dentro da hierarquia estabelecida para vigilância estava Dona Ophélia e Sr. Sebastião¹³, seguido das docentes e por último Profa. Glete de Alcântara.

De acordo com Foucault (2009), no período da era clássica houve a descoberta do corpo, como objeto de poder, nessa perspectiva, o corpo é considerado objeto de manipulação, obediência, treinamento, cujas forças se multiplicam.

As formas de dominação do corpo por meio do controle permite uma relação de docilidade-utilidade, que Foucault (2009, p.133), denomina como “disciplinas”. Muitas relações disciplinares existiam de longas datas nos conventos, exércitos, entre outros, porém no decorrer dos séculos XVII e XVIII, é que as disciplinas se tornam “fórmulas gerais de dominação”.

Os métodos pelos quais se possibilita o controle minucioso do corpo impondo uma relação de docilidade-utilidade são denominadas por Foucault (2009, p.133-134), de “disciplinas”. As disciplinas surgem no momento do nascimento de uma arte do corpo humano, que visa não apenas o aumento de habilidades ou aumento de sujeição, mas o estabelecimento de uma relação que o faz mais obediente quanto, mais útil, tornando-se

¹² Menção à Profa. Glete de Alcântara.

¹³ Sr. Sebastião Nogueira da Costa, Dona Ophélia Peake Costa, eram funcionários da EERP-USP. Fonte: Livro comemorativo 30º aniversário da EERP-USP de 1985.

uma política das coerções, uma “anatomia política” ou “mecânica do poder”. Não se espera apenas obediência, mas que a ação seja realizada segundo certa técnica, rapidez e eficácia determinada. Essa nova anatomia política não era algo novo, pois já se encontrava em colégios, escolas primárias, espaços hospitalares e organizações militares.

O internato funcionava da seguinte maneira: você tinha que obedecer àquelas regras, e se às vezes você saía, era castigada, qualquer coisa assim, não castigado, porém havia alguma repreensão. Mas eu penso que, apesar de eu não ter sido interna, foi uma experiência que completou minha formação, minha personalidade, contribuindo para o que sou hoje. **(Éria - Externa).**

A hora de chegar na Escola era até 22:00 horas. Se chegasse na hora do jantar jantava, se fosse uma coisa muito importante, eles guardavam a comida, senão a pessoa atrasada não tinha disso. Mas comigo a Dona Glete sempre mandava guardar porque eu era magrinha, de jeito nenhum engordava. Eu cheguei a 37 quilos na Escola, agora estou com 55kg. **(Ada-Interna).**

Sob disciplina (risos): nós tínhamos horário pra entrar, quando a gente saísse, não podia passar da dez da noite, [...] durante o dia nós tínhamos, fora do período de aula e do estágio, a gente poderia sair a qualquer hora. Agora, à noite, tinha horário para entrar: dez horas. **(Laélia - Interna).**

Observa-se estratégias de controle comportamental das estudantes através de uma vigilância hierarquizada e um código de regras e punições através do estabelecimento de sanções normalizadoras, estas unidades de análise retratam questões de vigilância e punição em relação às regras e normas empregadas às atividades da organização da vida privada, tanto por parte das egressas que residiam no internato, quanto às que não residiam.

O modelo disciplinar, em seu cerne, conta com o pequeno mecanismo penal que possui suas próprias leis, especificações de delitos, assim como formas particulares de sanção e julgamentos dessas “infrações”. As punições são compostas por uma série de processos sutis que vão desde o castigo físico leve, privações e pequenas humilhações. No espaço escolar, oficinas e exército, existe a micropenalidade do tempo, relacionada ao não cumprimento de tarefas, atrasos, de concentração, assim como nas atividades de expressão comportamental, que envolve desobediência, grosseria e do próprio corpo quanto esses manifestam atitudes ou gestos não padronizados ou sujeira e também em relação à sexualidade (FOCAULT, 2009).

Nesse sentido, as falas das alunas em relação ao regime de internato expressam a existências de regras próprias no âmbito da EERP-USP, assim como sanções normalizadoras para o caso de infrações. Nota-se, que as normas perpassavam por diferentes instâncias do cotidiano das alunas, no momento de refeições em relação ao comportamento e qualidade dos alimentos ingeridos, na vestimenta, na postura da aluna, os horários estabelecidos, que

poderiam implicar na remoção do oferecimento da refeição, entre outros. Expressa, nesse sentido, a anatomia política no espaço da EERP-USP.

Entretanto, a existência das normas e sanções normalizadoras não era impeditiva para a manifestação de comportamentos que subvertiam a ordem estabelecida:

Ela tinha um cachorrinho preto que chamava Dunga e a gente brincava com ele. Aluno é bicho é danado, não é? Gosta de fazer confusão, mexer com os professores; de vez em quando a gente se reunia ali na escola para falar as coisas engraçadas de cada professor, mexer com os professores e dos alunos também, eu gostava de cantar e brincar com baralhos. (**Ada - Interna**).

A Circe, tínhamos que mexer com ela porque era muito magrinha. Naquele tempo não usava ser magra, agora que usa. Naquele tempo a gente era mais gordinha, mais bonitinha gordinha. Agora não, para ser bonita e charmosa, tem que ser magrinha, mas naquele tempo não. A gente mexia muito com a Circe porque ela era magra, muito magra, mas acho que ela não se incomodava tanto. Brincadeira de aluno, aluno não dá descanso para ninguém, não, aluno é danado mesmo. (**Ada - Interna**).

E eu era meio danadinha, eu fui danadinha como aluna (risos). [...] fui, boa aluna, (PAUSA) {...} eu fui uma ótima aluna. Mas eu era danadinha sim, por exemplo, ó, [...] você conheceu aqui o Inecchi? Do andar tinha a escada, e tinha o corrimão, então eu “encavalava”, assim no corrimão (exemplificando através de gestos) e descia, ela ficava brava (riso). Viu! Chamava atenção, ficava brava [...] (risos) [...] eu olhava ela não estava olhando eu [...] (demonstração através de gestos e sons), eu não descia pela escada não eu descia pelo corrimão! (**Laélia - Interna**).

Em estudo sobre o cotidiano de estudantes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, de 1949-1956, quando teve como Diretora Maria de Castro Pamphiro, os autores referem que havia normas e hierarquia fortemente pré-estabelecidas, que deveriam ser seguidas e de certa forma, garantiam o convívio harmonioso entre as estudantes. As regras também se aplicavam as questões de vestimenta. Segundo os autores, as rígidas normas faziam com que os estudantes buscassem formas de resistência para o controle dos corpos (MEIRELES; AMORIM, 2008).

Nesse sentido, apesar da presença de rígida vigilância hierárquica e normas disciplinares observa-se também que houve resistência para o controle dos corpos das alunas na EERP-USP, da primeira turma, assim como estratégias de luta simbólica.

5.2 Organização do trabalho (24 unidades de análise – 15% - localização – todas as 5 entrevistas)

Essa categoria foi construída sob a perspectiva de Agnes Heller que traz a organização do trabalho como uma parte orgânica da vida cotidiana. Embora o trabalho tenha motivações particulares, a atividade do trabalho, é considerada uma atividade do gênero humano, quando se trata do trabalho efetivo, que é socialmente necessário (HELLER, 2008).

Heller, (2008), exemplifica que quando somos condicionados a assimilar novas técnicas dentro do trabalho, nos debruçamos sobre essa nova atividade sem pensar em outra coisa, ao contrário do que fazemos com as atividades já assimiladas anteriormente que fazemos de forma mecânica. Algo semelhante ocorre ao avaliarmos uma pessoa a fim de qualificá-la para um determinado campo profissional, tendemos a homogeneizá-la, abstraindo espontaneamente os demais atributos dessa pessoa, examinando-a apenas como apta ou não apta para a prática de um determinado trabalho.

Nesse sentido, as categorias de análise elucidam a organização das tarefas das alunas nas atividades curriculares e extracurriculares, questões comportamentais para vestimenta no trabalho, postura profissional exigida e as possibilidades de subversão da ordem na organização do trabalho.

Destaca-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a categoria:

Acontece o seguinte: a Escola começou a funcionar na Visconde de Inhaúma onde existe hoje um prédio de apartamentos em frente a lateral da Catedral, e era de certa maneira improvisado: as salas de aula eram na parte superior da casa, que antigamente era uma residência de classe média alta, de um médico até muito conhecido na cidade. A parte de baixo era um porão, mas habitável, onde [...] funcionavam a biblioteca e a sala de técnicas básicas de Enfermagem e, muitas vezes, até algumas salas para algumas aulas. Geralmente as aulas eram dadas no primeiro andar. **(Vanda - Externa).**

Nós tínhamos aulas teóricas, teórico-práticas e também nessa sala de técnicas os professores davam aulas práticas. Nós tínhamos também estágio de Enfermagem básica na Santa Casa de Ribeirão Preto. A partir do segundo ano nós começamos a frequentar a Santa Casa para os estágios de Enfermagem, utilizávamos a área dos pacientes não pagantes, porque a Santa Casa é um hospital particular apesar de beneficente. Esse campo de estágio era supervisionado pelas professoras da Escola de Enfermagem, nas Clínicas Médica, Cirúrgica, [...] Obstétrica e também nas salas de cirurgias. Nós inclusive [...] preparávamos as salas cirúrgicas, [...] isso já no terceiro ano, quando nós já tínhamos tido outras práticas além da parte teórica, auxiliávamos também como instrumentadoras durante o ato cirúrgico. **(Vanda - Externa).**

Meu grupo fez estágio durante seis meses na Escola de Enfermagem de São Paulo nas disciplinas que não havia ainda em Ribeirão Preto. Nós ficamos seis meses lá em São Paulo, como internas na Escola de Enfermagem de São Paulo e utilizando o campo de estágio do Hospital das Clínicas. Foi muito interessante porque, nossa turma prestou assistência de Enfermagem, a pacientes que tinham sofrido paralisia infantil mesmo os adultos, na epidemia que atingiu uma grande faixa de adultos que tiveram a forma mais grave que é a cérebro-espinhal, e precisava de assistência integral da Enfermagem. Além das aulas teóricas e do nosso estágio regulamentar, nós dávamos quatro horas de estágio das sete às onze da noite para essas pessoas internadas durante a epidemia. **(Vanda - Externa).**

No segundo ano, em 1955, fizemos estágio em São Paulo, no hospital das Clínicas, nas áreas de moléstias infecciosas, ortopedia, otorrinolaringologia e oftalmologia. Visitamos outros hospitais também. **(Ada - Interna).**

No internato a gente levantava cedo. No começo eram somente aulas teóricas, então a gente ia para a aula de manhã, depois a tarde era outro período, mas um período era um período mais teórico e o outro era mais demonstração daquela teoria, por exemplo, como fazer uma injeção, como dar um banho, como fazer uma cama, como fazer uma limpeza de unidade do paciente, essas coisas assim. **(Ada - Interna).**

Nós tínhamos aulas de etiqueta, o currículo de Enfermagem com todas as matérias clínicas e tinha Ética, História da Enfermagem, Inglês, Sociologia, Psicologia. Em quase todas as matérias eu ia muito bem. O que eu não gostava era de estatística. Eu gostava de lidar com número, sempre gostei de matemática, mas estatística, eu não gostava. **(Ada - Interna).**

As falas remetem às atividades desempenhadas pelas alunas em sala de aula, como também nos estágios, estes poderiam ser realizados tanto em instituições de saúde, no município de Ribeirão Preto, como em outras cidades, principalmente em São Paulo, a fim de complementar a formação prática das alunas, pois Ribeirão Preto não dispunha de campo de estágio para algumas disciplinas.

As aulas teórico-práticas incluíam aulas da área básica na FMRP-USP, que já se encontrava no Campus da USP e estágios que incluíam os campos da Santa Casa de Misericórdia, Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e São Paulo, Hospital Santa Tereza e Esquirol, Maternidade Sinhá Junqueira e Santa Rita do Passa Quatro.

Segundo Angerami (1993), o Hospital das Clínicas de São Paulo foi campo de prática na área de moléstias infecciosas, visto que não existiam em Ribeirão Preto enfermarias dessa natureza. O estágio de enfermagem psiquiátrica foi realizado no Hospital Santa Tereza e orientado por uma enfermeira americana, pois segundo Profa. Gleite de Alcântara não havia ainda especialistas para esse ensino específico. Além disso, no âmbito da saúde coletiva os Centros de Saúde e comunidade foram muito utilizados no ensino do conceito de saúde-doença pela perspectiva preventiva e social.

Figura 14 - Alunas da primeira turma em estágio no Hospital das Clínicas. Código FE139¹⁴. Fotografia Tony Miyasaka.

Figura 15 - Alunas da primeira turma em estágio no Hospital Santa Tereza. Código FE135¹⁴ Fotografia Tony Miyasaka.

Lembro que a gente tinha bastante convívio com as escolas secundárias (ensino médio); nós organizávamos palestras educativas sobre alimentação, sexualidade, higiene pessoal e sobre o que era a profissão de Enfermagem. **(Éria - Externa).**

O Centro Acadêmico foi criado com a minha turma, {...} a gente fazia festinha, fazia os bailinhos {...} era intermediária de alunas com as professoras e com a Dona Glete quando tinha problema {...} a gente fazia muita palestra convidava muita gente pra fazer palestra na Escola, professora da Escola de Enfermagem da USP São Paulo, professora da Escola de Enfermagem Paulista, que é [...] da Faculdade de Medicina Paulista, você deve ter ouvido falar [...]. **(Laélia - Interna).**

As atividades extracurriculares referem-se àquelas que as alunas exerciam fora do contexto de sala de aula ou dos campos de estágios: participação em palestras, eventos promovidos pelo Centro Acadêmico, atividades educativas realizadas pelas alunas junto às escolas de ensino fundamental e médio. Essas atividades compunham as estratégias de marketing, anunciadas por Profa. Glete de Alcântara, no sentido de promover o aumento no recrutamento de estudantes através da ampliação da visibilidade da EERP-USP no cenário local e regional.

Além disso, a primeira turma era a “vitruína” do que se poderia esperar da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, nesse sentido, era esperado que houvesse influência da instituição no treinamento das estudantes acerca de como comportar-se e vestir-se no trabalho.

Primeiro a questão da aparência, a aparência física com relação à roupa, o cuidado com os cabelos, evitar pinturas exageradas, não uso de joias, por motivos óbvios, com relação à contaminação, mas, também não combinava

¹⁴**Fonte:** Centro de Memória da EERP-USP. Provável data: 1957. Fotografia: Tony Miyasaka.

com o uniforme, não se usava joias, apenas o relógio e o cabelo sempre preso, e no começo ainda havia o uso da touca que era ainda tradicional a gente tinha que prender os cabelos e usar uma redinha. E não só a questão da aparência, mas a própria postura sabe, o modo de falar, o uso de determinadas palavras, o não uso de gírias durante o exercício profissional, o modo de se relacionar com o paciente, com os médicos. [...] E toda uma postura que perpassava por todas as [...] a condutas do Enfermeiro durante o ambiente de trabalho, durante as aulas, o relacionamento com o paciente {...}. Eu sinto, levando isso em conta, comparando, vários momentos que era muito mais rigoroso na nossa época [...] Sim, era muito cobrado, era bem cobrado [...] e até hoje, olha, por exemplo, eu não consigo usar esmalte... (PAUSA) Não! Não, eu não consigo. É o costume. Sempre uso as unhas aparadas e esmalte claro. (**Vanda - Externa**).

O nosso uniforme era cinza e de enfermeira que trabalhava lá no Hospital das Clínicas era cinza com uma golinha branca e a touca era branquinha. A touca de formada, porque a touca de calouro lá era amarela. Era o mesmo modelo, mas amarelo era do calouro e a de formada era branquinha como a gola do uniforme. Mas eu sempre detestei essa touca, não tem finalidade usar touca. (**Ada - Interna**).

O uniforme da escola a gente usava aquele uniforme cinza, quando era estagiária. Somente depois de formada é que passa a usar branco. Depois o uniforme era vestido branco e a touca. (**Ada - Interna**).

Não. Não assim exageradamente, exageradamente, não. Só que, um pouco diferente do que é atualmente, eram outros tempos, né? Então a gente tinha uma[...] uma disciplina em tudo o cabelo não podia ficar esvoaçando, ah [...] o uniforme não podia ficar acima do joelho, nós tínhamos calçados de cor exata, meia, era a disciplina, vamos dizer. (**Laélia - Interna**).

A Enfermagem exigia: disciplina de horários, levantar cedo, estagiar em enfermarias e hospitais, pegar carona de amigas, ou então ir a pé, nunca tive carro... Mas, da família não houve interferência não, por isso acho que ficaram felizes com a minha escolha. (**Éria - Externa**).

Nesse contexto, o uniforme representa instrumento de controle dos corpos, pois ao utilizar o sujeito aceita imposições na forma de vestir, abdicando de sua autonomia, que não deixa de representar uma forma de censura. Por outro lado, o uniforme tem o poder de transmitir ideias de confiança, dignidade, constituir forma de representação simbólica ou de identificação de um determinado grupo social, assim como a possibilidade de representar uma posição hierárquica (LURIE, 1997).

Ao longo da História da Enfermagem, o uniforme da enfermeira teve papel importante na distinção do profissional em nível mundial. O uniforme e a touca, por muitas vezes eram símbolo de identificação de determinada escola de enfermagem, portanto, alvo de estrito controle por parte dos professores e diretores.

Quanto se têm a possibilidade de uma produção indefinida, ou seja, que não se limita ao essencial cria-se a necessidade de constante renovação, transformação e pode ser considerada uma das maiores conquistas do ser humano. Mas, se de forma alienada, essa conquista pode ter efeito contrário. A moda pode ser resultado de uma orientação para o futuro, criando a necessidade de estar atualizado, assim como tipos de comportamentos podem converter-se em papéis cujo desempenho correto implica em seguir cegamente a moda, seja nos costumes cotidiano, vestuário, estética (HELLER, 2008).

Nesse sentido, pode-se pensar o corpo da enfermeira como espaço de construção simbólica da moda, não apenas pelos modelos influenciados por escolas estrangeiras, mas pela própria função simbólica e de distinção que agrega a instituição. Observam-se símbolos e ritos associados ao uniforme da enfermeira que permanecem ao longo da história e adquirem essa função. Dentro dessa perspectiva destacam-se os ritos de passagem associados a eventos de conotação pública.

No âmbito da EERP-USP as egressas da primeira turma descrevem que inicialmente utilizaram o uniforme cinza e que com o rito de formatura (evento de conotação pública) estariam autorizadas a utilizar o branco. Nesse sentido, as cores no uniforme da enfermeira, assim com a touca estão relacionados a ritos de passagem.

A cor cinza é a mistura de duas cores: o preto e o branco. Representa a cor do refinamento, demonstrando classe e eficiência por aqueles que a utilizam. Não deixa de ser uma cor duvidosa, que inspira medo. É uma cor que não se compromete, ficando no meio termo entre o branco e o preto (FISCHER-MIRKIN, 2001).

A cor branca representa a pureza. Sua ligação com a feminilidade está no símbolo da entrega, o qual representa. Pode ser relacionada à cor do leite que amamenta uma criança, à cor do sêmen, que dá origem a vida. Demonstra limpeza e inspira a confiança. Sua característica angelical pode ser vista em diversas pinturas clássicas, em que anjos utilizam túnicas brancas para realizar suas celestiais tarefas. É a cor usada por cientistas e profissionais de saúde, pessoas direta ou indiretamente ligadas à assistência dos enfermos, por tratar-se de uma cor que não ameaça, não intimida o próximo, passando a confiança necessária para a realização dos cuidados. Diante disto, o branco transmite uma ideia de confiabilidade. (FISCHER-MIRKIN, 2001).

No Canadá, a touca da enfermeira, até os anos de 1970 foi símbolo de distinção. O primeiro modelo, denominado *nun's coif*, foi utilizado por ordens religiosas que fundaram hospitais em Quebec e Montreal (século XVII). A ideia inicial era a preservação do cabelo

limpo e arrumado, mas ao perceber que o uso da touca agregava *status* ao hospital ou escola o modelo de uniforme foi amplamente utilizado no Canadá (BATES, 2005).

Em estudo sobre a Escola de Enfermagem do Hospital São Joaquim, criada em 1908, as enfermeiras e estudantes deveriam trajar uniformes limpos e sem defeitos sendo o vestido de tecido azul clara e um avental branco, outros símbolos no uniforme da enfermeira também foram identificados, como o relógio com indicador de segundos, sapatos ou botinas com calcanhar de borracha, touca e colarinho branco (MOTT, 1999).

Em outro estudo, mas, sobre a história da Escola de Enfermagem Anna Nery, na década de 1920, destaca-se a importância da apresentação pessoal como parte que compunha o uniforme e a disciplina nos estágios, aproximando-se do discurso apresentado pelas egressas da primeira turma de Ribeirão Preto. Segundo a autora, não era permitido às alunas o uso de maquiagem, as unhas deveriam ser limpas e curtas sem uso de pintura nos lábios, cabelos penteados e presos com auxílio de uma rede, proibição de adornos e joias. A fiscalização do cumprimento dessas normas era feito de perto pelas Chefes de Enfermagem, Diretora e diplomadas, se houvesse descuido, a estudante deveria voltar ao vestiário para recompor-se (COELHO, 1997).

Ainda sobre a mesma escola, o vestido das alunas da primeira turma (década de 1920) era composto por finas listras azuis e brancas. Os punhos e golas eram brancos. Quando estavam no hospital, sobre o vestido deveria ser usado um avental branco com peitilho que deveria ser retirado para as aulas ou ao entrar no ônibus, no caminho para o internato. Com o passar dos anos o uniforme da Escola foi sofrendo várias modificações. O vestido, inicialmente azul, passa a ser de cor cinza, posteriormente, retorna à cor azul com abertura lateral, detalhes com botões de madrepérola e os punhos e gola deveriam ser brancos. Este modelo pertence à década de 1940. Posteriormente, há o retorno da abertura lateral, facilitando seu uso, desta vez com botões não visíveis (COELHO, 1997).

O uniforme da enfermeira, por vezes, também foi mecanismo principal para estabelecimentos de ritos de distinção hierárquica, que demarcavam ritos de passagem no Canadá. Segundo Bates (2005), no Canadá era usual a *capping ceremony*, onde após aprovação em exames a estudante recebia sua primeira touca. Durante a cerimônia de formatura a estudante recebia seu modelo de touca definitivo: a tradicional *black cap band*, que apresentava uma lista preta ao longo da touca. No advento do século XX o uso da touca pela enfermeira canadense tornou-se estilizada e com importante função simbólica.

Tradição semelhante foi adotada na Escola de Enfermagem Anna Nery, a touca apresentada pela aluna era diferente da touca da enfermeira, e esta deveria ser trocada no dia

da formatura. As alunas recebiam uma touca branca após o período preliminar, que era colocado sobre os cabelos que deveriam estar presos e envoltos por uma rede. Para esse momento, havia uma cerimônia especial. Seu traje completo ainda contava com meias e sapatos brancos (COELHO, 1997).

A listra ou friso escuro na touca foi identificado na cerimônia de formatura da Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1925. Dessa forma, de modo semelhante às canadenses, o uso da listra ou friso passa a constituir símbolo de distinção entre a aluna e a enfermeira diplomada (PORTO, 2007). Dessa forma, “a touca cingindo a cabeça indica o governo de si mesma e dos atos de sua vida, regidos por um ideal nobre e para um fim superior, pois que na cabeça se localizam os centros nobres do organismo humano” (COELHO, 1997; p. 140).

Nesse sentido, observa-se que muitos modelos internacionais influenciaram o uniforme e ritos institucionais das primeiras escolas de Enfermagem no Brasil, muitas vezes ligadas às biografias de suas fundadoras.

Considerando-se a fala das egressas da EERP-USP, da primeira turma acerca do uniforme, encontram-se possíveis influências também na EE-USP do uniforme canadense, visto que ambas as escolas tiveram egressas da *Faculty of Nursing, da University of Toronto* envolvidas na Direção ou Vice-Direção das instituições.

Figura 16 - Recorte de Jornal congratulando Gleite de Alcântara, Umarani Chatterji e Lucia Jardim pela cerimônia de Colação de Grau.

Fonte: *University of Toronto Archives*, ano de impressão da imagem 1944, Jornal desconhecido, fotógrafo desconhecido.

Figura 17 - Recorte de Jornal destaque para Gleite de Alcântara e Lucia Jardim.

Fonte: *University of Toronto Archives*, ano de impressão da imagem 12 de abril de 1943, Jornal *The Globe and Mail*, fotógrafo desconhecido.

Observa-se na **Figura 16**, que Glete de Alcântara e Lucia Jardim estão trajando uniformes, aparentemente de modelo semelhante, aparentando cabelos curtos ou presos. Observa-se uniformidade nos traços do uniforme das três formandas retratadas com relação às golas dos vestidos, sendo estes todos no formato da letra “V”. Todas apresentam vestidos em tom claro, compridos, abaixo da altura do joelho, com mangas na altura acrômio em tom escuro, com o detalhe da manga em tom claro. As toucas aparentam ser semelhantes e claras. Todas utilizam meias em tom claro (SIMIELE, 2011).

Na **Figura 17** Glete de Alcântara e Lucia Jardim aparentar usar o mesmo uniforme da **Figura 16**, entretanto, seu uniforme é composto por uma capa escura que cobre parte do uniforme da aluna.

A análise das imagens dos uniformes utilizados pelas alunas da Universidade de Toronto, da década de 1940, mostra que, embora possa haver influências no uniforme da EERP-USP, com relação ao comprimento e uso de dois tons de coloração, eles diferem no que diz respeito à composição e detalhes presentes na touca e no vestido. O uniforme canadense utilizado pela Diretora da EERP-USP apresenta-se predominantemente em tom claro, com apenas a manga em tom escuro. O uniforme de aluna da egressa da primeira turma da EERP-USP, segundo relato das mesmas e através de análise do texto fotográfico era composto por vestido de peça única, de tom escuro (cinza) com gola e detalhe na manga em tom claro (branco) (SIMIELE, 2011).

Em entrevista com a docente Helena Maria Panizza Nador, houve o seguinte relato:

Conheci Glete de Alcântara como Professora da Escola de Enfermagem de São Paulo, ela usava a touca da Escola de Toronto, que diferia das demais por ter uma fita preta na beirada. Na Faculdade de Filosofia eu a vi algumas vezes, mas não em sala de aula. Fui indicada pelo Professor Florestan Fernandes quando Glete pediu-lhe uma indicação para exercer a função de Professora de Sociologia e Psicologia na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

Nota-se, também, que as toucas, apresentam por diferença uma listra preta horizontal na aba (*black cap band*) canadense, não identificadas nas toucas das alunas da EERP-USP, que são inteiramente claras, mesmo identificando evidências do uso desse tipo de touca no Brasil ele não foi adotado na EERP-USP.

Ainda não se localizou evidências mais fidedignas quanto às possíveis influências externas na adoção do modelo e uniforme pela EERP-USP, assim como da touca.

As falas das egressas no contexto da organização do trabalho retratam o trabalho de apoio psicológico que as egressas receberam ao longo da sua formação:

Dona Glete preocupava-se inclusive com o ajustamento psíquico dos alunos, nós tínhamos durante o curso uma assistência psicológica prestada por psicólogos, aqui e em São Paulo. (**Vanda - Externa**).

Na entrevista com a docente Helena Maria Panizza Nador, houve o seguinte relato:

Quando fui convidada para vir dar aulas de Psicologia em Ribeirão Preto iniciei a formação em Psicanálise com a Dra. Virgínia Bicudo¹⁵, pois além das aulas eu deveria desenvolver um trabalho de aconselhamento com as estudantes. {...}. {...} Fiquei preparando-me em São Paulo durante todo o primeiro semestre de 1953, quando iniciaram as aulas na Escola de Enfermagem. {...}. {...} Sobre a minha entrada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, foi assim como você está sabendo, a Glete precisava de uma pessoa formada em Ciências Sociais, mas que tivesse interesse na área de Psicologia. {...}. {...} A gente fazia um trabalho de orientação. Isso era um dos fatores que a Glete fazia questão, das enfermeiras terem consciência de si próprias, de autoconhecimento, para poderem trabalhar com seres humanos. Isso que era o inovador da Escola. {...}. {...} O serviço de aconselhamento que implantamos na Escola era apreciado pela maioria das alunas, mas muitas não queriam. Quando eu pedi a história de vida, primeiro dia de aula, algumas alunas ficaram chocadas, eu falei: - *Não, vocês não precisam se preocupar! É só para se autoconhecerem.* A Glete falou: - *Helena, elas ficaram apavoradas!* - *Por quê?* - *O que elas vão pensar que você vai fazer com essa história de vida delas?* [risos]. Mas eu era muito menina também, tinha um monte de coisa, claro, uma Escola típica do interior, não podia botar a história de vida assim, mas depois a gente resolveu o problema. Eu fazia supervisão com a Virgínia Bicudo, não parei de fazer, eu fiz até cinquenta e quatro, fiquei três anos fazendo supervisão com ela.

A preocupação com a saúde das estudantes também foi localizado em outros estudos. O internato da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP) dispunha de uma sala de enfermagem voltada à assistência da saúde das alunas. Esse atendimento poderia ser estendido aos servidores da Escola. A assistência era prestada pelas próprias alunas, que estavam cursando estágio regular, sob a supervisão de uma das docentes da Escola, contava com as visitas diárias de um médico, também responsável por ministrar a disciplina de Patologia (CARVALHO, 1980 p53).

Na *Faculty of Nursing of University of Toronto* também contava com um serviço de assistência prestado as alunas, dirigido por uma enfermeira. As alunas eram submetidas há

¹⁵Virgínia Leone Bicudo. Segundo Jorge Luis Ferreira Abrão, projeto FAPESP 2005-2008, <http://www.bv.fapesp.br/pt/projetos-regulars/6841/virginia-bicudo-trajetoria-psicanalista-brasileira/> acesso em maio de 2011: “Paulistana de origem humilde, Virgínia Bicudo (1910-2003) formou-se pela Escola Normal Caetano de Campos, em 1930; em 1932 obteve o título de Educadora Sanitária pelo Instituto de Higiene e Saúde Pública de São Paulo e, em 1936, concluiu o bacharelado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política da USP. Ela figura nos anais da historiografia psicanalítica no Brasil como fundadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Revista Brasileira de Psicanálise, além de ser apontada como pioneira da psicanálise de crianças no país [...]”.

uma avaliação rigorosa de antropometria, sendo necessárias pesagens mensais, essas anotações eram entregues ao Serviço de Saúde da universidade, onde era realizado o exame físico geral das alunas (PINHEIRO, 1976).

Algumas entrevistadas relatam que havia também subversão em relação a algumas normas e regras tais como: comportamento em sala de aula e uso da touca que compunha o uniforme obrigatório.

Dona Glete apesar de ser uma pessoa, invejável, um modelo, ela tinha uns tiques (risos) [...] ela usava óculos e quando ela ia começar, assim, alguma fala [...] dar algum exemplo na sala de aula ela falava assim [...] tirava os óculos punha na boca assim (gesto), e ela era prognata tinha os dentes separados, ela falava: "certa vez em Toronto" (risos) [...] uma aluna olhava para outra e já [...] havia risos... (**Vanda - Externa**).

Diziam: –“mas a honra está na touca” e eu falei assim: –“a minha não”. E eu briguei aqui porque eu não usava touca no hospital e eles começaram a me intimar a usar a touca. Eu falei: - *mas que touca que eu uso? A da sua escola. Eu falei - a minha escola não tem touca padronizada.* Tinha touquinha sim, mas não era padronizada. E os médicos: - *tem que usar touca.* Um chefe de médico aqui: - *a senhora tem que usá-la.* Eu falei assim: - *não vou usar. O senhor manda? Não. Quem manda é o enfermeiro, não é o senhor.* (**Ada - Interna**).

A fala de Vanda reforça a ideia de que houve influência canadense na ideologia de formação das enfermeiras de Ribeirão Preto-USP, uma vez que sua Diretora utilizava com frequência comparações com a *Faculty of Nursing da University of Toronto* para o ensino das alunas. Outras evidências em relação ao comportamento das alunas no cotidiano da vida privada já foram discutidas na categoria anterior.

A fala de Ada, apesar de referir-se a um momento pós-formatura, traz a questão da touca utilizada em Ribeirão Preto, de que não haveria padrão e a dificuldade de manter a tradição posteriormente enquanto enfermeira.

5.3 Lazer (12 unidades de análise – 8% - localização – 4 entrevistas)

Na presente categoria encontram-se unidades de análise pertencentes nas noções de Heller referentes ao lazer (2008).

Destacam-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a categoria:

Minha vida de estudante era uma delícia. As brincadeiras dançantes da Escola eram conhecidas e despertava expectativa entre os meninos da Medicina e da sociedade. E foi assim, muita paquera, os meninos tinham caminhos abertos para a sociedade, mas eles não conheciam muitas meninas, e também havia meninas da sociedade que frequentavam nossos bailes. A Glete não participava das festas, eu não sei onde ela ficava, nós ficávamos lá embaixo quando era no palácio, e ela morava lá também, [...] mas ela sempre tinha muita atividade, de jogar tênis e almoçar na casa de amigos, ela levava uma vida independente. **(Éria - Externa).**

Nós dançávamos até ficar com o pé cheio de bolhas. (risos) [...] Hoje a turma não dança, mas eu dançava muito e depois precisava sair do baile, tirar os sapatos ir a pé para casa, [...] porque ninguém tinha carro, não havia carro assim como hoje, então a gente ia a pé para casa com o sapato na mão (risos) [...] Não havia consumo de droga, como existe hoje nessa sociedade, o que a gente consumia, eram [...] aqueles coquetéis lá no Centro Acadêmico, era com leite condensado, um pouco de [...] Martini, etc... *Champagne*, umas coisas, assim, mais fraquinhas, [...] ninguém bebia até cair... cerveja, não muito, mas coquetel, um vinho, um ponche, os salgadinhos, cada um levava um prato era esse tipo bem familiar de festas, sabe, cada um levava alguma coisa para ajudar o Centro Acadêmico que era muito pobre, você imagina um Centro Acadêmico com trinta alunos, ou menos de trinta, então a gente ajudava bastante, cada um contribuía com o que podia [...] é, mas a gente não deixava de se divertir apesar da pobreza [...] era muito divertido (risos)! **(Vanda - Externa).**

É como a vida de vocês, aula o dia todo e à noite geralmente a gente tinha que estudar porque tinha provas, tinha trabalhos, relatórios para fazer, mas sempre a gente arranjava um tempinho para [...] os fins de semana, tinha os bailinhos do Centro Acadêmico, os cinemas, o famoso baile branco, que era um baile importantíssimo, que era realizado lá no Campus. **(Vanda-Externa).**

A minha turma fez muito bailinho, na Escola! [...] quando nós éramos alunas aqui em frente da Catedral (PAUSA) a gente fazia o baile no térreo! [...] com os estudantes da Faculdade de Medicina, a gente chamava os estudantes, (PAUSA) a gente tinha muito intercâmbio com os estudantes da Faculdade de Medicina, e eles que iam dançar lá com a gente! [...] **(Laélia - Interna).**

Era divertido, a turma fazia serenata {...}. Todo mundo gostava de se divertir, fazer farra às vezes ia até a Faculdade de Medicina ou na cidade mesmo, era longe para mim a faculdade, tinha ônibus para ir. Mas era bom, bom demais. A gente sente saudade, de vez em quando é bom até falar. **(Ada - Interna).**

Sim, era [...] quase todos os professores da Faculdade de Medicina estavam nas nossas festas, nos nossos jantares. Em algumas ocasiões nossa turma muitas vezes fazia serenatas para os professores à noite, nas suas residências no campus [...] violão, cantando, era muito interessante! **(Vanda - Externa).**

Dona Glete oferecia jantares para os professores da Escola de Enfermagem e para a Faculdade de Medicina e os alunos eram orientados a receber esses professores durante os eventos sociais. Nós recebíamos os professores, aprendíamos a organizar uma mesa durante um jantar e mesmo até participar de atividades lúdicas com esses professores. Eu gosto de cantar {...} e a

Dona Glete estimulava também, essa participação e outros interesses além do curso de Enfermagem. Durante os saraus que eram oferecidos pela Escola de Enfermagem era muito comum os alunos da Enfermagem cantar e tocar violão junto com os professores da Faculdade de Medicina. Então, era assim o tipo de relacionamento, era um grupo bastante restrito e as relações eram primárias entre as pessoas, então, havia essa possibilidade. (**Vanda - Externa**).

Essa categoria compõe momentos de festas, jantares, bailes e comemorações. Eram atividades que não faziam parte do currículo acadêmico, nem mesmo das obrigações das alunas no internato.

Observa-se na fala das egressas que havia dois tipos de festas, as organizadas pelos estudantes e as pela Profa. Glete de Alcântara. Aparentemente a Diretora não supervisionava as festas estudantis, mas tinha os inspetores para esse fim. Observam-se diferenças no refinamento das festas. Em alguns casos as estudantes eram educadas para receber as visitas da Diretora e preparar as festividades, apesar de nem todas as festas privadas de Profa. Glete de Alcântara estar acessíveis às estudantes. Em relação à vigilância das festas destaca-se a seguinte fala:

Não havia problemas em conseguir autorização para as festas, pois existiam os porteiros que tomavam conta, enfim, uma fiscalização desse tipo. A Escola era uma casa, mas a Glete nunca deve ter achado que a gente era leviana, que ficava fazendo brincadeira e que não estudava. Ela entendia isso, pois aconteciam também os jantares dela, as apresentações musicais e de piano, ela sabia que fazia parte. Era outro nível de divertimento, o dela, mas ela também nos incluía nisso, e mais: nunca nos impediu de fazer as coisas. [...]. (**Éria - Externa**).

As festas são colocadas por quase todas as alunas como eventos marcantes, socialmente, e de muita alegria, sem deixar, entretanto, de constituir espaço de vigilância hierarquizada.

Através do relato de Maria Rosa de Souza Pinheiro, observa-se que essa tradição mais formal de entretenimento das alunas estava presente na formação das estudantes também em Toronto, no período em que Profa. Glete de Alcântara era estudantes. Segundo Pinheiro (1976) os momentos de lazer eram demarcados por eventos sociais, nos quais alunos e professores promoviam jantares, saraus, bailes. Destaca que as festas mais prestigiadas eram a comemoração Natalina e o “jantar de uniforme”, no qual, alunas e docentes deveriam comparecer trajadas com os uniformes de suas respectivas escolas de enfermagem, portanto, o uniforme eleito o mais bonito era contemplado com uma premiação.

A fala das egressas destaca o papel do Centro Acadêmico na organização de atividades sociais, informação que corrobora os achados do folder apresentado a seguir:

Figura 18 - Folder de divulgação institucional da EERP-USP.

Fonte: Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Data e fotógrafo desconhecidos.

O Centro Acadêmico da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (CAEERP) foi criado em 1955, mudando o nome para Centro Acadêmico Marina de Andrade Resende¹⁶ (CAMAR), em 12 de julho de 1965 em homenagem póstuma à enfermeira. O CAMAR contribuiu não apenas para organizar as atividades estudantis, mas para colaborar com a divulgação da Escola (ANGERAMI, 1993).

O folder institucional remete às atividades do Centro Acadêmico e vão de encontro à fala das egressas acerca das atividades de lazer como as festas, saraus e serenatas. Segundo o folder institucional o Centro Acadêmico (CAERP) se dedicava à criação de espírito universitário e defesa dos interesses estudantis, tinha como tarefa desenvolver a sociabilidade das alunas promovendo ações sociais, prática de esportes, línguas, artes plásticas e música.

Nesse sentido, observa-se que a categoria lazer apresenta-se importante na construção da memória coletiva das egressas de Ribeirão Preto, o lazer constituiu espaço de fortalecimento de relações de intercâmbio, de formação das estudantes para normas de etiqueta e elegância na recepção de convidados e mesmo acerca da vestimenta.

Destaca-se, que frente às atividades cotidianas das estudantes, a categoria de lazer, confunde-se com a categoria descanso na fala das estudantes, constituindo espaço de interrupção do “ser profissional”, para um espaço mais lúdico de descontração e cultivo da saúde mental. Entretanto, não deixava de ser espaço de controle comportamental, por parte dos funcionários da EERP-USP, pois havia imagem institucional a ser protegida.

5.4 Preconceito (15 unidades de análise – 10% - localização – 4 entrevistas)

Na presente categoria encontram-se unidades de análise pertencentes à noção de preconceito de Agnes Heller (2008, p.63), sendo assim, o preconceito trata-se de “categoria do pensamento e comportamento cotidianos”, desempenha um papel em virtude de sua universalidade, colocando-a acima da cotidianidade, no entanto, não aplicam a eficácia, pelo contrário, promove barreira, obstáculo para o aproveitamento das possibilidades. Aqueles que não ultrapassam os preconceitos políticos, artísticos, e científicos, fracassam inclusive no âmbito pessoal.

¹⁶ Marina de Andrade Resende foi Professora de Enfermagem Psiquiátrica, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, Belo Horizonte, MG. De abril de 1951 a dezembro de 1954. Diretora da Divisão de Enfermagem do SESP – Rio de Janeiro, DF. De agosto de 1956 a dezembro de 1959. [...] Marina de Andrade Resende Curriculum Vitae. Revista Brasileira de Enfermagem, n6, v1, dezembro de 1964.

O preconceito pode ser de caráter individual ou social, que dispensa entendimento da origem social do conteúdo desse preconceito. Entretanto, deve-se destacar que os preconceitos, em sua maioria são mediata ou imediatamente sociais, ou seja, facilmente aplicamos os mesmos em nosso ambiente (HELLER, 2008).

Nessa categoria, portanto, localizou-se unidades de análise referentes à presença de preconceito no cotidiano da primeira turma da EERP-USP: a possibilidade de distinção social no processo seletivo das estudantes, dificuldades de acesso da mulher à educação, preconceito em relação à enfermagem e preconceito social sofrido pelas estudantes durante a formação acadêmica.

Dessa forma, de acordo com a noção de Agnes Heller (2008), a presença do preconceito no cotidiano das estudantes, poderiam ter implicações no sucesso da primeira turma ou mesmo na retenção de estudantes.

Destaca-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a categoria:

Havia assim poucas opções e nem sempre naquela época as famílias permitiam que as filhas saíssem para estudar fora. A educação era muito rigorosa, o patriarcalismo muito ferrenho, sobretudo para a mulher. A época era bem pior do que agora, era muito difícil para as mulheres das famílias de classe média saírem para estudar. (**Vanda - Externa**).

Nessa época, minha família estava em (menção de nome da cidade) e depois foram para o (menção de nome do estado), não deu certo e voltaram, ficaram muito desorientados, porque eu ainda não podia ajudar financeiramente e eles me ajudavam com o pouquinho que ganhavam, porque eu não ganhava muito. A Dona Glete me deu uma bolsa de estudos de 500 cruzeiros na época e assim a gente ia vivendo até eu me formar. Quando eu me formei, foi até difícil falar para a minha mãe que eu ia fazer pós-graduação, pois era mais um ano sem ganhar dinheiro e eu não tinha a bolsa que a Dona Glete tinha dito que arrumaria para mim {...} Foi difícil foi, porque foi apertado, as dificuldades para estudar eram muito grandes. (**Ada - Interna**).

Então a tendência da mulher naquela época era fazer o normal [...]. (**Acália - Externa**).

A categoria aborda as dificuldades do acesso da mulher à educação na década de 1950, de acordo com algumas falas das entrevistadas as possibilidades para a mulher no mercado de trabalho eram escassas, as opções para a mulher eram de cursar o Normal para se tornarem professoras e a Enfermagem surge no município de Ribeirão Preto como uma nova opção de carreira feminina, eram os cursos mais procurados por serem consideradas, pela sociedade, profissões femininas.

As falas das egressas possuem correlação com o contexto da educação no Brasil da época. No país, segundo dados do censo de 1940, entre os indivíduos maiores de 10 anos

56,8% eram analfabetos e o índice de alfabetização de homens era maior que o das mulheres em todas as regiões brasileiras. Na região sudeste, onde se encontra a EERP-USP o índice de analfabetismo, para maiores de 10 anos era de 41,9%, a alfabetização para o grupo masculino era de 58,4% contra 45,7% para o grupo feminino (IBGE, 2000).

Em sua Tese de Cátedra Profa Glete de Alcântara também traz dados sobre estudo realizado pela Comissão de Seguimento do Levantamento de Recursos e Necessidades da Enfermagem, Associação Brasileira de Enfermagem, destaca-se que no Brasil, até o final de 1961, havia 6.203 enfermeiros diplomados no país, do sexo feminino, enquanto que do sexo masculino havia somente 202 profissionais (ALCÂNTARA, 1963a).

Ainda sobre a questão, Alcântara (1963) sinalizava que a representação quantitativa de mulheres na enfermagem, totalizando 97% do sexo feminino na profissão, além da concepção social acerca das mulheres que exerciam a Enfermagem configurando-se questões de estereótipos em relação à profissão, sua conotação enquanto profissão feminina ajudava a explicar a pouca aceitação social que a Enfermagem moderna enfrentava.

Outro fator importante estava relacionado ao fato que as classes médias no Brasil eram pequenas se comparadas aos países desenvolvidos, e que no país, era reduzido o número de mulheres pertencentes à classe média e que aspiravam uma carreira, em virtude do baixo valor simbólico que a educação feminina possuía. Quando havia interesse por alguma profissão suas aspirações eram de cursos de maior visibilidade e de status social como o Serviço Social, por exemplo. Destaca-se que a imagem da enfermagem atrelada à ideia de pouca necessidade de atributos intelectuais e morais, ampliava mais o obstáculo para a ampliação de recrutamento para a Enfermagem (ALCÂNTARA, 1963a).

[...] À época na nossa realidade, uma cidade de menos de cem mil habitantes, a mentalidade era muito limitada quanto ao papel da mulher, a atuação da mulher no mercado de trabalho, e inclusive com relação à própria Enfermagem. Havia um preconceito muito grande por parte das famílias em deixar as filhas fazer Enfermagem. Assim Dona Glete se preocupou também, em manter um curso cujos primeiros alunos, pudessem servir de modelo para se contrapor a esse preconceito social que foi muito forte na época. Havia muito preconceito por parte das famílias e da sociedade como um todo. Isso está ligado à História da Enfermagem, porque ela começou com pessoas que não tinham uma conduta muito adequada. Apesar de ter sido na Europa isso foi reproduzido aqui. (**Vanda - Externa**).

Porque naquele tempo quando começou a Enfermagem superior, a enfermeira era meio empregadinha de médico, tinha médico que ainda dava o sapatinho para dar uma lustradinha, não é? Então ela¹⁷ explicava para nunca se rebaixar, que nós não devíamos essa obediência a médico e sim à

¹⁷ Menção à Profa. Glete de Alcântara.

chefia de Enfermagem. Quando eu vim para São Paulo eu tive uma discussão tão grande por causa disso, um chefe dos médicos; eu o coloquei no lugar dele dizendo: - *Minha chefe é a enfermeira (menção do nome da enfermeira)*. Dona Glete explicava bem isto. **(Ada - Interna)**.

A minha mãe também ficou tranquila porque eu estudava aqui em Ribeirão Preto, era a primeira turma, então tinha também certa projeção. Eu não me sentia inferiorizada por fazer Enfermagem, trabalhei muito com o aluno, a importância de não temer o médico, de conversar e colocar suas ideias, dar sugestões, mas foi muito difícil trabalhar nesse sentido com os alunos. Para a sociedade, o médico ainda é uma autoridade na equipe de saúde. **(Eria-Externa)**.

Considerando o preconceito em relação à profissão, vivenciado pelas alunas da primeira turma, pode-se inferir que se trata de preconceito de grupo, que segundo Heller (2008) refere-se a um grupo homogêneo, sem considerar as especificidades, o preconceito está ligado ao simples pertencimento desses grupos. O preconceito acompanha a estereotipia, quando esta não é correspondente a real função desempenhada pelo grupo.

As entrevistadas relatam a questão do preconceito, em relação à profissão, por parte da sociedade, bem como, por parte de outros profissionais que partilhavam do mesmo espaço de trabalho do enfermeiro.

As colocações vão ao encontro dos resultados encontrados na Tese de Cátedra de Profa. Glete de Alcântara, acerca da visão da sociedade de Ribeirão Preto sobre a Enfermagem. Deve-se destacar que no momento da coleta de dados já havia 40 enfermeiras atuando no município de Ribeirão Preto (ALCÂNTARA, 1963a).

Em sua Tese de Cátedra, Profa. Glete de Alcântara relata que no questionário de sua pesquisa aplicado junto a diferentes camadas da sociedade de Ribeirão Preto, a maioria colocou o *status* da enfermeira equivalente ao do professor primário, exceto o grupo de pais dos alunos e advogados que classificaram a enfermeira diplomada com menos prestígio social que o magistério, e ainda destaca a avaliação negativa relacionada à profissão, bem como a oposição de suas filhas a cursarem enfermagem. Entretanto, o grupo reconheceu a enfermagem moderna como uma profissão que requeria uma formação especializada (ALCÂNTARA, 1963a).

Denomina-se como estereótipo o elemento cognitivo do preconceito, sendo assim, o estereótipo pode ser definido como as crenças que atribuímos a indivíduos e grupos sociais. (RODRIGUES, ASSMAR e JABLONSKY, 2003). Dessa forma, os estereótipos têm a função cognitiva de simplificar informações do meio social a fim de diminuir esforços para o processamento e compreensão dessas informações (ÁLVARO e GARRIDO, 2006).

Podemos identificar, a partir do estudo histórico da profissão, a origem da maioria desses estereótipos, bem como a identificação de alguns elementos que colaboraram com a permanência desses, ainda nos dias atuais. Entretanto, os mecanismos para sua superação parecem distantes e pouco estudados (LUCHESE; MENDES; PAUL, 2013). Os estereótipos podem inclusive ser utilizados como estratégia de distinção social dentro do próprio grupo que sofre suas consequências.

Eu não acredito que Dona Glete fazia distinção entre as alunas por causa da classe social. Eu não achava isso não. Eu acho que ela tratava todo mundo igual. Sinceramente, se houvesse alguma coisa era influência de outras pessoas, mas dela mesmo não. Ela não fazia não. Havia uma ou outra pessoa que fazia essa distinção sim, porque eu mesma senti isso. As pessoas que têm nomes, que são mais conhecidas{...}Mas, a Dona Glete, propriamente, gostava de pessoas influentes, claro, porque as pessoas influentes vão ajudar na escola, mas não que ela fizesse assim, eu não sentia isso. **(Ada - Interna).**

Eu senti muito preconceito na minha vida, mas esse da Dona Glete não. Eu senti de outra pessoa, não precisa falar nome também, que tratava com muita distinção uma aluna da outra, dava para sentir que as pessoas de nome tinham mais valor para ela. {...} Agora, o que acontece, havia uma outra que dizia: *-Enfermeira, pobre, é um desastre. Porque elas precisam ganhar dinheiro vão usar mal a profissão". Fazer obstetrícia! Vai usar a profissão para ganhar dinheiro ilicitamente.* Quem pensou isso se enganou porque eu sou pobre do mesmo jeito e não usei a profissão para esses meios, para fazer aborto, curativos anticoncepcionais, essas coisas, e ela queria dizer que a gente ia fazer isso. Mas isto são as pessoas preconceituosas que falavam que enfermeira pobre é desastrosa para a profissão, porque, elas vão fazer coisas erradas na profissão para ganhar o dinheiro. Um conceito bem triste, não é? **(Ada - Interna).**

Para Heller (2008), nenhum juízo de valor funciona isoladamente, todo juízo de funciona de maneira implícita ou explícita como parcela da totalidade de uma teoria, que expressa uma visão de mundo uma concepção de mundo.

A maioria dos preconceitos se origina nas classes dominantes, uma vez que esta deseja manter uma estrutura social que lhes confira benefícios ou mesmo mobilização de sujeitos de diferentes interesses a seu favor (HELLER, 2008).

A fala de Ada remete à ideia de que o preconceito restringe as alternativas do indivíduo em seu cotidiano, mas o preconceito é objeto de escolha, apropriar-se ou não de um preconceito, trata-se de escolha que pode ser considerada o “caminho” mais fácil em detrimento do difícil, promovendo uma fuga dos verdadeiros conflitos morais (HELLER, 2008).

Os preconceitos sociais podem ou não ser estereotipados, todo preconceito dominante ou que se apresenta generalizado, possui um núcleo estereotipado, entretanto, não existe uma relação direta entre estereótipos e intensidade dos preconceitos (HELLER, 2008).

Nessa direção, observa-se que Ada reconhece a existência do preconceito estereotipado: “*Enfermeira, pobre, é um desastre*”, mas descreve a superação do mesmo em sua profissional, não permitindo que isso representasse um obstáculo. A escolha pela não incorporação do preconceito coloca o indivíduo em um caminho mais difícil, de enfrentamento das adversidades. Portanto, deve-se destacar que a presença do preconceito pode representar o processo de superação do indivíduo.

Em estudo de sondagem realizado por Profa. Glete de Alcântara sobre as atitudes das pessoas acerca da profissão de Enfermagem, antes do funcionamento da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, aplicou-se questionário junto a 202 sujeitos pertencentes a diversos grupos sociais na cidade de Ribeirão Preto, a fim de avaliar o entendimento da população acerca das atribuições do enfermeiro. Destaca-se a identificação de estereótipos negativos atrelados à profissão como predominantemente feminina ou mesmo sobre as características psíquicas da enfermeira como meiga, carinhosa, abnegada, cuidado de cunho caritativo, comparado a características maternas.

Quando investigada a percepção sobre a natureza do trabalho do enfermeiro emergiram expressões de comparação com trabalho missionário, árduo e penoso. Além disso, em relação ao preparo intelectual das enfermeiras houve comparação ao trabalho da empregada doméstica, salientando que o conhecimento da enfermeira era muito rudimentar pelo que a profissão realmente exige, e percepções baixas sobre o nível educacional exigido para a entrada nos cursos de Enfermagem (ALCÂNTARA, 1963).

Os preconceitos são pelo menos em parte, produtos do pensamento e da vida cotidiana, nesse sentido, são formas de juízos provisórios que se mantêm inabaláveis mesmo com contestação forte de argumentos da razão e da ciência (HELLER, 2008).

Considerando-se uma sociedade dinâmica e mutável evidencia-se que os preconceitos não podem, totalmente, ser apagados do desenvolvimento social, mas é possível eliminar sua organização em sistema, sua rigidez e a discriminação que pode ser desencadeada por esse (HELLER, 2008).

Nesse contexto, pode-se inferir que o trabalho de conscientização da sociedade ribeirão-pretana sobre as qualidades morais, educacionais e de competência da enfermeira diplomada ainda encontravam obstáculos nos preconceitos assimilados no cotidiano da cidade. Segundo Ferreira-Santos (1976) apenas em 1969 a EERP-USP deixou de ter problemas com recrutamento.

Buscando esse objetivo, verificam-se muitos esforços no cotidiano das egressas no sentido de permitir essa diminuição da rigidez dos preconceitos inculcados na sociedade local

através do esclarecimento da real função da enfermeira diplomada, utilizando diferentes meios de comunicação capazes de atingir todas as classes sociais.

Não se sabe as causas do abandono do curso por parte das alunas que mesmo ingressando com a primeira turma não concluíram. O preconceito enfrentado pelas egressas pode ter sido fator importante na desistência do curso, mas, para tal afirmação seria necessário novos estudos com esse grupo específico.

Por outro lado, observa-se que houve enfrentamento e superação das egressas da primeira turma que conseguiram concluir o curso. As falas a seguir, não foram contabilizadas dentro da perspectiva do cotidiano, mas colaboram para o vislumbamento da superação do preconceito vivenciado e da introjeção de aspectos da vida profissional como o conhecimento científico e a importância do enfermeiro no processo de cura.

A Enfermagem é uma carreira muito linda, desde que as pessoas exerçam com aquela consciência de que o ser humano não é somente matéria, porque quando estamos lidando com eles estão sentindo todos os movimentos da gente, o carinho que a gente dá para eles, o olhar da gente, ele está, muitas vezes, tristonho, aí você olha para ele e dá um sorrisinho ele fica mais animadinho e às vezes até se recupera um pouco mais. Tinha paciente que até dizia: - *eu fico esperando a senhora chegar, eu tenho saudades da senhora, quando a senhora está longe*, mas não é porque eu era essa pessoa boa, é porque eu estava mais perto deles. **(Ada - Interna)**.

Como eu já disse, reforçando que o Enfermeiro precisa dominar os conhecimentos teórico-práticos, ter essa visão ampliada [...] de outros conhecimentos, de outras áreas para integrar esse cuidado, [...] estando o paciente impossibilitado de se auto cuidar. Essa era a percepção dela de desenvolvimento dos conhecimentos, necessários integrados a outros conhecimentos, como por exemplo, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia que nós tínhamos durante a nossa formação, inclusive os conhecimentos tecnológicos que naquele momento no fim da década de cinquenta é que começaram a se desenvolver muito. Até então, a Medicina era muito primária, não havia essa parafernália toda de aparelhos, isso tudo não havia. Esses recursos começaram a surgir no Brasil a partir de sessenta no fim da década de cinquenta. Com isso, se tornou ainda mais complexa a formação do Enfermeiro: ele tinha que dominar os conhecimentos teóricos e mais a manipulação dos aparelhos e a integração disso tudo no cuidado, e dentro de espírito ético. **(Vanda - Externa)**.

Não considero a profissão de Enfermagem uma profissão diferente das demais. Há, em todas elas, compromisso, ética e responsabilidade social. A especificidade da Enfermagem está no fato de que lida com as pessoas em momentos de crise, momentos de tensão, muitas vezes, acompanhados de grande sofrimento ou mesmo de intensa alegria, como num parto, por exemplo. Outra característica é o cuidado extensivo aos membros da família do paciente que o profissional deve ter. Notem que, num hospital, é comum os familiares procurarem apoio para suas questões e ansiedade no pessoal da enfermagem. **(Éria - Externa)**.

5.5 Descanso (1 unidade de análise – 1% - localização – 1 entrevistas)

Na presente categoria encontram-se unidades de análise pertencentes nos conceitos de Heller (2008) referentes ao descanso.

Destaca-se a seguir a única unidade de análise que compõem a categoria:

E tinha um intervalo para o almoço e depois a tarde, o período que sobrava que geralmente sobrava algumas horas, podia passear. (Ada - Interna).

Nessa categoria podemos destacar uma unidade de análise que aborda o descanso, nota-se, portanto, que a questão do descanso foi pouco priorizada no discurso das entrevistadas sobre o cotidiano. Outras falas já apresentadas corroboram para o entendimento de que a primeira turma tinha uma carga horária extensa de trabalho e estudos. Realidade compatível com a escola de formação de Profa. Gleite de Alcântara.

Extensas jornadas de trabalho era algo comum nas escolas de Enfermagem na década de 1940/1950, como menciona Maria Rosa Souza Pinheiro no capítulo “Formação Profissional” do livro “Vida e Obra de Gleite de Alcântara”. Pinheiro (1976) descreve o dia acadêmico das alunas na *Faculty of Nursing da University of Toronto*: a jornada das alunas iniciava às 7h30min estendendo até as 19h00min, havia um intervalo de trinta minutos para o almoço e outro também de trinta minutos para o jantar, e entre as 13h00min e 16h00min havia um intervalo para descanso. Pelo menos uma vez durante a semana, a jornada de aulas e estágio era feita sem este intervalo, iniciando-se às 7h30min da manhã com término às 16h. Nos finais de semana as alunas faziam estágio das 7h30min até às 13h00min aos sábados, e aos domingos esse horário poderia ser ou mesmo ou das 13h00min às 19h00min.

No entanto, mesmo tendo de cumprir uma extensa jornada de trabalho de 52 horas semanais, as alunas da *Faculty of Nursing of the University of Toronto* eram chamadas de “*mariquinhas*” por colegas de outras escolas de enfermagem, que tinham jornada mais longa e rigorosa, (PINHEIRO, 1976, p.15).

5.6 Intercâmbio (81 unidades de análise – 52% - localização – todas as 5 entrevistas)

Na presente categoria encontram-se unidades de análise que se enquadram na noção de Agnes Heller sobre intercâmbio e sua relação com as mediações sociais, que se tratam da

condição de amadurecimento para a cotidianidade. A autora iguala a “assimilação imediata das formas de intercâmbio” com a comunicação social. Portanto, o amadurecimento ou assimilação para o cotidiano iniciam-se através dos grupos os quais estamos inseridos, seja na própria família, na escola, pequenas comunidades entre outros grupos. Essas relações *face to face* formam interposições entre o indivíduo e costumes, normas e a ética para outras integrações maiores (HELLER 2008, p 33-34).

Nesse sentido, destacaram-se unidades de análise que retratam relações *face to face* entre as egressas e o meio em que estavam inseridas. Essas relações, portanto, seriam capazes de potencializar mudanças de postura e atitudes das egressas.

Em estudo sobre o cotidiano dos alunos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO, desenvolvidos pelos pesquisadores Meirelles e Amorim (2008), com o objetivo de demarcar as mudanças e transformações e suas influências na vida acadêmica dos alunos, os autores referem que ao se tentar definir o cotidiano, pensamos no termo “dia-a-dia”, que engloba a vida como um todo, em seu aspecto pessoal, seja no lar, no trabalho, na escola, ou em qualquer outro lugar que possa se construir vida e história. Os fatores que estruturam a vida cotidiana de um determinado grupo (ou pessoa) são dependentes das relações estabelecidas entre aqueles que o compõem, portanto não pode haver vida cotidiana, sem que haja interação e comunicação entre os sujeitos.

Dentre os resultados observaram-se quatro formas de intercâmbio ou estabelecimento de grupos *face to face* que se relacionam entre si: *1-Intercâmbio interno entre os estudantes, 2-Intercâmbio entre estudantes e os docentes, 3-Intercâmbio de alunos com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) e 4-Intercâmbio entre estudantes e a Diretora da EERP-USP.*

5.6.1 Intercâmbio interno entre os estudantes (2 unidades de análise, 1%)

Essa subdivisão da categoria intercâmbio retrata relações estabelecidas entre os próprios alunos. As falas emergiram de forma predominante em duas unidades de análise localizadas em duas diferentes entrevistas. A seguir apresentam-se os excertos que retratam a referida subcategoria:

Na escola tinha um Centro Acadêmico que foi fundado lá pela primeira turma{...} e o Centro Acadêmico era responsável por essas coisas. Tanto o trote de calouros era simples, era só o uso da touca na rua, aquela toquinha

amarela. E esse foi meu trote, que a “TURMA A” passou na gente que era da “TURMA B”. Depois eu não vi as outras, o Centro Acadêmico fazia muitas festinhas, gostavam de tirar fotos, eu não aparecia em quase nenhuma. (**Ada-Interna**).

Havia uma relação muito direta porque era um grupo pequeno, e porque era o primeiro grupo da Escola de Enfermagem. (**Vanda - Externa**).

As relações entre o próprio grupo estudantil foram destacadas em duas unidades de análise dessa subcategoria. Contudo, deve-se destacar que várias unidades de análise que perpassam as relações de intercâmbio entre os estudantes foram elencadas na categoria **Lazer**, uma vez que a questão do lazer se sobrepunha a questão da relação estudantil.

5.6.2 Intercâmbio entre estudantes e os docentes (7 unidades de análise, 4%).

Essa subdivisão da categoria intercâmbio retrata relações estabelecidas entre alunos e professores. As falas emergiram de forma predominante em sete unidades de análise localizadas em quatro diferentes entrevistas. Destaca-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a subcategoria:

A relação entre os professores e os alunos, e da professora Glete com os professores, era boa, eram amigos, eram muito amigos. Sabe, a escola quando começa assim com pouca gente a gente se torna muito unido. A Helena Panizza¹⁸ era professora de psicologia. Quando a gente tinha algum problema ia falar com ela. Eu me lembro das vezes que eu fiz besteira lá, tinha a Ivanira¹⁹, a Theresa Angélica²⁰ elas vinham proteger a gente: - “[...] cuidado com isso, cuidado com aquilo” e eles eram amigos. (**Ada - Interna**).

Era um pouco rígida, não era assim como é agora não [...] porque agora já sei que é bem (PAUSA), mais aberta, as professoras, [...] as professoras não davam bola pra gente não, elas conversavam, mas sem, assim, ser [...] muita abertamente de sair [...] num saía com a gente não [...] Era, muito formal [...] ah e a Maria Orlis Gabarra foi minha professora [...] a gente estava no leito aqui, lá da Santa Casa, nós começamos lá na Santa Casa que ainda não tinha o HC (PAUSA) então a gente estava na enfermaria de mulheres no leito um, ela estava lá no leito quarenta ela sabia o que a gente estava fazendo aqui! Que jeito eu não sei! [...] bom, agora eu sei que jeito. Porque ela ficava prestando atenção, eu também depois quando professora, eu também fiz muito disso [...] mas, na época a gente não entendia, ela estava lá no leito quarenta e sabia o que a gente estava fazendo aqui, e vinha corrigir [...] e ela

¹⁸ Profa. Helena Maria Panizza Nador.

¹⁹ Profa. Ivanira Golveia.

²⁰ Profa. Thereza Angélica Correa.

era muito séria, não saía com a gente, não [...] (PAUSA) não era assim, de ficar batendo papo informal não, era só coisa de escola{...} depois mudou, começou a entrar as ex-alunas como professoras, nós já fomos mais informais, a gente conversava com as alunas, saía com as alunas (PAUSA) Saí, saí muito com aluna interna {...}. **(Laélia - Interna).**

Eu tive uma convivência muito direta com a Dona Glete mesmo nesses momentos de refeição, onde se conversava vários assuntos, inclusive com a Dona Marina de Vergueiro Forjaz, Vice-Diretora, que também almoçava conosco, apesar de morar com a família em Ribeirão. **(Vanda - Externa).**

O ideal seria que as relações nas equipes fossem horizontais e que isso proporcionasse o sucesso do grupo, isso se justifica historicamente nas relações na área da saúde. Em relação à postura da enfermeira, nós, da primeira turma, tínhamos como modelo nossos professores que, pela autoridade e atitude, mostravam competência em diferentes situações. A gente foi aprendendo, incorporando alguns princípios básicos que deveríamos ter diante de várias situações, e foi um aprendizado que foi sendo assimilado pelo rigor dos professores que eram os nossos próprios modelos. **(Éria - Externa).**

Exigia, por exemplo, hoje, eu já vi, não estou falando por falar não, eu já vi as professoras estão entrando no elevador as alunas passam na frente, entram [...] só [...] que naquela época não [...] (PAUSA). Nós estávamos pra pegar o elevador, se a Dona Glete chegasse, alguma professora, a gente afastava elas entravam primeiro. Se alguma aluna que não soubesse (PAUSA) eu vi a Dona Glete pegar uma aluna pela roupa, aqui atrás (exemplificando com gesto), que ela ia entrando [...] puxou ela pra traz e falou: "primeiro sou eu depois você". (PAUSA). Mas com tudo isso ela era carinhosa com a gente. **(Laélia - Interna).**

As falas das egressas não são consensuais na questão do intercâmbio entre alunos e professoras. Em algumas falas as entrevistadas relatam que pelo fato de a maioria das docentes serem muito jovens e a diferença de idade em relação às alunas ser pequena, havia um bom relacionamento, por outro lado, algumas falas relatam a rigidez principalmente nos estágios.

Entretanto, a fala das alunas do internato parece sugerir uma maior proximidade com as docentes, dentro de uma relação de respeito e que isso teria sido aproximado com a formação de alunas, que em seguida, assumiram postos como professoras na EERP-USP.

De forma semelhante ao relatado por algumas alunas da primeira turma, na *Faculty of Nursing of the University of Toronto*, a hierarquia deveria ser rigorosamente respeitada, sendo assim, uma aluna de primeiro ano jamais deveria entrar no elevador antes de uma aluna de segundo ano, que por sua vez também não poderia entrar na frente de uma aluna de terceiro. Além disso, de modo algum uma aluna poderia fazer uso de gírias, ou vocabulário “chulo”, bem como responder às críticas de professores ou de supervisores de estágios, mesmo quando

as críticas fossem injustas ou infundadas. Como exemplo, Pinheiro (1976), descreve o episódio em que uma colega de estágio se scandalizou pelo fato dela ter utilizado a expressão “OK”, ao responder positivamente para a supervisora do hospital ao telefone.

Considerando-se o início do funcionamento da EERP-USP, desde as primeiras instalações da EERP-USP, estiveram presentes a enfermeira Maria Orliz Gabarra, Sr. Lázaro Novo, Dona Amélia Dernowsek Kaleda como secretária da Escola, o casal Sr. Sebastião Nogueira da Costa, Dona Ophélia Peake Costa, e Dona Sebastiana Rodrigues de Almeida (FERREIRA-SANTOS, 1976).

As primeiras instalações da EERP-USP, contavam com a parte administrativa, uma sala de aula, os aposentos da Diretora, de professores, e posteriormente o funcionamento do internato das alunas advindas de outros municípios fora de Ribeirão Preto. A primeira formação do corpo docente da EERP-USP era composto pela Helena Paniza de Psicologia e Sociologia, e as enfermeiras Rute Tibério, Maria Lourdes Valada, Conceição dos Santos e Circe de Melo Ribeiro (FERREIRA-SANTOS, 1976).

Ainda segundo a autora a EERP-USP preocupava-se não apenas com a formação acadêmica da estudante, mas também com a formação integral do estudante enquanto enfermeiro, pessoa e cidadão (FERREIRA-SANTOS, 1976).

Celia Almeida Ferreira-Santos, (1976) destaca que Profa. Glete de Alcântara exigia que o corpo docente, que compunha a EERP-USP, servisse de modelo de profissional a ser seguido pelas alunas, pois acreditava que se ensinava pelo exemplo. Nesse sentido, insistia que as professoras não se afastassem da prática de normas, impecavelmente corretas, quanto à pontualidade, assiduidade, apresentação pessoal, técnicas de “boas maneiras” e fossem exemplos de conhecimento científico, entre outros aspectos. Além disso, insistia que o docente deveria atentar-se para as questões culturais, boas maneiras e etiqueta na formação integral das estudantes.

De acordo com Heller (2008), em nossa vida cotidiana procedemos “imitando” os outros, na assimilação das atividades habituais, sem a mimese nem o trabalho e nem mesmo o intercâmbio seriam possíveis, pois não há vida cotidiana sem imitação.

Fato que se observa no discurso de Profa. Glete de Alcântara, ao incutir a necessidade das professoras da EERP-USP incorporarem atitudes e costumes com o intuito de transformar em modelos a serem imitados pelas alunas.

Entretanto, o grande desafio é saber o grau de liberdade que o indivíduo possui no interior da mimese, ou mesmo da possibilidade de deixar de lado a mimese e instaurar novas formas de atitudes (HELLER, 2008).

Nesse sentido, destaca-se a fala de Laélia, que ao descrever o modelo mais distanciado das professoras, refere que quando passou a ser docente houve incorporação de um modelo mais próximo aos alunos. Observa-se, portanto, um grau de liberdade das egressas no sentido de possuírem espaço crítico e de construção de uma mimese reflexiva, aproveitando comportamentos do modelo considerados adequados e renovando outros.

5.6.3 Intercâmbio com a Faculdade de Medicina (6 unidades de análise, 4%)

Essa subcategoria retrata a relação da EERP-USP com a FMRP-USP, das relações tanto por parte do corpo docente quanto por parte dos alunos, nos momentos de lazer, em jantares, bailes e festas.

Então era uma família: Faculdade de Medicina e Escola de Enfermagem. [...] muitas cadeiras, por exemplo, nós tínhamos aula junto com os estudantes da Faculdade de Medicina. Então eu digo privilegiada porque a gente tinha que acompanhar, né? **(Laélia - Interna)**

Então, foi uma experiência muito boa, e aquela coisa, medicina tinha um status, primeira turma, e a gente tinha um entrosamento, não era o que é hoje, medicina para um lado e enfermagem para o outro, ao contrário, os ônibus eram comuns, a gente vinha para o Campus, as disciplinas básicas eram todas nos laboratórios com o curso de medicina. Foi um período bem interessante. **(Éria - Externa).**

O diretor frequentava a Escola, ela frequentava a Faculdade de Medicina, frequentava a Odontologia e Farmácia. Ela tinha muito bom relacionamento Dona Glete, ela era enérgica com as alunas [...] mas ela tinha assim, um excelente [...] relacionamento com os diretores de Faculdades. O professor Zeferino não saía da Escola de Enfermagem! [...] a Dona Glete gostava muito, assim, de dar almoço, [...] pros diretores, então eles iam muito almoçar lá na Escola, às vezes jantar, mais jantar do que almoço [...] e aí ficava lá batendo papo com ela até dez, onze horas, meia-noite, ela ficava ali no [...] no térreo? [...] conversando com eles, e a gente subia escada não podia fazer barulho, a gente subia escada e ia para o andar de cima onde era os nossos quartos. **(Laélia - Interna).**

As entrevistadas relatam que houve forte intercâmbio com os alunos e com os professores da Faculdade de Medicina, em situações acadêmicas, nas disciplinas e também nos momentos informais e de lazer tais como os jantares, festas e bailes promovidos por ambas as unidades FMRP e EERP, já discutidos na categoria “Lazer”.

A fala das egressas é consensual no sentido de entender a Diretora como alguém influente na sociedade local, sendo recebida por autoridades e outras categorias sociais de

forma diferenciada. Nesse sentido, observa-se que Dra. Glete de Alcântara utilizou-se de estratégias de possibilitavam a visibilidade social e status da EERP-USP.

Em estudo sobre a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP (FMRP-USP), os pesquisadores José Eduardo Marques Mauro e Arlinda Rocha Nogueira entrevistaram vários ex-docentes da Faculdade de Medicina. Em uma das entrevistas com o Prof. Eduardo Moacyr Krieger, este menciona a importância de ter existido um entrosamento entre Faculdade de Medicina e Escola de Enfermagem como aconteceu em Ribeirão Preto, e que as instituições se completavam e se beneficiavam mutuamente dessa articulação. Segundo entrevista com Marisa Mazzoncini de Azevedo Marques, Prof. Zeferino Vaz tinha pela Profa. Glete de Alcântara grande consideração profissional, destacando sua participação ativa na Faculdade de Medicina, fato que colaborava com o bom entrosamento entre as duas instituições. Para o Prof. Carlos Solé Vernin, Profa. Glete de Alcântara era muito considerada por suas qualidades e por seu dinamismo e poder de decisão (MAURO; NOGUEIRA, 2004).

No mesmo conjunto de entrevistas os autores destacam Prof. Giogi Böhn, relembra Profa. Glete de Alcântara como um fenômeno, assim como dos jantares e saraus promovidos e afirma que Profa. Glete de Alcântara era tão conceituada e aceita como qualquer professor titular da Faculdade de Medicina. No depoimento do Prof. Rubens Lisandro Nicoletti, houve a equiparação de Profa. Glete de Alcântara ao Prof. Zeferino Vaz em suas qualidades, tais como visão, disposição para o trabalho, na inteligência, gosto pelo ensino, presença ativa em reuniões e que essas qualidades contribuíram para a elevação do nível da assistência de enfermagem na região. Prof. Nagib Haddad, ressaltou a importância do trabalho da enfermagem e que a qualidade de um hospital está mais diretamente relacionada à qualidade do trabalho do corpo da enfermagem, que a qualidade do corpo médico, pois a enfermagem permanece ao lado do paciente. Destacou que a EERP-USP foi importante na história da Faculdade de Medicina (MAURO; NOGUEIRA, 2004).

5.6.4 Intercâmbio entre alunos e Diretora (Profa. Glete de Alcântara) (66 unidades de análise, 42%)

Trata-se da categoria de maior ênfase nas entrevistas, podemos observar subdivisões que compõem essa categoria tais como: influência da Diretora na formação das estudantes, formação cultural da enfermeira, influência canadense e americana no comportamento da

Diretora, interação social com as estudantes, controle comportamental e postura da enfermeira, visibilidade social da enfermeira, atitudes conflitantes de rigidez e maternalismo, realizações de Profa. Glete de Alcântara, descrição física e aspectos da vida privada da Diretora, visibilidade a Diretora em nível nacional e internacional, e visão sobre seu processo de adoecimento.

Destaca-se a seguir algumas unidades de análise que compõem a subcategoria:

A Dona Glete, uma vez me lembro, já estando no Palacete Innechi, porque nós mudamos da Visconde de Inhaúma, para o Palacete do Innechi. Lá na Visconde de Inhaúma, a Dona Glete arrumou um quarto para três de nós {...}. Eu sei que teve uma noite, que eu estando deitada, já no Palacete Innechi, Dona Glete saiu, foi se divertir, quando voltou ela trouxe um pãozinho, eu estava deitada, ela me chamou, para me dar aquele pãozinho. Eu estava sozinha no quarto, a Laélia tinha saído e eu gostei daquela atitude dela, foi maternal, sabe? Eu falei: - *ai que gracinha Dona Glete!* (**Ada - Interna**).

[...] e o vigor da Diretora, né, uma pessoa extremamente charmosa, vou dizer. Era uma pessoa charmosa, embora rigorosa e muito maternal. Muitas vezes, enquanto interna, muitas vezes eu sentia a Dona Glete dentro do meu quarto me cobrindo. Então, era uma pessoa muito maternal, embora ela não deixasse transparecer isso, mas era uma pessoa afável. (**Laélia - Interna**).

A Dona Glete estava sempre atenta à gente e ela ficava ali, ela gostava muito da escola que fora organizada por ela. Tinha os vasos de antúrios e begônias, gostava muito de plantas. Ela estava sempre com a gente e era mais uma mãe vendo o que os filhos estão fazendo. Ela fazia a parte dela de trabalho atenciosamente. (**Ada - Interna**).

Eu acho que foi uma relação, assim, e, interessante porque os alunos tinham um profundo respeito por ela, uma profunda admiração, por tudo que ela representava, mas, não que ela desse uma, uma liberdade assim, que se estabelecesse relações de amizade ou laços muito estreitos de amizade, ela não permitia muito essa, ela mantinha uma certa ordem hierárquica, mas eu acredito, sim que houve uma relação de amizade de admiração, acho que, mais, não no tempo de aluna, mais ao longo da vida profissional, mas no tempo de aluna era aquela relação que ela mantinha com todo mundo. Era uma pessoa amiga, mestre, firme, excelente professora assim sempre determinada nos horários, crescer, estar presente e acabava levando todo mundo junto. (**Acália - Externa**).

Rigidez. Marcou. Eu não sei se é porque eu sou rígida também. Eu sou rígida por natureza, mas a Dona Glete era muito rígida [...] e excelente professora, isso me marcou muito, ela tinha uma pedagogia fora de série (PAUSA). A primeira aula que eu tive com ela, ela estava falando sobre a História de Enfermagem, e eu como professora primária, eu não entendi que ela estava falando da Enfermagem, eu entendi que ela estava falando de professora primária, aí eu dei uma opinião, ela falou: - *eu não estou falando sobre isso. Presta atenção no que eu estou falando, eu estou falando da História da Enfermagem* [...] Isso me marcou muito! Foi a {...} um dos primeiros

contatos que eu tive com ela, é foi a aula [...] É História da Enfermagem ela dava [...]. **(Laélia - Interna)**.

Eu vou falar a verdade [...] eu fui uma das queridinhas dela (Profa. Glete de Alcântara), mas eu acho que eu nunca abusei disso. Não me achava queridinha. Muitas vezes ela fazia um ar de desprezo para com as minhas coisas, com as minhas crises e não me dava colo não, seu humor era muito instável e eu sabia conviver com essa característica [...]. **(Éria - Externa)**.

Apesar de todas as estudantes terem contato com Profa. Glete de Alcântara, observa-se que o dia a dia do internato, propiciava momentos de maior aproximação, a ponto de haver diferenças entre os relatos de proximidade entre alunas internas e externas.

A fala de Éria de haver uma espécie de conhecimento para lidar com o comportamento instável da Diretora se aproximam da fala da ex-professora à época Profa. Célia Almeida Ferreira Santos, no livro *Glete de Alcântara vida e obra*. Segundo ela as pessoas que rodeavam Glete de Alcântara tais como alunos, professores e funcionários, entre outros, se irritavam inúmeras vezes com ela devido a sua instabilidade de humor, porém as pessoas que possuíam uma relação mais estreita com a mesma já estavam acostumadas (FERREIRA-SANTOS, 1976).

As falas das egressas são impregnadas desse dualismo. Ao mesmo tempo em que as alunas do internato destacam seu lado maternal, muitas vezes esse se dá de forma velada, como cobrir as alunas do internato ao adormecerem e por outras vezes destacam-se a verticalização das relações e instabilidade do humor da docente.

Bom, ela²¹ dizia que a gente não era empregada de doente, isso ela [...] até [...] você já deve ter ouvido falar [...] ela não admitia que a gente usasse esse termo, a gente não era funcionária do doente, [...] a gente protegia os doentes, a gente dava cuidados de Enfermagem para o doente, mas, não era funcionária dele [...]. **(Laélia - Interna)**.

O conhecimento específico integrado com os outros conhecimentos dentro de uma linha que chamaríamos de interdisciplinaridade para poder dar um atendimento integral às necessidades do indivíduo. Sinto que o nosso aluno atualmente não valoriza muito essas coisas, e era o ponto que a Dona Glete, mesmo em sala de aula, nas conversas que surgiam durante as refeições e, mesmo durante as atividades sociais. **(Vanda - Externa)**.

[...] ela¹² tinha uma concepção, uma ambição da Enfermagem ser uma profissão de status social e status profissional. Para ela o enfermeiro tinha de ser uma pessoa culta, uma pessoa com bons modos, uma pessoa com certa postura e muito conhecimento da profissão e de cultura geral. Não sei se tinha aquela coisa de abnegação, de que a gente fala: *- enfermeiro profissão de abnegação*. **(Éria - Externa)**.

²¹ Menção à Profa. Glete de Alcântara

Naquele tempo tinha de ter vocação, ela também não falou muito sobre isso. Glete dizia: - *tem que fazer isso, não fez, então não fica na Enfermagem, se não preencher certos pré-requisitos!* E a pessoa também deve ter potencial para outras coisas, então, o que eu não vi foi essa coisa assim de abnegação, caridade, dedicação e sofrimento, porque existe uma imagem social de que ser enfermeiro é quase que sofrer, cuidar do outro, ver a morte, ver sofrimento e eu não senti isso nela, não, ela punha a Enfermagem como qualquer outra profissão, que tem suas vantagens e desvantagens, tem a disciplina, tem a parte prática que você deve saber e a parte teórica estudar muito, eu não a vejo assim com esse ar de Madre Teresa de Calcutá, nunca vi! **(Éria - Externa).**

Observa-se na fala das egressas, a postura da Diretora no sentido de combater os estereótipos que essa localizou em sua Tese de Cátedra, mencionados na categoria preconceito. Nesse sentido, a educação das alunas da primeira turma preparava as mesmas para a observação da realidade e incorporação de atitudes contrárias aos estereótipos estabelecidos no imaginário social.

E naquela época eu não sei se ainda a Escola faz isso, porque eu acredito que atualmente a Escola já [...] a Enfermagem já é conhecida no Brasil, não tem mais necessidade, mas, na minha época a Enfermagem não era conhecida, então a Dona Glete pegava um grupo de alunas, e eu fui como aluna depois eu fui como docente, a gente frequentava as escolas Normais pra fazer referência da Escola de Enfermagem, e convidar quem quisesse fazer Enfermagem pra conhecer a Escola. Não sei se você ficou sabendo [...]? **(Laélia - Interna).**

Eu ainda pensei: - *gente, nós moramos num palácio! De um palácio nós fomos para um cortiço praticamente.* Isso é uma história muito boa. Por que nós moramos num palácio? Porque nós tínhamos uma Glete, que pertencia a uma sociedade, ou melhor, que tinha uma cabeça. Depois precisamos sair do palácio e nos colocaram num lugar que era bem ruim, que era lá nas Mangueiras. **(Éria - Externa).**

As falas acima reforçam o cuidado da EERP-USP não apenas com a visibilidade da enfermeira, mas com as estratégias de recrutamento já apontadas em categorias anteriores.

Como pessoa, a Dona Glete era uma pessoa, de estatura média, mais pra alta em torno de um metro e sessenta e oito por aí, a cor de pele cor de canela, um bronzado, assim, natural, uns olhos verdes, muito expressivos, apesar dela ser prognata, um pouco prognata, mas [...] o conjunto era muito atraente, muito elegante, sempre portava um sapato com saltinho, um colar de pérolas durante todo tempo [...], durante as aulas, trabalhando lá no escritório dela na Escola de Enfermagem, ela era uma mulher muito elegante e de modos bem refinados, como eu disse para você, porque ela era um modelo para Escola de Enfermagem. Ela conseguiu ser esse modelo, na minha opinião, pelo menos naquela turma. **(Vanda - Externa).**

A maior realização da Glete foi [...] ter montado uma escola modelo, apesar de o modelo ter vindo de Toronto, Canadá, com a filosofia de uma escola internacional, porque ela veio de uma escola do exterior. Mas ela conseguiu estruturar uma escola modelo em questão de inovação do currículo, de Ciências Sociais, de Nutrição, um currículo relacionado com a área de humanas, bastante presente, e não só técnico e biológico. Tinha os professores de Sociologia, de Psicologia, de Nutrição e de Inglês. Mas eu sinto que algumas coisas ficaram só na memória. **(Éria - Externa).**

Ela foi a primeira Catedrática do Brasil, ela defendeu uma tese sobre “A visão da sociedade local relacionada à fundação da Escola de Enfermagem” [...] acho que eu tenho até a tese dela aí. A importância desse fato numa época que não havia ainda pós-graduação no Brasil foi de grande relevância para a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto e para o Brasil. Quem teve um papel de destaque também na realização dessa tese, foi a Doutora Célia Ferreira Santos que era Socióloga. A Doutora Célia Ferreira Santos foi professora de Sociologia da Escola de Enfermagem, eu fui aluna dela e ainda hoje mantemos uma certa amizade. [...] E Doutora Célia com essa visão sociológica, ajudou muito a Dona Glete, nas análises, porque ela analisou a questão da aceitação da Escola de Enfermagem aqui numa sociedade rural, como Ribeirão Preto. A mentalidade ainda hoje é rural em Ribeirão Preto, você ainda sente alguns resquícios, mesmo entre os grupos econômicos, que detêm o poder econômico aqui, tem uma mentalidade ainda rural. [...]. **(Vanda - Externa).**

Em relação à tese de cátedra da Glete, é uma tese de teor sociológico para a qual ela recebeu contribuição direta da professora Célia Almeida Ferreira Santos, socióloga e docente da Escola de Enfermagem, docente esta muito prestigiada pela Escola. De uma forma ou de outra Glete foi a primeira enfermeira catedrática da América Latina. A tese foi uma conquista importante, porque respondeu algumas das suas indagações em relação à repercussão e o conceito da Enfermagem na cidade de Ribeirão Preto; eu acredito que com esse trabalho foi possível estabelecer um diagnóstico do conceito de Enfermagem em Ribeirão Preto, após dez anos de existência da Escola de Enfermagem. **(Éria - Externa).**

Como realizações mais importantes da carreira de Dra. Glete de Alcântara as egressas destacam a criação da EERP-USP, o concurso de cátedra, defendido em 1963, a elevação do *status* da profissão na região de Ribeirão Preto. Destaca-se a fala de duas alunas externas sobre a relevante colaboração da docente Profa. Dra. Célia Almeida Ferreira Santos no desenvolvimento da Tese de Cátedra.

Profa. Glete de Alcântara agradeceu a referida colaboração da Profa. Célia Almeida Ferreira-Santos em sua Tese de Cátedra, ao longo de seus agradecimentos, em que mencionou seu auxílio no tratamento dos dados estatísticos, bem como na revisão do manuscrito. Além disso, Profa. Glete de Alcântara em seus agradecimentos destacou outras pessoas que foram importantes nesse processo como o Prof. Dr. Geraldo Garcia Duarte da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, por sua orientação estatística, bem como na pesquisa de

campo; ao Prof. Dr. Paulo Gomes Romeo, Diretor-Superintendente do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, pela cooperação prestada à coleta dos dados da pesquisa; ao Prof. Dr. Luiz Pereira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara; à Profa. Haydée Guanaís Dourado do setor de ensino do Ministério da Saúde, pela revisão dos originais; à Dona Estella Negraes Barbosa, pelo auxílio na datilografia e tabulação do trabalho, ao Prof. Dr. Zeferino Vaz, Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, pelo incentivo durante a realização do estudo, e aos participantes da pesquisa (ALCÂNTARA, 1963a).

E você sabe que a Dona Glete, obrigava a gente fazer aula de inglês [...] ela queria que as professoras dela soubessem inglês. Não, pra gente ouvir as palestras, pra gente [...] a gente consultar os livros em inglês, as pesquisas em inglês, a gente tinha [...] era obrigada a ter professor de inglês. Quando vinha dos Estados Unidos, da Inglaterra era inglês. Tinha, na marra! (risos). Quando não entendia perguntava pra ela, quando uma não entendia perguntava pra outra que sabia mais inglês [...] por nossa conta, mas, era obrigado. Era obrigado, hoje eu não sei mais nada, Graças a Deus (risos) [...] não gosto de inglês [...] você gosta? Eu gosto de francês! É bonito, o francês! Não, não sei. Não, mas entendo. [...] entendo tudo! A minha irmã mais velha falava [...] ela gostava muito de francês, mas, ela falava eu não. **(Laélia - Interna).**

Dona Glete deu uma atenção muito especial na qualidade da formação dos alunos. Ela não se preocupava só com a formação profissional, procurava também, desenvolver no aluno o interesse por cultura geral e propiciava isso durante o curso, além das disciplinas básicas formadoras ou profissionalizantes, nós tivemos: a História da Arte, História sobre a música erudita, e também aulas de Inglês. O estímulo de Dona Glete para despertar o interesse por cultura geral, outras línguas, foi um traço importante na formação dos alunos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. **(Vanda - Externa).**

A Escola precisa ter uma formação extramuros, isso sempre foi defendido pela Glete, conhecimentos em artes, em línguas, estar engajada nos acontecimentos culturais, sociais e políticos. Glete era muito preocupada com a imagem do enfermeiro na sociedade. **(Éria - Externa).**

De acordo com os relatos das entrevistadas, Profa. Glete de Alcântara exigia que as estudantes complementassem sua formação agregando as questões culturais, que para ela compunha o papel fundamental na formação da enfermeira, ao mesmo tempo ajudava a promover a visibilidade social das egressas da EERP.

As falas das alunas corroboram a descrição dessas atividades apresentadas por Profa. Celia Almeida Ferreira Santos. Segundo a docente, Profa. Glete de Alcântara estimulava interesse das estudantes por cultura geral, tais como, música erudita, teatro, o ensino da língua estrangeira, literatura, entre outros; além de reforçar “os costumes de boas maneiras e etiqueta” com as alunas. Ela promovia conferências, aula de inglês às alunas, divulgava com

antecedência os filmes de qualidade (que estavam em cartaz dos cinemas locais), entre outros. Além disso, Glete de Alcântara promoveu o programa de aconselhamento às alunas a fim de lhes fornecer apoio e orientações – feitas por uma psicóloga (FERREIRA-SANTOS, 1976).

Profa. Glete de Alcântara possuía preocupação com a formação intelectual e cultural dos estudantes, inclusive na questão da língua. Requisitos que poderiam atender a formação de uma “enfermagem de elite” no município, atraindo candidatas e agregando *status* para a instituição.

Foi de consenso nas entrevistas, que a principal disciplina ministrada por Profa. Glete era História da Enfermagem. Algumas alunas citam também a disciplina de ética. Fato que condiz com sua tese de cátedra, visando a cadeira de Ética e História da Enfermagem.

De acordo com Heller (2008), a vida cotidiana é heterogênea e dotada por uma hierarquia que vai ao encontro das significações e importância que atribuímos às atividades do cotidiano. Entretanto, essa hierarquia pode ser mutável em função das diferentes estruturas sociais e econômicas em que o indivíduo está inserido.

Assim, sobre a presente análise do *corpus* documental sobre o cotidiano das alunas pioneiras, poderia-se inferir que a atividade de intercâmbio foi a que mais se destacou no cotidiano das egressas. Entretanto, o fato do projeto de pesquisa matriz do qual a presente pesquisa é um subproduto, apresenta questões direcionadas a figura de Profa. Glete de Alcântara, o que poderia ter provocado um aumento automático nas categorias relacionadas ao intercâmbio com a Diretora. Nesse sentido não se pode determinar hierarquia das categorias.

Conclusão

6 CONCLUSÃO

Na década de 1950, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP enfrentou problemas em divulgar a imagem da enfermeira diplomada em Ribeirão Preto, em função de estereótipos e até mesmo preconceitos relacionados à profissão. A desinformação, da sociedade local, sobre a Enfermagem moderna, configurou-se por distorções e equívocos acerca da profissão e teve impacto no recrutamento de estudantes. Estratégias para minimizar esse cenário, foram utilizadas por Profa. Glete de Alcântara, na tentativa de divulgar a imagem da enfermeira diplomada.

A educação, bem como o emolduramento comportamental das alunas da primeira turma, no que diz respeito à incorporação de atitudes que as tornassem “modelos a ser seguidos” funcionou também como catalizadores da imagem da enfermeira diplomada, e contribuiu para a redução dos estereótipos e da imagem negativa na sociedade sobre a Enfermagem.

Profa. Glete de Alcântara, em todos esses momentos, reforçava o controle comportamental das alunas, para que estas pudessem servir de modelo perante uma sociedade de mentalidade conservadora, onde a mulher não tinha conquistado seu espaço no mercado de trabalho, sendo assim, a escolha por uma carreira profissional era rara para a mulher não apenas na sociedade ribeirão-pretana, mas no país como um todo.

A organização da vida privada das alunas pioneiras da EERP-USP apresentou-se como espaço de ensino sobre postura, etiqueta e bons modos em geral, entrando, inclusive no âmbito da qualidade dos alimentos ingeridos e vestimenta pessoal. Nesse espaço privado são sinalizadas algumas evidências de influência do contexto canadense no “emolduramento” comportamental das estudantes.

Nota-se que no momento das refeições, Profa Glete de Alcântara sentava-se à mesa juntamente com as alunas, talvez por se tratar de um grupo reduzido, propiciando, segundo as falas das entrevistadas, o que parecia ser um espaço de proximidade, algo que na fala das alunas confundia-se, algumas vezes, com o espaço familiar, principalmente para as internas.

Entretanto, verificam-se estratégias utilizadas pela docente no sentido de demonstrar que as relações hierárquicas existiam e deveriam ser respeitadas, e que ela encontrava-se no topo da hierarquia.

Ressalta-se que esses momentos cotidianos, constituíam espaço de assimilação e manipulação das coisas, tais como os “bons modos” à mesa de refeições, etiqueta, assim como

espaço de sanções normalizadoras. Portanto, os aprendizados e assimilações, obtidos por meio do estabelecimento das relações sociais ou intercâmbio, promovia o amadurecimento das alunas frente às expectativas da comunidade que estavam inseridas.

Na organização da vida privada observa-se o estabelecimento de uma vigilância hierárquica no sentido de promover o controle das estudantes. Dentro dessa vigilância hierárquica encontram-se o casal Sr. Sebastião e Dona Ophélia, os docentes e no topo dessa hierarquia estava Profa. Glete de Alcântara.

Vale ressaltar que, a vigilância hierárquica, bem como as regras estabelecidas por meio das sanções normalizadoras, perpassa por todos os espaços do cotidiano das alunas, seja no que se refere à organização da vida privada (nas questões das refeições, de vestimentas e comportamentais), seja na organização do trabalho (nas atividades curriculares, aulas e estágios), ou mesmo nos momentos de lazer sendo, assim, havia vigilância constante, mesmo que de maneira implícita ou velada. Apesar disso, foram relatadas ações e estratégias que subverteram a ordem estabelecida tanto no espaço privado quanto no trabalho.

A questão do descanso das alunas ter sido pouco destacada, pode ter sido reflexo de extensa jornada de trabalho, e o entendimento desse como algo inerente ao trabalho do enfermeiro, mas que não fica claro no discurso das egressas, apesar de indícios apontarem situação semelhante na *Facult of Nursing of Toronto* no Canadá.

As atividades relacionadas ao lazer das alunas compunham atividades extracurriculares como festas, bailes, jantares, saraus entre outras, algumas dessas atividades eram promovidas pelo Centro Acadêmico, que tinha como um de seus objetivos, promover a sociabilidade das alunas através de atividades culturais e de lazer. Os momentos de lazer constituíram importante espaço nas relações de intercâmbio, seja entre as próprias alunas, com os professores, ou com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP.

As relações de intercâmbio configuram elemento importante no cotidiano das alunas, destaca-se o intercâmbio das alunas com Profa. Glete de Alcântara, e o dualismo no discurso das alunas, sobre a Diretora que oscila entre relatos de rigidez e austeridade, e maternalismo.

O impacto dessas estratégias pode ser observado nas falas das egressas uma vez que a maioria interessou-se pela EERP-USP direta ou indiretamente através de palestras, prospectos, jornais, entre outros. A visibilidade e o status da EERP-USP também foram ampliados com a mudança da sede da EERP-USP, em 1955, para o Palacete Innechi.

Dentre as estratégias para legitimar a imagem da enfermeira diplomada em Ribeirão Preto, destacou-se a utilização do uniforme, da touca, os ritos institucionais como a cerimônia de colação de grau, e missa de formatura, além das estratégias de marketing mencionadas.

Observam-se que estratégias de controle comportamental, assimilação de atitudes correspondiam a uma normativa própria institucional, assim como a ampliação do capital cultural das estudantes, com vestígios de influência canadense no ensino e no comportamento.

Verifica-se que muitas ações da Profa. Glete de Alcântara destinadas ao molde de “estudantes de elite” aparentava uma tentativa de mostrar à sociedade a enfermeira diplomada e aumentar o recrutamento de estudantes.

Entretanto, deve-se questionar também a ideologia desta formação enquanto possibilidade de domínio do campo acadêmico da Enfermagem no cenário brasileiro visto a formação de enfermeiros preparados técnica e cientificamente, além de uma formação cultural e capacitação para uma futura globalização através do domínio de línguas estrangeiras. Esta preparação possibilitaria às egressas da EERP, disputar bolsas internacionais como as da Fundação Rockefeller, Fundação Kellog, assim como cargos de prestígio no campo da Enfermagem.

Referências

7 REFERÊNCIAS

1. ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
2. ALCÂNTARA, G. Enfermagem: pessoal e suas categorias funcionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n.1 p. 81-92, 1958.
3. _____. A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira. Ribeirão Preto: 1966. 117 p. **Tese** (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1963a.
4. _____. **Memorial**. 1963. 18p. Concurso para Docência. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1963b.
5. _____. Resenha Histórica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v.15, n.2, p.88-91, 1962.
6. ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. São Paulo. McGraw-Hill, 2006.
7. ANGERAMI, E. L. S. 40 Anos. A maturidade conquistada. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 05-20, 1993.
8. AYRES, L. F. A; AMORIM, W. M.; PORTO, F.; LUCHESI, L. B. As enfermeiras visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública do início do século XX. In: PORTO, F; AMORIM, W. M. (Org.). **História da Enfermagem: identidade, profissionalização e símbolos**. São Caetano do Sul: Yendis, 2010, p. 127-218.
9. BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. **A luta da Enfermagem por um espaço da universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
10. BAPTISTA, W. A. Enfermagem no Brasil. In: ANGERAMI, E. L. S.; PELÁ, N. T. R. (org.). **Glete de Alcântara: Vida e obra**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976. 71p.
11. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2005. 281p.
12. BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da Enfermagem no Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.7, n.3, p. 87-93, 1999.

13. BATES, C. The nurse's cap: symbol of a profession. In: BATES C, DODD D, ROUSSEAU N. (org). **On all frontiers: four centuries of Canadian nursing**. Quebec: University of Ottawa and Canadian Museum of civilization Corporation; 2005.
14. BERG, B. L. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. 5ed. Boston: Pearson Education, 2004.
15. CAMPOS, E. S. (org.) **História da Universidade de São Paulo**. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
16. CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem: 1926-1976**. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 1976, 514p.
17. CARVALHO, A. C. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – Resumo Histórico 1942-1980, **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 14, p. 12-71, 1980.
18. COELHO, C. P. **Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história, nossas memórias**. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1997. 224p.
19. COUTINHO, C. N., KONDER, L. **Nota sobre Agnes Heller**. (p.07-10) In: HELLER, A. O cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
20. FERREIRA-SANTOS, C. A. A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional. Obstáculos à sua Expansão na Sociedade Brasileira. (p.55-67) In: ANGERAMI, E. L. S.; PELÁ, N. T. R. (org.). **Glete de Alcântara: Vida e obra**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976. 71p.
21. FERREIRA-SANTOS, C. A. Exercício Profissional. (p.19-27) In: ANGERAMI, E. L. S.; PELÁ, N. T. R. (org.). **Glete de Alcântara: Vida e obra**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976. 71p.
22. FISHER-MIRKIN, T. **O Código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
23. FOONG A. L., ROSSITER, J.C., CHAN, P. T. Socio-cultural perspectives on the image of nursing: the Hong Kong dimension. **Journal of Advanced Nursing**, v. 29, n.3, p. 542-548, 1999.
24. FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 36. ed., Petrópolis, Vozes, 2009.
25. GEOVANINI, T. Uma abordagem dialética da Enfermagem. In: GEOVANINI, T. et al. **História da Enfermagem: versões e interpretações**. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter Editora, 2005. p. 3-60.

-
26. GERMANO, R. M. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Ed. Cortez, 1983.
27. HELLER, A. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
28. HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A Invenção das tradições**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
29. IBGE. **Tendências Demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos de 1940 e 2000. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; 2000 Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf>. acesso em 21 fev. 2012.
30. LE GOFF, J. **A História Nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
31. LEVIGARD, E. Y.; BARBOSA, R. M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, 2010.
32. LUCHESI, L. B. et al. .Elaboração de instrumento para análise da imagem do enfermeiro frente a alunos do ensino médio. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 09 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000200003>.
33. LUCHESI, L. B.; PAUL, P.; MENDES, I. A. C. Imagem da Enfermagem em artigos de pesquisa: uma revisão de literatura. **Journal of Nursing UFPE**, Recife, v.7, n. 9, p.5686-5694. Edição especial, 2013.
34. LUCHESI, L. B. et al. O projeto turmas 1957-1987: resgatando a identidade dos personagens. In: IV Semana Profa.Glete de Alcântara e I Mostra Científica de História da Enfermagem, 2007, Ribeirão Preto. **ANAIS DO EVENTO: IV Semana Professora Glete de Alcântara e I Mostra Científica de História da Enfermagem**. Ribeirão Preto: Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, p. 20-25, 2007.
35. LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
36. MARTINS, M. A. F; GUERRA, D. R; GUEDES, M. V. C. Libertas que serás Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 511-522, 1998.

-
37. MAURO, J. E. M., NOGUEIRA, A. R. **A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP: Primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores.** Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2004.
38. MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2005. 79p.
39. MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: Como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.
40. MEIRELLES, M. R.; AMORIM, W. M. O Cotidiano dos alunos na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1949-1956). **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.16, n.6, p. 1005-1011, 2008.
41. MOREIRA, A. A profissionalização da Enfermagem. In: OGUISSO, T. (org) **Trajetória histórica e legal da Enfermagem.** Barueri: Manole, p. 98-119, 2005.
42. MOTT, M. L. Revendo a História da Enfermagem em São Paulo (1890 – 1920). **Cadernos Pagu**, v.13, p. 327-355, 1999.
43. POLIT, F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
44. OGUISSO, T. Florence Nightingale. IN: OGUISSO, T. (org). **Trajetória histórica da Enfermagem.** Barueri, SP: Manole, 2014.
45. OGUISSO, T; DUTRA, V. O.; CAMPOS. P. F. S. **Cruz Vermelha Brasileira: Filial do Estado de São Paulo “Formação em Tempo de Paz”.** Barueri, SP: Manole, 2009.
46. PINHEIRO, M. R. S. Formação profissional. In: ANGERAMI, E. L. S.; PELÁ, N. T. R. **Glete de Alcântara: Vida e obra.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976. 71p.
47. PORTO, F. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925).** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
48. PORTO, F. et al. Imagem Pública da Enfermeira Brasileira: Curso de Enfermeiras da Assistência Particular Nossa Senhora da Glória (1920-1928). **Cultura de los Cuidados**, a.16, n.32, p. 47-58, 2012.
49. RODRIGUES A.; ASSMAR E. M. L.; JABLONSKI B. **Psicologia social.** 22. ed. Petrópolis: Vozes; 2003.

50. ROJAS SORIANO, R. **Manual de Pesquisa Social**. Tradução Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2004. 343p.
51. ROSSLER, J. H. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, Apr. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 09 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000100007>.
52. ROTHCHILD, H. A. Aspectos culturais e personalidade de Glete de Alcântara. In: ANGERAMI, E. L. S.; PELÁ, N. T. R. (org.). **Glete de Alcântara: Vida e obra**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1976. 71p.
53. SÃO PAULO. (ESTADO). **Lei nº 1.467, de 26 de dezembro de 1951 de São Paulo**. Dispõe sobre organização e finalidade da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Disponível em: [http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19511228&Caderno= Poder%20 Executivo&NumeroPagina=2](http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19511228&Caderno=Poder%20Executivo&NumeroPagina=2). Acesso em: 01 de maio de 2014.
54. SANTOS, R. M. et al. A enfermagem como objeto da História: uma reflexão sobre o tema. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.54, n.4, p. 638-44, 2001.
55. SAUTHIER J. Memória e história: O Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v.4, n.3, p. 339-346, 2000.
56. SIMIELE, M. F. et al. Rito Católico e Imagem da Enfermeira (1957). **Aquichan**, Bogotá, v. 14, p. 109-118, 2014.
57. SILVA, G. B. **Enfermagem Profissional: análise crítica**. São Paulo: Cortez, 1986.
58. SILVA, A. C. M. et al. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo: rito de passagem da lâmpada (1957). In: VI Semana Professora Glete de Alcântara e III Mostra Científica de História da Enfermagem, 2009, Ribeirão Preto-SP. **Anais da VI Semana Professora Glete de Alcântara e III Mostra Científica de História da Enfermagem. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP**, 2009. p. 36-38.
59. SILVA, M. R. G.; GALLIAN, D. M. C. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942). **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000200024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000200024>.

60. SPOUSE, J. An impossible dream? Images of nursing held by pre-registration students and their effect on sustaining motivation to become nurses. **Journal of Advanced Nursing**, v. 32, n. 3, p. 730-739, 2000.
62. VANNUCCHI, A. C. **Um álbum fotográfico de família Innecchi**. Trabalho de conclusão de Curso Licenciatura em História Centro Universitário Barão de Mauá, 2011.

Apêndices

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas do Projeto Matriz

Rede 1: alunos residentes no internato

1. Como foi a sua inserção na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP)?
2. Como era a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto no período de sua formação?
3. Como você percebia Glete de Alcântara no cotidiano da EERP?
4. Como era a relação de Glete de Alcântara com os alunos?
5. Como era a relação de Glete de Alcântara com os docentes?
6. Como era a relação de Glete de Alcântara com os funcionários?
7. Como foi a experiência de ser aluna do internato?
8. Glete de Alcântara tratava os alunos de forma homogênea?
9. Glete de Alcântara buscava moldar o comportamento dos estudantes, docentes ou funcionários? De que forma?
10. Como era a relação dos alunos com os estudantes de medicina e médicos no cotidiano e no trabalho?

Rede 2: alunos não residentes no internato

1. Como foi a sua inserção na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto?
2. Como era a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto no período de sua formação?
3. Como você percebia Glete de Alcântara no cotidiano da EERP?
4. Como era a relação de Glete de Alcântara com os alunos?
5. Como era a relação de Glete de Alcântara com os docentes?
6. Como era a relação de Glete de Alcântara com os funcionários?
7. Glete de Alcântara tratava os alunos de forma homogênea?
8. Glete de Alcântara buscava moldar o comportamento dos estudantes, docentes ou funcionários? De que forma?
9. Como era a relação dos alunos com os estudantes de medicina e médicos no cotidiano e no trabalho?

Anexos

ANEXOS

ANEXO 1 - Convite de Formatura da Primeira Turma EERP-USP.

<p style="text-align: center;"><u>JURAMENTO</u></p> <p>NA PRESEÇA DE DEUS E DESTA ASSEMBLEIA PROMETO:</p> <p>PRATICAR COM FIDELIDADE A MINHA PROFISSÃO;</p> <p>DEDICAR-ME À PROMOÇÃO DO BEM ESTAR DOS DOENTES A MIM CONFIADOS;</p> <p>ABSTER-SE DE TUDO QUANTO FOR PERJURIO OU CONTRÁRIO AO MEU DEVER;</p> <p>NÃO TOMAR, NEM CONSCIENTEMENTE MINISTRAR DROGAS NOCIVAS;</p> <p>GUARDAR SEM DESFALECIMENTO O SEGREDO PROFISSIONAL DURANTE TODA A MINHA VIDA;</p> <p>AUXILIAR COM INTEIRA LEALDADE OS MÉDICOS EM SEUS TRABALHOS E PESQUISAS;</p> <p>FAZER TUDO QUE ESTIVER EM MEU PODER PARA MANTER E ELEVAREM OS IDEIAS DA MINHA PROFISSÃO.</p>	<p>PARANINFO:</p> <p>Exma. Sra. Diretora Gleite Alcantara</p> <p>MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE:</p> <p>Exma. Prof. Gabriel Silvestre Teixeira de Carvalho</p> <p>DIRETOR DA FACULDADE DE MEDICINA:</p> <p>Exma. Prof. Zeterino Vaz</p>	<p>As diplomandas da 1.ª turma da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, têm o prazer de convidar V. Excia. e Exma. Família, para as solenidades da sua formatura, a realizar-se em 21 de Dezembro de 1957.</p> <p style="text-align: center;"><u>P R O G R A M A</u></p> <p>As 8,30 horas:</p> <p>Missa solene, em ação de graças na Capela Sagrada Coração de Jesus, da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto.</p> <p>As 20,30 horas:</p> <p>Colação de grau no Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto</p>
<p>Carmen Sílvia M. B. Martinelli - (oradora)</p> <p>Geraldina Passeri</p> <p>Libânia Meirelles</p> <p>Maria Ana Cerchiano</p> <p>Zaira Benedini</p> <p>Emília L. Saporiti</p> <p>Lydia Ferreira</p> <p>Luzia Aparecida Urbano</p> <p>Odete Ap. de C. Bocchi</p> <p>Wilma Aquino</p>	<p>Remt. : ESCOLA DE ENFERMAGEM</p> <p>Rua Duque de Caxias, 827</p> <p>Caixa Postal 832 - Telefone 2807</p>	<p>ESCOLA DE ENFERMAGEM</p> <p>DA</p> <p>FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO</p> <p>DA</p> <p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</p> <p style="text-align: right;"><i>Formandas de 1957</i></p>

ANEXO 2 - Aprovação Comitê de Ética

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo
Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para
o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Av. Bandeira, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 249/2008

Ribeirão Preto, 27 de novembro de 2008

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 112ª Reunião Ordinária, realizada em 26 de novembro de 2008.

Protocolo: nº 0970/2008

Projeto: ORIGENS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO SOB A ÓTICA DE GLETE DE ALCÂNTARA.

Pesquisador: Luciana Barizon Luchesi

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profª Drª Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Profª. Drª Luciana Barizon Luchesi

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP